



Acesse www.mec.gov.br ou ligue 0800 616161



Ministério
da Educação



LÍNGUA PORTUGUESA

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

TP3

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA

Presidência da República

Ministério da Educação

Secretaria Executiva

Secretaria de Educação Básica

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 3

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

**Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de
Tecnologias para a Educação Básica**

Coordenação Geral de Formação de Professores

Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II

Língua Portuguesa

Organizadora

Silviane Bonaccorsi Barbato

Autores

Cátia Regina Braga Martins - AAA4, AAA5 e AAA6
Mestre em Educação
Universidade de Brasília/UnB

Leila Teresinha Simões Rensi - TP5, AAA1 e AAA2
Mestre em Teoria Literária
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP

**Maria Antonieta Antunes Cunha - TP1, TP2, TP4, TP6
e AAA3**
Doutora em Letras - Língua Portuguesa
Professora Adjunta Aposentada -
Língua Portuguesa - Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais/UFGM

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa - TP3, TP5 e TP6
Doutora em Linguística
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Linguística - Instituto de Letras
Universidade de Brasília/UnB

Silviane Bonaccorsi Barbato - TP4 e TP6
Doutora em Psicologia
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Guias e Manuais

Autores

Elciene de Oliveira Diniz Barbosa
Especialização em Língua Portuguesa
Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino
Doutora em Filosofia
Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP
Professora Adjunta - Instituto de Psicologia
Universidade de Brasília/UnB

Paola Maluceli Lins
Mestre em Linguística
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Ilustrações

Francisco Régis e Tatiana Rivoire

DISTRIBUIÇÃO

SEB - Secretaria de Educação Básica
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, 5o Andar, Sala 500
CEP: 70047-900 - Brasília-DF - Brasil

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.
QUALQUER PARTE DESTA OBRA PODE SER REPRODUZIDA DESDE QUE CITADA A FONTE.
Todos os direitos reservados ao Ministério da Educação - MEC.

A exatidão das informações e os conceitos e opiniões emitidos são de exclusiva responsabilidade do autor.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC)**

**Programa Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. Língua Portuguesa: Caderno de Teoria e
Prática 3 - TP3: gêneros e tipos textuais. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação
Básica, 2008.
196 p.: il.**

**1. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar. 2. Língua Portuguesa. 3. Formação de Professores.
I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.**

CDU 371.13

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

**PROGRAMA GESTÃO DA
APRENDIZAGEM ESCOLAR
GESTAR II**

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DOS
ANOS/SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DE TEORIA E PRÁTICA 3

GÊNEROS E TIPOS TEXTUAIS

BRASÍLIA
2008

Sumário

Apresentação.....	5
--------------------------	----------

PARTE I

Apresentação das Unidades.....	9
---------------------------------------	----------

Unidade 9: Gêneros textuais: do intuitivo ao sistematizado.....	11
--	-----------

Seção 1: O conhecimento intuitivo de gêneros.....	13
--	-----------

Seção 2: Gêneros textuais e competência sociocomunicativa.....	24
---	-----------

Seção 3: Classificando gêneros textuais.....	31
---	-----------

Leituras sugeridas.....	41
--------------------------------	-----------

Bibliografia.....	42
--------------------------	-----------

Ampliando nossas referências.....	43
--	-----------

Correção das atividades.....	47
-------------------------------------	-----------

Unidade 10: Trabalhando com gêneros textuais.....	53
--	-----------

Seção 1: Gênero literário e não-literário.....	54
---	-----------

Seção 2: O gênero poético.....	65
---------------------------------------	-----------

Seção 3: Uma subclassificação do gênero poético: o cordel.....	74
---	-----------

Leituras sugeridas.....	86
--------------------------------	-----------

Bibliografia.....	87
--------------------------	-----------

Correção das atividades.....	89
-------------------------------------	-----------

Unidade 11: Tipos textuais.....	95
--	-----------

Seção 1: Seqüências tipológicas: descrição e narração.....	96
---	-----------

Seção 2: Seqüências tipológicas: os tipos injuntivo e peditivo.....	108
--	------------

Seção 3: Seqüências tipológicas: o tipo dissertativo.....	114
--	------------

Leituras sugeridas.....	124
--------------------------------	------------

Bibliografia.....	126
--------------------------	------------

Ampliando nossas referências.....	127
--	------------

Correção das atividades.....	131
-------------------------------------	------------

Unidade 12: A inter-relação entre gêneros e tipos textuais.....	139
--	------------

Seção 1: Gêneros textuais e seqüências tipológicas.....	140
--	------------

Seção 2: Seqüências tipológicas em gêneros textuais.....	150
---	------------

Seção 3: A intertextualidade entre gêneros textuais.....	162
---	------------

Leituras sugeridas.....	172
--------------------------------	------------

Bibliografia.....	173
--------------------------	------------

Correção das atividades.....	175
-------------------------------------	------------

PARTE II

Lição de casa 1.....	183
Lição de casa 2.....	185

PARTE III

Oficina 5.....	189
Oficina 6.....	192

Apresentação

Bem-vindo aos estudos continuados de Língua Portuguesa!

Esperamos que você seja nossa companhia por um bom tempo, e que esta convivência seja enriquecedora tanto para nós como para você.

Você já teve as informações básicas sobre a estrutura do GESTAR II e as características e a organização dos cadernos de Teoria e Prática.

Queremos lembrar-lhe aqui a organização dos dois módulos que constituem o nosso curso completo. No Módulo 1, dividido em 3 cadernos de Teoria e Prática, vamos procurar construir ou rediscutir com você os pontos mais importantes do ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, aqueles que constituem a base mesma para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. Estaremos, ao longo deste primeiro módulo, construindo e reelaborando conceitos que nos parecem fundamentais para você, por sua vez, construir ou reelaborar uma nova prática pedagógica.

Assim, vamos não só discutir conceitos como variação lingüística, texto, intertextualidade, gramática, arte e literatura, gêneros textuais, mas vamos mostrar como esses conteúdos podem e devem entrar nas suas aulas para alunos dos 3º e 4º ciclos.

O TP1 trabalha o texto e as variantes da língua como decorrentes da relação entre linguagem e cultura; o TP2 aborda as análises lingüísticas e literárias, e o TP3 discute as questões ligadas à nova conceituação de gêneros dos textos e de tipos de discursos.

Esses estudos iniciais pavimentarão o caminho para o Módulo 2, que vai sistematizar o trabalho em torno da leitura e da produção de textos, que, no primeiro, aparecem sobretudo como atividades.

Nossa expectativa é que essa organização seja uma forma bastante eficaz de ajudá-lo a reavaliar e redirecionar, quando necessário, seus conhecimentos e sua prática, para melhor atingir seus objetivos no trabalho com seus alunos.



PARTE I

TEORIA E PRÁTICA 3

- Unidade 9
- Unidade 10
- Unidade 11
- Unidade 12

GESTAR TP3

GESTAR II

TP3 - Língua Portuguesa

Caro Professor, cara Professora,

Já vimos nas unidades anteriores que o trabalho com a linguagem tem muito a ver com o contexto sociocultural em que a usamos. Por isso, foi importante ver como as variantes lingüísticas mostram nossa identidade cultural. Vimos também como a linguagem, além de ser importante instrumento na nossa comunicação, pode ser empregada com objetivos estéticos, como pode ser arte... Análises lingüísticas, como abordamos no caderno de TP 2, envolvem conceitos gramaticais, mas vão mais além: mostram como podemos tornar nossa comunicação e nossas ações pela linguagem mais eficientes.

Como você poderá perceber, continuamos adotando a concepção de que nosso desempenho lingüístico se dá por textos – e não por frases ou palavras – mas não descuidaremos de que é por meio de frases e de palavras que os textos se constroem. Por isso, as unidades deste caderno apontam para duas direções: o texto como atuação social e o texto como organização de informações. Essas duas dimensões textuais estão intimamente inter-relacionadas, mas vamos olhá-las separadamente, apenas para fins didáticos.

A abordagem do texto na sua dimensão social e cultural leva a classificá-lo quanto ao gênero. É o que faremos nas unidades 9 e 10, em que analisaremos os textos quanto às suas funções culturais e sociais – para classificar os gêneros – e caracterizaremos alguns deles em maior detalhe. A abordagem na dimensão informacional leva à classificação de tipos textuais, como as conhecidas narração e dissertação, por exemplo. Na unidade 11 conceituaremos e classificaremos tipos, em oposição a uma classificação de gêneros. E depois, na unidade 12, veremos como as duas classificações se correlacionam.

É importante ressaltar aqui que análises e classificações tendem a separar o inseparável; por isso, não podemos esquecer que o texto é uma rede de articulações e que focalizar cada uma delas em separado objetiva meramente revelar os processos de como um texto se constitui, tanto no seu interior quanto na sua relação com o mundo e com os usuários da língua.

Isso significa dizer que o texto se constrói estabelecendo significados em determinados contextos. Como significados estão ligados ao conhecimento de mundo que cada um de nós tem e esses significados se tecem no texto, é pelo estudo e pela prática de textos que podemos aprimorar nosso desempenho lingüístico. E é também pelo estudo e pela prática de textos que seus alunos poderão ser bem-sucedidos no desempenho lingüístico.

Tipos e gêneros textuais devem, assim, ser vistos, nestes cadernos, como classificações que não se sustentam sozinhas, mas como procedimentos de análise que juntos esclarecem sobre os mecanismos textuais.

O tema transversal que permeará as unidades deste caderno é o trabalho. Essa foi uma escolha proposital: queremos que você, juntamente com seus alunos, reflitam sobre

diversas idéias de trabalho que coexistem na nossa cultura e compreendam porque falar (ou escrever) é uma forma de trabalho.

Os enfoques apresentados nas unidades deste caderno podem trazer algum estranhamento, já que envolvem conceitos não muito familiares à nossa prática docente. Mas esperamos poder contribuir com as sugestões de atividades para seus alunos e com alguns fundamentos teóricos a respeito do assunto.

Esperamos que você seja bem-sucedido e que possamos, de alguma maneira, colaborar para esse sucesso!

Unidade 9

Gêneros textuais: do intuitivo ao sistematizado

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa



Iniciando nossa conversa

Caro professor, cara professora,

O tema motivador destas quatro unidades do TP3 é o trabalho. Na história da humanidade, o trabalho tem representado um dos principais referenciais organizadores do modo de vida e da constituição de valores sociais e pessoais dos membros de uma comunidade. Nas sociedades modernas, trabalho e obtenção de dinheiro estão intrinsecamente ligados. Por isso, muitas vezes não percebemos que algumas de nossas atividades cotidianas não remuneradas também são trabalho.

Enquanto a força de trabalho de uma sociedade de um país consiste de empregados, empregadores, autônomos e desempregados, o trabalho representa para cada um desses indivíduos uma forma de se situar na sociedade – com as consequências pessoais e sociais que daí surgem: conhecendo prestígio ou preconceito, por exemplo. Ao compor a força de trabalho da sociedade a que pertence, cada indivíduo – remunerado ou não – constitui o modo de produção dessa sociedade e nela se constitui cidadão. Por isso, o trabalho é parte integrante da vida de cada um de nós, desde a mais tenra idade desempenhamos atividades que atuam sobre a natureza e sobre nossos concidadãos. E nesse sentido, todos trabalhamos desde o berço...

Nessa perspectiva, a linguagem é um dos nossos mais relevantes trabalhos. Pela linguagem agimos no mundo e nos identificamos como seres humanos, já que é o domínio da linguagem que nos diferencia dos demais habitantes animais do planeta.

Esta pode ser, pois, uma oportunidade para refletir sobre o conceito de trabalho que muitas vezes inconscientemente temos. Mais importante, porém, é refletir sobre as atividades que levam o ser humano a se constituir como tal pelo trabalho.

Com apoio em textos que tratam do tema *trabalho*, vamos também refletir sobre os modos em que esses textos, orais ou escritos, se apresentam; ou seja, sobre suas características em relação ao contexto em que são usados. Ao conjunto dessas características de uso chamamos *gênero textual*. Não trataremos, nesta unidade, de todos os gêneros porque, como você verá, sua classificação é praticamente ilimitada. Em outras unidades posteriores, voltaremos a abordar características que compõem alguns dos gêneros de que mais freqüentemente fazemos uso.

Nesta unidade, que começa pelo nosso conhecimento intuitivo de gêneros, veremos, na seção 1, que, como falantes de uma língua, reconhecemos – e usamos – maneiras diferentes de organizar nossa fala cada vez que estamos em situações diferentes. A seção 2 nos mostrará como os diversos gêneros textuais se relacionam com a situação de produção, como aprendemos a reconhecê-los desenvolvendo a nossa competência sociocomunicativa. Na seção 3, utilizaremos o reconhecimento das diferenças e semelhanças entre os

gêneros para identificar as características que nos levam a classificar um gênero textual como tal – e vendo aí como surgem algumas dificuldades nessa classificação.

Em suma, veremos nesta unidade como, na prática, todos os falantes de uma língua aprendem, juntamente com a aquisição das regras gramaticais dessa língua, a se expressar por meio de diferentes **gêneros textuais**, antes mesmo de aprendê-los na escola. À escola cabe aproveitar esse conhecimento intuitivo, sistematizar e tornar consciente o uso dos diferentes gêneros textuais com os quais convivemos nos diversos níveis das nossas práticas sociais.

A sala de aula é um espaço privilegiado para a tomada de consciência daquilo que entendemos como trabalho e, também, para reconhecermos como os diferentes usos que fazemos da língua materna realizam **gêneros**. Depois de fazer as atividades propostas, esperamos ter ajudado você a preparar atividades que levem seus alunos a reconhecer algumas características de gêneros textuais com os quais já convivem.



Definindo nosso ponto de chegada

Esperamos que depois de realizar as atividades propostas para esta unidade, você seja capaz de:

- 1- Identificar as diferenças e semelhanças na organização dos textos utilizados em diversos contextos de uso lingüístico;
- 2- Relacionar gêneros textuais e competência **sociocomunicativa**;
- 3- Identificar características que levam à classificação de um gênero textual.

Seção 1

O conhecimento intuitivo de gêneros



Objetivo da seção

Identificar diferenças e semelhanças na organização de textos utilizados em diversos contextos de uso lingüístico.

Começemos por observar estas cinco figuras que captam um momento de pessoas em atividade.



Figura 1

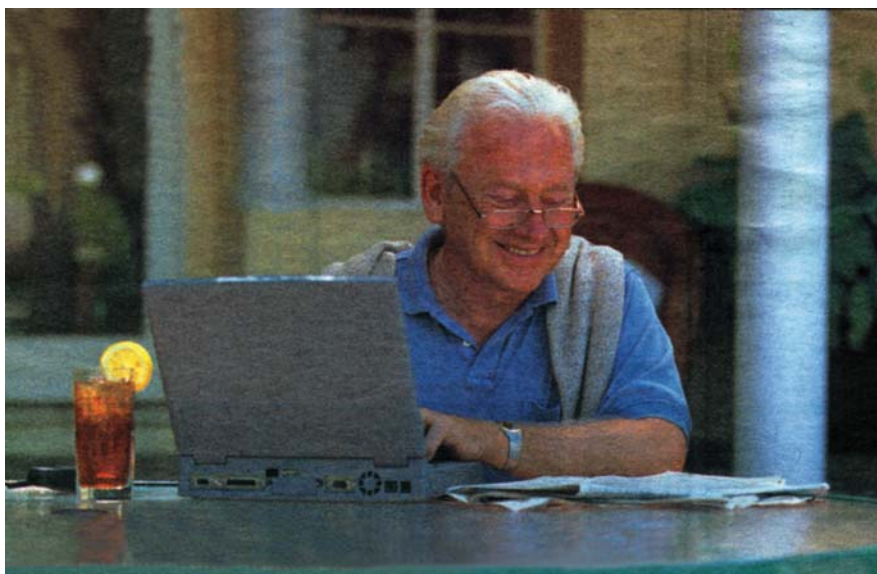


Figura 2



Figura 3



Figura 4

16



Figura 5



Atividade 1

a) Descreva, em poucas palavras, o que você acha que essas pessoas estão fazendo.

Figura 1:

Figura 2:

Figura 3:

Figura 4:

Figura 5:

b) Em que figuras você diria que as pessoas estão trabalhando?

Pois é. Nosso entendimento do que seja trabalho nos leva, como “leitores” dessas imagens, a identificar como *trabalho*, por exemplo, uma, duas ou todas essas atividades. Para alguns, apenas a figura 1 caracteriza “trabalho”; para outros, apenas 4 e 5 não se enquadram como “retratos” de trabalho. Para outros ainda, todas as figuras retratam momentos de trabalho. Todas essas possibilidades estão corretas, de acordo com diferentes idéias que tenhamos de *trabalho*.

No caso dessa coletânea de figuras, identificamos todas as atividades expostas como *trabalho* se tivermos a idéia, por exemplo, de que *trabalho* é “qualquer atividade coordenada dirigida a um determinado fim”, como diz o dicionário. Se, de modo diferente, a idéia for que trabalho está ligado a dinheiro e deve ter, necessariamente, como retorno alguma forma de remuneração, algumas das atividades mostradas podem não se caracterizar como trabalho. Ainda em outra pers-

pectiva, se considerarmos que *trabalho* se opõe a *lazer*, muito provavelmente as figuras 3, 4 e 5 não representarão a idéia de *trabalho*, mas de *lazer*.

Assim como as idéias que temos sobre *trabalho* dependem de nossa vivência, de nossa história de vida, também o reconhecimento dos padrões de organização de textos depende do que já assimilamos sobre o que seja uma biografia, uma receita, uma nota de compra, um bilhete, uma carta, uma propaganda, um sermão, uma conversa de telefone, uma aula, etc.

Mas, antes de avançarmos na reflexão sobre textos lingüísticos, vamos pensar um pouco mais sobre o nosso entendimento, o nosso **conhecimento de mundo** a respeito do *trabalho*.



Atividade 2

Todos nós exercemos diversas atividades no grupo social a que pertencemos.

a) Quais das suas atividades são normalmente consideradas trabalho no sentido estrito?

b) Quais atividades você considera como lazer, embora representem uma “aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim”?

c) Que tipos de trabalho são mais valorizados em sua comunidade?

d) Que tipos de trabalho são menos valorizados em sua comunidade?

e) Há alguma relação entre essa valorização e a cultura escrita?

Não só com respeito ao que uma pessoa e uma comunidade entendem por *trabalho*, de acordo com idéias culturalmente desenvolvidas, também assim nos colocamos como leitores diante dos textos que lemos – ou que ouvimos: “reconhecemos” o que nosso conhecimento de mundo nos “mostra”. Antes de avançarmos na reflexão sobre como os textos estão presentes (ou não) em nossas vidas, façamos uma pausa para refletir como eles podem se apresentar no nosso dia-a-dia.



Recordando

Já vimos que **texto** é toda e qualquer unidade de informação no contexto da interação; entendendo-se interação como uma ação entre sujeitos, entre interlocutores. Vimos também que um texto pode ser oral ou escrito, literário ou não-literário, de qualquer extensão.

Texto 1

19

Carlos Drummond de Andrade

Mineiro de Itabira (onde nasceu em outubro de 1902), quando garoto gostava de ver os grandes vasos cheios de água verde, vermelha, dourada, que decoravam as farmácias naquele tempo. Talvez por isso, tirou o diploma de farmacêutico, depois de um curso de três anos, mas nunca voltou à escola para procurá-lo. Sua vocação não era essa. Era ser escritor. Como, porém, viver de literatura? Então começou a trabalhar como jornalista e funcionário público, a princípio em Belo Horizonte, e finalmente no Rio de Janeiro. Nos intervalos, escrevia poemas e histórias. Hoje são 23 os seus livros publicados, sendo 13 de poesia, 9 de crônicas e 1 de contos. Há traduções de suas obras editadas na Argentina, Chile, Peru, Cuba, Estados Unidos, Portugal, Espanha, França, Alemanha, Tchecoslováquia e Suécia.



Filho e neto de fazendeiros, não gostava da vida na roça, e sentia não ter sabido aproveitar a oportunidade de convívio com a natureza, entre o cafezal e o gado de seu pai, mas se considerava um “fazendeiro do ar”, título que deu a um de seus livros de poesia.

Ele não era visto em reuniões sociais, nem era lá de grandes conversas, a não ser com os amigos mais chegados. Reservava sua ternura para as crianças e os bichos de toda espécie, e procurava estar atento à renovação do mundo na linguagem, nos costumes e nas esperanças do ser humano. Faleceu no Rio de Janeiro em 1987.

Texto 2

Espaguete com Brócolis e Tomate seco

- 400 g de espaguete
- 1 xícara (chá) de brócolis cozidos
- 1 tomate seco em tirinhas
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 1 dente de alho picado
- sal e pimenta-do-reino a gosto



Cozinhe o macarrão em água quente abundante com sal. Escorra e reserve. Em uma frigideira grande, aqueça o azeite e refogue o alho até dourar. Junte o brócolis e o tomate e tempere com o sal e a pimenta-do-reino. Ponha o macarrão, mexa e sirva em seguida.

Texto 3

20



Ajude a gente a combater o desmatamento da Amazônia. Fique sócio do Greenpeace hoje.

Acesse o nosso site
www.greenpeace.org.br
ou ligue 0300 7892510



Atividade 3

Use sua intuição lingüística e seu conhecimento do mundo para identificar os textos acima. Por exemplo, o Texto 1 traz algumas informações que você já viu em outras unidades, quando trabalhou com textos de Carlos Drummond de Andrade. Você poderá reconhecê-lo como uma **biografia** porque, como outros textos semelhantes que você já leu, tem como tema descrever a vida de uma pessoa – neste caso o grande poeta.

a) O que é o texto 2? Por quê?

b) O que é o texto 3? Por quê?

c) A resposta à pergunta do texto 2, “Você não quer contar esta história para seus filhos, quer?”, basta ser sim ou não? Por quê? O que essa pergunta pretende do leitor?

d) Por que as informações do texto 2 podem dispensar a imagem, mas as do texto 3, não?

e) Reflita sobre suas respostas e compare os três textos acima com outros semelhantes, que você já conhecia. São usadas as mesmas palavras e estruturas lingüísticas? O que você identificou de semelhante nos textos comparados, apesar de diferentes, que levou você a reconhecê-los como pertencentes a um mesmo grupo?

No texto 1, você pôde perceber, por exemplo, que as informações estão organizadas em uma seqüência de parágrafos que abordam, cada um, um aspecto da vida de Carlos Drummond de Andrade. O tema – a vida de um escritor famoso – é fundamental para que o texto seja identificado como uma biografia, não importando exatamente que tipos de informações são expressas: podem tender mais para o lado pessoal, ou mais para o lado profissional, ou mais para as razões de suas escolhas, ou mais para a descrição de sua obra...

Já no texto 2 podemos reconhecer duas partes distintas – fora a figura – organizadas textualmente de forma diferente uma da outra. Uma parte é a enumeração dos ingredientes, a outra, o modo de preparar o prato. Nesse caso, tanto o tema quanto a forma de dispor as informações no texto são importantes. Mesmo que não esteja explicitado o subtítulo “modo de preparo”, nossa experiência de mundo preenche essa lacuna e entendemos o trecho que deve ser assim interpretado.

No terceiro texto, o completo entendimento da mensagem depende tanto do que diz o texto lingüístico como o que “diz” a imagem. Depende também de o leitor reconhecer a figura clássica de Chapeuzinho Vermelho – usando a capinha e o capuz vermelhos, carregando a cestinha. Mais importante ainda é saber que o conto de Chapeuzinho Vermelho tem como cenário uma floresta. No entanto, mesmo sendo necessário saber tudo isso, o leitor deve também ser capaz de reconhecer que aqui não se trata da história infantil original, mas de um outro texto que utiliza esse conhecimento para dizer algo diferente: interpretar corretamente o texto 3 depende tanto daquilo que conhecemos sobre contos infantis quanto sobre anúncios publicitários ou propagandas.

22



Recordando

Você já viu, no TP 1, Unidade 4, que chamamos de intertextualidade essa presença de outras “vozes”, de marcas de outros textos, no texto produzido.

Ao comparar essa variedade de textos e identificar no que eles são semelhantes e no que são diferentes, você reconheceu três **gêneros textuais** e percebeu no que se distinguem de outros. Você identificou como gêneros textuais as diferentes maneiras de organizar lingüisticamente as informações no texto. Você reconheceu, por exemplo, que o texto 2 está ligado a atividades de cozinhar. Você reconheceu, por exemplo, que o texto 3 não é o conto infantil, mas que “brinca” com nosso conhecimento sobre conto e nos propõe uma reflexão – e uma solução – a respeito de uma certa realidade para nos “vender” uma idéia.

Para isso não foi necessário conhecer uma classificação prévia; bastou saber ler e exercitar sua competência sociocomunicativa, seu conhecimento de mundo. Você foi capaz de fazer essa identificação porque já conhecia textos parecidos e outros que não têm nada a ver com esses.



Importante

Por enquanto, você não precisa se preocupar com os títulos, nomes ou rótulos que a pesquisa lingüística ou os livros dão aos diferentes gêneros textuais; vamos trabalhar, primeiramente, com nossa intuição de falantes de português, para identificarmos os diferentes modos de organização de alguns textos. Mais tarde, em seções posteriores, buscaremos uma sistematização com classificações e nomenclatura.

De maneira abrangente, podemos identificar como **competência sociocomunicativa** essa capacidade para perceber as diferenças na organização dos textos. Cada um de nós desenvolve diferentes formas de “ver” o mundo, inclusive o mundo das palavras, por diferentes “óculos” que nos são colocados pela cultura em que estamos inseridos e pelas nossas experiências pessoais. Correspondendo a essas diferentes formas de “ver”, agimos e reagimos.

Também no uso da linguagem utilizamos esses nossos “óculos” que adquirimos enquanto vamos aprendendo a falar (e a escrever). Isso a que estamos chamando figurativamente de “óculos” são nossas **competências sociocomunicativas**. Nós, quando crianças, não adquirimos apenas o código lingüístico de nossos pais ou de nossa comunidade, adquirimos também maneiras de “ver” o mundo e organizá-lo lingüisticamente, ou seja, aprendemos também comportamentos lingüísticos: o que pode, ou deve, ser dito, o que não pode, ou não deve, ser dito, como pode, ou deve, ser dito, em qual situação, etc.

23



Importante

Embora as **competências sociocomunicativas** sejam aprendidas intuitivamente junto com as palavras e as estruturas sintáticas de uma língua, elas não são apenas intuitivas ou inconscientes: também podem – e devem – ser aprendidas e ensinadas na escola, ou fora dela.

Sabemos também, por nossa experiência lingüística e conhecimento de mundo, que em algumas situações os textos devem ser escritos, noutras devem ser falados (ou orais); em outras ainda, é indiferente se a modalidade é escrita ou oral. Também os diversos **gêneros textuais** são realizados por textos orais ou por textos escritos.



Atividade 4

Refleta sobre suas práticas com textos orais e escritos.

a) Cite alguns tipos de trabalho que você realiza regularmente em que precise utilizar a língua escrita.

b) Anote algumas diferenças no uso da linguagem e na organização textual desses textos que você lê ou escreve regularmente.

c) As suas formas de comunicação oral nas atividades diárias são sempre iguais? O que faz que você utilize variações na sua maneira de se comunicar por textos orais?

d) Recolha, nas suas práticas sociais, diferentes textos (escritos ou orais) que você intuitivamente reconhece como realização de diferentes gêneros.

24

e) Identifique a finalidade para qual cada um dos textos que você citou acima foi produzido, ou lido, dizendo “tal texto foi produzido para...”



**Indo à sala
de aula**

Leve a reflexão sobre o conceito de trabalho para seus alunos. Organize uma discussão sobre o que cada um costuma identificar como *trabalho*. Utilize gravuras e fotos para que a discussão seja mais estimulante e os textos orais, mais organizados porque apoiados em situações concretas. Mostre que aquilo que entendemos sobre trabalho depende de nossas experiências. Relacione as atividades que eles realizam em sala de aula a *trabalho*.



Avançando na prática

1. Leia com seus alunos a biografia de Carlos Drummond de Andrade, ou de outro autor cujos textos já tenham sido trabalhados em sala de aula.
2. Procure, com seus alunos, em livros didáticos, ou outros ao seu alcance, outros textos biográficos.
3. Analise os textos para que eles identifiquem que tipos de informações constituem um texto biográfico.
4. Proponha que cada um dos alunos elabore sua própria biografia, na terceira pessoa, como foi feita a de Carlos Drummond de Andrade.

Obs. Uma variação sobre essa atividade pode ser, se houver possibilidade, os alunos elaborarem a biografia de alguém importante na escola ou na comunidade.



Resumindo

Gêneros textuais são maneiras de organizar as informações lingüísticas de acordo com a finalidade do texto, com o papel dos interlocutores e com as características da situação.

Aprendemos a reconhecer e utilizar gêneros textuais no mesmo processo em que “aprendemos” a usar o código lingüístico: reconhecendo intuitivamente o que é semelhante e o que é diferente nos diversos textos.

Do mesmo modo que desenvolvemos uma **competência lingüística** quando aprendemos o código lingüístico, desenvolvemos uma **competência sociocomunicativa** quando apreendemos comportamentos lingüísticos. A identificação dos gêneros está incluída nesta competência sociocomunicativa.

Seção 2

Gêneros textuais e competência sociocomunicativa



Objetivo da seção

Relacionar gêneros textuais com competência sociocomunicativa.

Já vimos na seção anterior que, ao utilizarem o código lingüístico na produção e interpretação ou leitura de textos, os sujeitos da linguagem também se envolvem em atividades de interação que “marcam” nos textos as condições em que estes são produzidos. À capacidade de reconhecer e produzir essas marcas chamamos **competência sociocomunicativa**.

Um exemplo que todos nós conhecemos é aquele em que uma determinada pessoa não identifica uma situação de ironia ou de humor e leva a sério alguma coisa que deveria ser apenas uma brincadeira. Há um exemplo de não-reconhecimento das intenções do falante na seguinte anedota:

26

José – Quero convidar você para a festa de quinze anos de minha filha.

Fernando – Aceito com o maior prazer, mas infelizmente só poderei ficar dois anos.



Atividade 5

a) Pela resposta que dá, como você acha que Fernando entendeu a pergunta?

b) Por que nós, leitores, achamos graça desse diálogo e o consideramos uma piada?

Esse diálogo em forma de piada – gênero anedota – ilustra diferenças na apreensão textual que vão além do que é apenas lingüístico no texto. Reconhecer, ou não, a impossibilidade de uma festa ter a duração de quinze anos é parte da competência sociocomunicativa do falante. A expressão “de quinze anos” foi erroneamente tomada, não como qualificação do tipo de festa, mas delimitação do tempo de duração do evento. Do ponto de vista gramatical essa pode ser, perfeitamente, uma das funções da preposição “de”, como em “aula de quarenta minutos”, “jogo de dois tempos”, etc. Somente um conhecimento de mundo elimina tal interpretação, conduzindo o ouvinte à interpretação desejada por José, mas não reconhecida por Fernando. O leitor que reconhece esse mal-entendido reconhece o texto como piada. O leitor que faz a interpretação de Fernando não apreende o humor do texto.



Recordando

Já vimos, na seção anterior, que gêneros textuais são as diferentes maneiras de organizar lingüisticamente as informações no texto. Vimos também que aprendemos a reconhecer e organizar gêneros intuitivamente, junto com o aprendizado da língua.

O contato com textos no nosso dia-a-dia exercita nossa capacidade de reconhecer os fins para os quais este ou aquele texto é produzido. O nível de linguagem, o jogo entre conteúdos explícitos e implícitos, o respeito às relações de interlocução tornam, assim, um texto adequado ou não a sua situação de produção/leitura.

Essas são características que definem o uso de um determinado gênero. Ninguém com um certo desenvolvimento da competência sociocomunicativa pensaria, por exemplo, em escrever um requerimento para pedir que lhe fosse passada a jarra de água à mesa do jantar – a não ser que se tratasse de uma brincadeira. A modalidade escrita e o gênero textual seriam inapropriados para a ocasião. Percebe-se ser, assim, impossível desvincular o gênero textual da situação em que é utilizado o texto.



Importante

Temos aqui um critério de caracterização de gênero textual: gênero é mais uma questão de **uso** do que de **forma** lingüística.

Embora todos nós sejamos capazes de ter intuitivamente desenvolvida essa competência sociocomunicativa, juntamente com a aquisição da língua materna, nossa vida adulta em um mundo letrado exige refinamentos na identificação dos gêneros que devem vir juntamente com o aprendizado sistematizado das regras da língua e da elaboração textual. As dificuldades surgem porque nem todos os gêneros são construídos em situações tão facilmente identificáveis como a da anedota ou a do requerimento à mesa do jantar, exemplificadas acima.

**Recordando**

Já foi visto em outras unidades que, em uma abordagem de língua como interação, locutor e interlocutor, escritor e leitor são co-autores em uma produção textual. Essa co-autoria fica mais clara quando o texto é oral e intervenções do ouvinte ocorrem simultaneamente à enunciação do texto.

Também no texto escrito existe a “presença” em potencial do ouvinte/leitor; cada um de nós faz as adequações necessárias para que o texto cumpra suas finalidades e chegue com a máxima eficácia e clareza de idéias ao leitor. Faz parte da competência sociocomunicativa essa adequação ao contexto; esse “trabalho” para que o leitor – ou o ouvinte – reconheça as intenções do escritor – ou do falante.

**Atividade 6**

a) Como você pediria, oralmente, a um colega seu para lhe emprestar um livro? Tendo em mente esse texto oral, redija um bilhete a esse colega, fazendo o mesmo pedido.

b) Pense na comparação entre os dois textos produzidos – o oral e o escrito – e destaque algumas diferenças, como, por exemplo, na entonação de voz, no endereçamento, nos gestos que acompanham o pedido, etc.

c) Se você não passou por essa experiência, faça uma pesquisa sobre a organização textual de um requerimento. Elabore, então, um texto de requerimento solicitando sua matrícula em algum curso.

d) Compare o bilhete produzido para o colega e o requerimento. Destaque algumas diferenças nos dois textos.

e) Por que ocorrem essas diferenças?

Você pode perceber que, embora os três textos produzidos para a atividade 6 tratem de pedidos, ou solicitações, o nível – formal ou informal – de linguagem, o tipo de situação, a relação social entre os interlocutores e as finalidades das atividades desenvolvidas não são iguais. Por isso, levamos em consideração todos esses elementos como parte integrante das escolhas lingüísticas que fazemos ao construir um texto, tanto oral, quanto escrito. Ou seja: não apenas escolhemos as palavras e as frases para compor um texto, como também “escolhemos” o gênero em que vamos realizar esse texto. E o mais interessante é que muitas vezes sabemos “escolher” esse gênero sem ao menos ter aprendido isso na escola. Sabemos isso, porque desenvolvemos esse conhecimento junto com nossa intuição lingüística.



Importante

Dependendo dos nossos objetivos e da imagem que temos dos nossos interlocutores, fazemos nossas opções lingüísticas, tanto de nível de formalidade da linguagem como de vocabulário, por exemplo. Também, dependendo da situação, escolhemos como vamos organizar a seqüência textual – ou seja, definimos qual gênero será o mais adequado para a comunicação.

Mas é importante destacar que a maior parte dessas escolhas não é livre: existe uma “história cultural” que nos orienta para que, social e culturalmente, cada um de nós também revele sua posição nas redes sociais em que circula – seus papéis sociais – e de que modos queremos que os outros nos vejam. Essa “escolha” do gênero obedece a hábitos culturalmente construídos e a determinações históricas.

Alguns textos têm, assim, definido de antemão, o gênero em que já devem ser produzidos, outros admitem uma certa flexibilidade. O requerimento, que vimos, é uma forma rígida de texto que não admite mudanças. Essa exigência é social, cultural e institucional. Não podemos desrespeitá-la se quisermos ter nosso pedido atendido. Mas uma carta pessoal, por exemplo, pode ser escrita em verso. Um texto argumentativo, que visa convencer o leitor de uma determinada idéia, pode usar uma “historinha” – ou um conto, ou uma ilustração – como argumento. Dependendo da situação de comunicação, existem gêneros que admitem, assim, uma certa “mistura”.



Indo à sala de aula

Mostre a seus alunos, nos livros didáticos utilizados, ou em outros textos que circulam na escola, essa variabilidade nos modos de organização textual. Há textos em forma de diálogo, de histórias, de enumeração de itens... Leve-os a identificar, ainda intuitivamente, **gêneros textuais** diferentes que ocorrem em situações diferentes, observando como a organização lingüística dos textos é variada.

Repetimos: por razões históricas, alguns textos, como o verbete que veremos abaixo, seguem regras rígidas de formulação; outros admitem uma intervenção maior da subjetividade de seu autor. Isso vai depender das relações sociais entre os interlocutores e as finalidades do texto; enfim, da situação sociocomunicativa do texto.

Nossa experiência diária nos coloca frente a frente com diversos gêneros textuais, que podem ser definidos como enunciados relativamente estáveis, mas não estáticos. São estáveis porque podemos ver neles o que têm de igual e o que têm de diferente em relação a outros textos. Considera-se estabilidade o conjunto de marcas na organização textual que nos leva a decidir se um texto é uma carta, uma biografia, uma anedota, uma receita, etc.

Mas estabilidade não quer dizer rigidez, por isso, gêneros textuais não são estáticos: a longo prazo, são suscetíveis às alterações históricas, culturais e sociais no seio das quais se realizam; a curto prazo, podem ter as marcas de estilo dos sujeitos que os produzem.



Atividade 7

Vamos comparar dois gêneros textuais que apresentam uma organização textual mais rígida que muitos outros na língua. Vejamos o que dizem a respeito de *trabalho* um provérbio e o verbete de um dicionário de língua portuguesa:

Texto 1

O trabalho dignifica o homem.

Algumas das acepções do verbete *trabalho* no **Novo Dicionário Aurélio**:

Texto 2

Trabalho. [Der. de *trabalhar*] S. m. 1. Aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim: *O trabalho permite ao homem certo domínio sobre a natureza; Divide bem o tempo entre o trabalho e o lazer.* 2. Atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento: *trabalho especializado; trabalho de responsabilidade.* 3. O exercício dessa atividade como ocupação, ofício, profissão, etc.: *O trabalho de uma dona de casa, de uma costureira, de um advogado.* 4. Trabalho remunerado ou assalariado; serviço: *Os bancários têm seis horas de trabalho.* 5. Local onde se exerce essa atividade: *Meu trabalho fica a dois quarteirões de casa; já lhe dei o meu telefone do trabalho?* 6. Qualquer obra realizada: *Aquela ponte é um belo trabalho de engenharia; O professor publicou um trabalho sobre física nuclear; Possui vários trabalhos de Di Cavalcanti.*

a) Se você estiver procurando saber as significações de trabalho, a qual dos dois textos você recorre? Por quê?

b) Se você quisesse dar um conselho a alguém, qual dos dois textos acima você usaria? Por quê?

c) A partir do verbete acima, identifique as partes que compõem qualquer verbete de dicionário.

d) Liste alguns motivos que justifiquem a razão de um verbete ter essa formatação: diga qual a finalidade, o leitor a que se destina, os objetivos do texto.



Avançando na prática

O tema *trabalho* não é objeto apenas de gêneros textuais tão rígidos como os da atividade 7. Falar ou conversar sobre o tema é uma maneira de construir textos mais flexíveis e criativos. Fazemos esse “jogo”, entre textos de organização fixa e textos mais flexíveis e “soltos”, o tempo todo. Trabalhe esse conhecimento intuitivo com seus alunos.

1. Organize um jogo em sala de aula, com número par de grupos
2. Cada grupo escolhe um porta-voz e um representante para ir ao quadro.

3. Cada grupo deve dar uma “definição” de trabalho cada vez que você disser:

Trabalho é...

4. Depois de uma breve negociação de sentidos em cada grupo, com um tempo que você estipular, o porta-voz dá a resposta pelo grupo.

5. Cada representante escreve no quadro as definições dadas por seu grupo, que devem ser bastante criativas.

6. Os grupos devem ser rápidos, pois o primeiro a falar ganha um ponto.

7. Depois do jogo, todos podem explorar as “definições” do quadro.

8. Se você achar pertinente, utilize as informações do quadro para estimular a elaboração de um texto escrito que focalize o tema.



Resumindo

Toda nossa comunicação se dá por textos. E todo texto, por sua vez, se realiza em um gênero.

Gêneros textuais são realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas; é a situação de produção de um texto que determina em que gênero ele é realizado.

Por isso, gêneros não se definem por aspectos formais ou estruturais da língua: estão ligados à natureza interativa do texto, ou seja, à sua funcionalidade, ao seu uso.

É pelo desenvolvimento da competência sociocomunicativa que aprendemos a organizar e a identificar os diferentes gêneros textuais.

Seção 3

Classificando gêneros textuais



Objetivo da seção

Identificar características que levam à classificação de um gênero textual.

Sempre que nos manifestamos linguisticamente, o fazemos por meio de textos. E cada texto realiza sempre um gênero textual. Vamos analisar como aprendemos a identificar os gêneros.

Os gêneros podem apresentar uma certa “mistura”, nem sempre são um gênero “puro”. Também os “rótulos” que podemos dar aos gêneros não são rígidos. A rigor, o título de “sermão” é, estritamente, reservado para as palavras do sacerdote em cerimônia religiosa: mas quantas vezes um pai (ou mãe) não ouve do filho que “não precisa fazer sermão”? Estará esse pai investido dos sacramentos do religioso? Claro que não! Trata-se apenas de uma “transferência de significado” pela semelhança de finalidade do texto: convencer alguém a mudar o comportamento.

Já trabalhamos, na seção 1, com o gênero “receita”, Vamos comparar a receita já conhecida da seção 1 com outra, a que chamaremos receita 2.

33

Receita 1

Espagete com Brócolis e Tomate seco

- 400 g de espagete
- 1 xícara (chá) de brócolis cozidos
- 1 tomate seco em tirinhas
- 2 colheres (sopa) de azeite
- 1 dente de alho picado
- sal e pimenta-do-reino a gosto



Cozinhe o macarrão em água quente abundante com sal. Escorra e reserve. Em uma frigideira grande, aqueça o azeite e refogue o alho até dourar. Junte o brócolis e o tomate e tempere com o sal e a pimenta-do-reino. Ponha o macarrão, mexa e sirva em seguida.

Receita 2

Lasanha à recessão gratinada**Ingredientes**

1 membro presidenciável da Academia de Letras

1 pitada de violência

1 ano de salário congelado

2 salários de fome (vulgo salário mínimo)

5 cidadãos desnutridos crus

5 baldes de promessas do tipo “prometo zelar pelos interesses do povo brasileiro sem jamais pensar em interesses pessoais”

3 tabletes de clichês famosos como “O Brasil é um gigante adormecido”

Modo de preparar

Deixe de molho por algumas horas, nos baldes de promessas, o ingrediente presidenciável, os salários de fome e os cidadãos desnutridos crus. Agora refogue o salário congelado com a pitada de violência. Misture os ingredientes e leve ao forno quente para gratinar por duas horas. Polvilhe com clichês famosos e sirva em porções mínimas.

(retirado da internet, com adaptações)

34

**Atividade 8**

a) Por que a receita 1 está ligada a atividades de cozinhar, mas a receita 2, não?

b) Observe a estrutura textual das duas receitas: em que elas são diferentes?

c) Com que objetivo, ou finalidade, você acha que foi construído o texto da receita 2?

d) Por que a escolha de organizar as informações da receita 2 em forma de “receita” produz ironia, humor?

A partir dessa atividade 8 podemos concluir que não só as palavras são frequentemente utilizadas em sentido figurado, como também os próprios gêneros. Por isso, classificar gêneros textuais não é seguir uma fórmula lógico-matemática, uma fórmula fixa. Há sobreposições e variações culturais e estilísticas – há “mistura” – porque os contextos sociais não são homogêneos. As intenções dos falantes podem tornar flexível até um padrão mais rígido de gênero textual e “transpô-lo” para situações sociocomunicativas diferentes daquela de seu emprego habitual.



Importante

Todo texto apresenta algo de “igual” e algo de “diferente” de outros textos. O “igual” corresponde ao que é típico da construção textual em determinado contexto social; o que é “diferente” corresponde às marcas dos usuários da língua. A identificação de um gênero depende desse conjunto de fatores, não apenas de um só.

35

Tendo em mente que gênero se identifica pelo uso – porque é no uso que o conjunto de fatores que identificam um gênero ocorre – vamos buscar “pistas” de como se caracteriza essa certa estabilidade em alguns textos da língua portuguesa. Vamos dar preferência a textos escritos pela facilidade que temos aqui, trabalhando com esse suporte de palavras escritas, mas não podemos nos esquecer que tudo que dissermos para a escrita pode, com as devidas adaptações, valer para a oralidade.



Recordando

Vimos na seção anterior que estabilidade nos gêneros textuais não significa que eles sejam rígidos – estáticos –, mas que seguem uma certo “padrão” de organização.

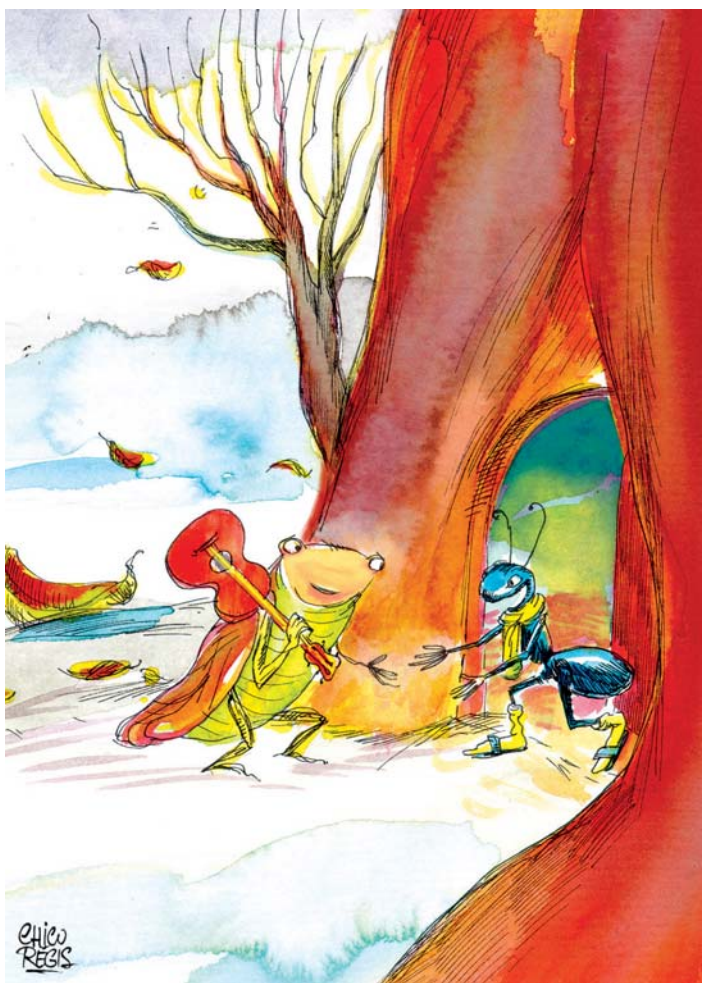
Tomemos como base de nossa reflexão um gênero frequentemente trabalhado em nossas escolas: a fábula. A partir desse gênero tão conhecido, vamos fazer uma reflexão mais profunda a respeito das características que o aproximam de outros textos e permitam identificá-lo como fábula.

Tomemos duas versões que Monteiro Lobato escreveu com base na clássica **Fábula da Cigarra e da Formiga**, originalmente criada por Esopo, um escritor de Grécia antiga. Essa fábula também foi alvo de diversas versões por parte de outros escritores, como, por exemplo, La Fontaine, um poeta francês do século XVII, que lhe deu forma de poesia, como veremos mais adiante.

José Bento **Monteiro Lobato** foi romancista, contista e jornalista brasileiro, nascido em Taubaté (SP) em 1882. Tornou-se mais conhecido por sua obra infantil *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, em que tomam vida personagens como a boneca falante Emília, a menina Narizinho, o menino Pedrinho, o Visconde de Sabugosa, todos convivendo no sítio de Dona Benta, avó das crianças, com Tia Anastácia e muitos outros personagens do folclore brasileiro. Faleceu em São Paulo, em 1948.

A cigarra e as formigas – A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém. Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu –tique, tique, tique... Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina. – Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir. – Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu... A formiga olhou-a de alto a baixo. – E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa? A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse: – Eu cantava, bem sabe... – Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas? – Isso mesmo, era eu... – Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo. A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.



Glossário

Faina: atividade, trabalho, lida.

Tulhas: grande arca usada para guardar cereais.

Labutávamos: do verbo *labutar*, trabalhar duramente.

A cigarra e as formigas – A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta. Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo. A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse. Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou – emprestado, notem! – uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse. Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres. – Que fazia você durante o bom tempo? – Eu... eu cantava!... – Cantava? Pois dance agora, sua vagabunda! – e fechou-lhe a porta no nariz. Resultado: a cigarra ali morreu esticadinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?



Os artistas – poetas, pintores e músicos – são as cigarras da humanidade.



Atividade 9

a) Qual é a idéia de trabalho que está por trás da atitude da formiga má?

b) E por trás da formiga boa?

c) Na comparação entre os dois textos, considerando especialmente os subtítulos, você seria capaz de dizer qual seria a concepção de trabalho de Monteiro Lobato?

d) Diga por que os dois textos mantêm o mesmo gênero textual, apesar das diferenças de informações.

e) Diga por que esses textos são classificados como fábulas. Se necessário, pesquise sobre o assunto.

38



**Indo à sala
de aula**

Leia essas fábulas com seus alunos e discuta com eles sobre o tema, as personagens e os objetivos dos dois textos. Assim eles estarão não só trabalhando a intertextualidade como aprendendo a identificar características de gêneros discursivos, mesmo sem que seja necessária muita teoria sobre isso. A discussão sobre o “rótulo” **fábula** pode ser um dos últimos aspectos a ser trazido para a reflexão.



Atividade 10

a) Escolha algum outro texto que tenha animais como personagens mas que você não reconheça como fábula e justifique, intuitivamente, por que não se trata desse gênero.

b) Identifique a “moral da história” da fábula da formiga má e procure outros gêneros textuais que apresentem a mesma idéia. Transcreva um deles abaixo. Sugestão: pode ser uma lenda, um conto, um artigo de jornal...

c) Você já teve oportunidade de trabalhar com variação lingüística na TP 1, Unidades 1 e 2. Rescreva uma das versões da fábula acima em um dialeto ou registro lingüístico diferente daquele que foi empregado por Monteiro Lobato.

d) Analise seu texto e identifique quem seriam os interlocutores apropriados para produzir esse texto; em que situação social ele seria adequado?

e) O texto que você produziu em (C) continua a ser uma fábula? Por quê?

As atividades desta seção mostram que todo texto se manifesta sempre num ou noutro gênero textual. Mesmo que um gênero seja usado para finalidades diferentes daquelas em que o gênero é normalmente construído, a cada atividade textual corresponde um gênero. Ou seja, para que um texto tenha sua eficácia como trabalho lingüístico, é importante também respeitar as exigências sociais e discursivas de cada situação de comunicação.

Consideramos, assim, que os textos não são independentes das práticas sociais e das práticas discursivas em que são construídos. Entendamos aqui, como práticas sociais, o conjunto de ações (ou atividades) que uma comunidade estabelece historicamente como organizadoras de seu modo de viver. E como práticas discursivas os comportamentos lingüísticos (discursivos) por meio dos quais essas práticas sociais surgem e se mantêm.

40



Importante

Cada vez que nos expressamos lingüisticamente estamos “fazendo” algo social, estamos agindo, estamos trabalhando. Cada produção textual, oral ou escrita, realiza um gênero porque é um trabalho social e discursivo. As práticas sociais ou discursivas, por sua vez, determinam o gênero adequado.

Depois de fazer as atividades propostas, você, como falante de língua portuguesa, já terá condições de dizer alguma coisa a respeito de gêneros textuais. Intuitivamente você é capaz de reconhecer diferenças e semelhanças nas maneiras pelas quais organiza seus textos de comunicação. É natural que alguns sejam mais facilmente reconhecidos, outros, menos. Àqueles com maior circulação no nosso dia-a-dia somos capazes de atribuir as características fundamentais que os destacam dos outros. Para alguns outros, temos que aprender pela análise de sua estrutura.

Como as classificações de gêneros textuais são sempre ligadas à situação de uso do texto, as finalidades para as quais um texto é produzido podem alterar a classificação inicial. Por isso, cada texto só admite classificação após a análise de todos os fatores que envolvem sua construção: a estrutura lingüística, as finalidades do texto e a situação social dos interlocutores.



Indo à sala de aula

Leve, nas atividades com textos, esse trabalho de reconhecimento intuitivo aos seus alunos. E desperte também neles a reflexão sobre os modos como também eles se comunicam, sem que seja necessário fazer classificações prévias nem rígidas; apenas um trabalho de reconhecimento informal a respeito dos gêneros textuais.



Avançando na prática

1. Leia abaixo uma terceira versão da fábula A CIGARRA E A FORMIGA com seus alunos.

2. Proponha exercícios de interpretação do texto e reflexão sobre os conceitos de trabalho da cigarra e da formiga.

3. Destaque a forma poética, com rima, métrica e ênfase no plano sonoro para comparar com os textos de Monteiro Lobato, que estão em prosa. Focalize, principalmente, a semelhança no tema e a diferença na composição lingüística. Assim os alunos começam a ficar atentos para dois dos critérios em que se baseia a classificação de gêneros textuais.

4. Proponha que os alunos escrevam uma ou duas frases sobre a “moral da história” que cada uma das versões admite.

5. Explícite, no quadro negro, as características que fazem desses textos uma fábula: personagens, temas, intenções do autor, conclusões do leitor.

6. Se seus alunos já podem interpretar textos mais densos, ou se você preferir trabalhar com outros gêneros, você poderá escolher um dos outros gêneros que foram objeto de nossas reflexões nesta unidade. O importante é que você ofereça aos alunos dois ou mais textos para que as características de um determinado gênero sejam detectadas a partir da comparação entre textos.

A cigarra e a formiga

La Fontaine

A cigarra, sem pensar
em guardar
a cantar passou o verão.
Eis que chega o inverno, e então,
sem provisão na despensa,
como saída, ela pensa
em recorrer a uma amiga:
sua vizinha, a formiga,
pedindo a ela, emprestado,
algum grão, qualquer bocado



até o bom tempo voltar.

- Antes de agosto chegar,
pode estar certa a Senhora:
pago com juros, sem mora.

Obsequiosa, certamente,
a formiga não seria.

- Que fizeste até outro dia?
perguntou à imprevidente.

- Eu cantava, sim Senhora,
noite e dia, sem tristeza.

- Tu cantavas? Que beleza?
Muito bem: pois dança, agora...



Sobre o autor:

Jean de La Fontaine foi um poeta francês que viveu entre 1621 e 1695. Tornou-se famoso por escrever fábulas inspiradas em clássicos gregos e latinos, como Esopo, Fedro e Horácio (que também tinham escrito fábulas). Em suas histórias entram elementos de comédia e narrativa dra-

mática, com propósitos moralizantes. Seus personagens, na maioria animais que se comportam como seres humanos, servem para ridicularizar os defeitos humanos, apontando a natureza como exemplo a seguir na conquista da felicidade.



Resumindo

Como o gênero é uma unidade sociocomunicativa, a sistematização no aprendizado e no ensino dos gêneros leva em consideração várias características, que podem ser ligadas ao tema, ao modo de organizar as informações no texto, ou ao uso que se faz do texto nas práticas sociais e discursivas.

Algumas vezes, um texto é intencionalmente usado em um contexto, uma situação sociocomunicativa, diferente do contexto em que o gênero é normalmente produzido. Consegue-se, com isso, um efeito comunicativo de impacto, mas um outro gênero é produzido.

Também o oposto pode acontecer: informações diferentes podem ser organizadas segundo um mesmo padrão e, apesar de diferentes textos, o mesmo gênero é realizado.

O mais importante, porém, é reconhecer que a identificação, e conseqüente classificação, de gêneros resulta de um “jogo” de fatores lingüísticos e sociais; cada um desses fatores sozinho não pode ser utilizado para classificar um determinado gênero. Mais ainda: os textos também podem apresentar uma mistura de gêneros, com predominância de um. Por isso as classificações devem sempre levar em consideração a finalidade para a qual o texto é construído.

Leituras sugeridas

BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

É um volume que integra uma coleção denominada *Aprender e Ensinar com Textos*. Cada um dos seis capítulos é assinado por um autor diferente e, além de uma introdução teórica, aborda gêneros como mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica. Mesmo a parte teórica, que trata de várias propostas de tipologias no campo da lingüística, está fartamente recheada de exemplos e análises textuais. É uma obra recomendável não apenas pelas reflexões e conteúdo informativo que traz, mas também pelos exercícios sobre os gêneros que propõe.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M.A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda., 2002.

Trata-se de uma obra em duas partes, composta por oito artigos na primeira parte – “Suportes teóricos e práticas de ensino” – e sete na segunda parte – “Gêneros textuais na mídia escrita e ensino”. São todos escritos por pesquisadores com grande experiência na área da linguagem e do ensino. Destaca-se especialmente o capítulo “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, por Luiz Antônio Marcuschi, pioneiro nos estudos no Brasil e respeitado pensador a respeito do tema: é hoje um dos autores mais citados quando se trata de gênero textual.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

É um livro dedicado a tratar o texto como um “construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado”. O livro se declara “um pequeno farol a orientar essa constante caça ao sentido que caracteriza a espécie humana”. Aborda tanto as características textuais – como coesão, coerência e progressão temática – como os gêneros em que os textos se realizam. Como outras obras da autora, parte da consideração da linguagem como ação, como atividade constitutiva.

VILELA, M. e KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Trata-se de uma gramática completa e atualizada da língua portuguesa. Compõe-se de três partes: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. É nesta última parte que encontramos relevantes reflexões sobre os gêneros, articuladas com um detalhado estudo sobre a constituição textual. Os autores dão ênfase a classificações do gênero utilitário, como chamam o texto não-literário.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC – Editora da PUC, 1999.

DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda., 2002.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais; constituição e práticas sociais*. São Paulo: Cortez. (no prelo)

_____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita. *Em: Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, 1... Anais*. São Paulo, 1999. p.139-155.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Os gêneros escolares – das práticas escolares aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de Educação*, n.11, 1999. p. 5-6.

VILELA, M. e KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Ampliando nossas referências

Gêneros textuais: definição e funcionalidade

Luiz Antônio Marcuschi

1. Gêneros textuais como práticas sócio-históricas

Já se tornou trivial a idéia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita.

Quanto a esse último aspecto, uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela que, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII A.C., multiplicaram-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandiram-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase da denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente, o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita.

Isto é revelador do fato de que os gêneros textuais surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos caracterizados como práticas sócio-discursivas. Quase inúmeros em diversidade de formas, obtêm denominações nem sempre unívocas e, assim como surgem podem desaparecer.

[...]

2. Novos gêneros e velhas bases

Como afirmado, não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências,

videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante.

Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin [1997] que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas. Veja-se o caso do telefonema, que apresenta similaridade com a conversação que lhe preexiste, mas que, pelo canal telefônico, realiza-se com características próprias. Daí a diferença entre uma conversação face a face e um telefonema com as estratégias que lhe são peculiares. O *e-mail* (correio eletrônico) gera *mensagens eletrônicas* que têm nas cartas (pessoais, comerciais etc.) e nos bilhetes, seus antecessores. Contudo, as cartas eletrônicas são gêneros novos com identidades próprias, como se verá no estudo sobre gêneros emergentes na mídia virtual.

Um aspecto central no caso desses e de outros gêneros emergentes é a nova relação que instauram com os usos da linguagem como tal. Em certo sentido, possibilitam a redefinição de alguns aspectos centrais na observação da linguagem em uso, como, por exemplo, a relação entre a oralidade e a escrita, desfazendo ainda mais as suas fronteiras. Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica, assemelhando-se a uma coreografia e, no caso das publicidades, por exemplo, nota-se uma tendência a servirem-se de maneira sistemática dos formatos de gêneros prévios para objetivos novos. Como certos gêneros já têm um determinado uso e funcionalidade, seu investimento em outro quadro comunicativo e funcional permite enfatizar, com maior vigor, os novos objetivos.

Quanto a este último aspecto, é bom salientar que embora os gêneros textuais não se caracterizem nem se definam por aspectos formais, sejam eles estruturais ou lingüísticos, e sim por aspectos sociocomunicativos e funcionais, isso não quer dizer que estejamos desprezando a forma. Pois é evidente, como se verá, que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos, serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente. Suponhamos o caso de um determinado texto que aparece numa revista científica e constitui um gênero denominado “*artigo científico*”; imaginemos agora o mesmo texto publicado num jornal diário e então ele seria um “*artigo de divulgação científica*”. É claro que há distinções bastante claras quanto aos dois gêneros, mas para a comunidade científica, sob o ponto de vista de suas classificações, um trabalho publicado numa revista científica ou num jornal diário não têm a mesma classificação na hierarquia de valores da produção científica, embora seja o *mesmo texto*. Assim, num primeiro momento podemos dizer que as expressões “*mesmo texto*” e “*mesmo gênero*” não são automaticamente equivalentes. Desde que não estejam, no mesmo suporte. Estes aspectos sugerem cautela quanto a considerar o predomínio de formas ou funções para a determinação e identificação de um gênero.

[...]

(retirado de Dionísio, A . P. et alii. *Gêneros Textuais & Ensino*, Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002)

Questões sobre o texto de referência

1. Por que gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa?

2. Por que os gêneros são caracterizados como práticas discursivas, ou práticas sociocomunicativas, e não como práticas lingüísticas?

3. A palavra “suporte” aparece várias vezes no texto para designar algo ligado ao texto e ao gênero. A partir do contexto, a que você acha que ela se refere? Dê alguns exemplos.

4. A partir do que diz o texto, como você acha que surgem novos gêneros?

5. Por que desaparecem gêneros antigos?

6. Como se comportam os novos gêneros em relação às fronteiras entre oralidade e escrita?

7. Que aspectos podem servir de critério para a classificação de um gênero?

Correção das atividades



Correção das atividades

Atividade 1

a)

1. Os homens estão colhendo e transportando laranjas.
2. Um homem está trabalhando no computador.
3. Algumas crianças estão desempenhando alguma atividade escolar.
4. Os jogadores de futebol estão disputando a bola.
5. Uma companhia de balé prepara-se para dançar.

b) Resposta pessoal que refletirá a concepção de trabalho do professor.

Atividade 2

a) Resposta pessoal, mas a tendência é considerar o esforço e a remuneração como critério para trabalho.

b) Resposta pessoal, mas a tendência é considerar lazer o que se faz por escolha própria ou por prazer, sem receber remuneração.

c) Resposta pessoal, mas a valorização costuma ter relação com escolaridade.

d) Resposta pessoal, mas a desvalorização costuma estar mais ligada a trabalho braçal, com baixa exigência de escolaridade.

e) Geralmente os trabalhos de prestígio estarão associados à cultura escrita, enquanto os trabalhos braçais são mais frequentemente dissociados da escrita.

51

Atividade 3

a) Trata-se de uma receita culinária porque ensina como se deve fazer um prato de espaguete.

b) É um anúncio publicitário, ou propaganda, porque divulga o trabalho do Greenpeace ao mesmo tempo que procura convencer o leitor a se associar a eles.

c) Não. A pergunta busca provocar reflexão. A resposta esperada é uma tomada de posição do leitor contra a devastação das florestas.

d) Porque em 2 a imagem é meramente ilustrativa. Em 3 é parte da informação, do sentido do texto.

e) As palavras e estruturas lingüísticas são diferentes, mas a maneira de organizar a informação no texto é semelhante quando os textos pertencem ao mesmo gênero.

Atividade 4

a) Resposta pessoal, mas como professor(a), certamente serão vários tipos de trabalho.

b) Resposta pessoal, mas a variação depende da finalidade do texto.

c) As formas de comunicação, tanto orais quanto escritas, variam de acordo com o propósito da comunicação e as relações sociais entre os interlocutores. Por isso não podem ser iguais.

d) Resposta pessoal e variada.

e) Resposta pessoal, dependendo dos textos escolhidos.

Atividade 5

a) Fernando entendeu que a duração da festa seria de quinze anos, não que seria uma comemoração de décimo quinto aniversário.

b) Porque sabemos que a possibilidade de uma festa durar quinze anos é remota: nossa experiência de mundo nos diz que Fernando entendeu mal o convite.

Atividade 6

a) Resposta pessoal, mas informal.

Sugestão: Oi, Zeca, você poderia me emprestar o livro que tem a biografia de Carlos Drummond de Andrade? Vou utilizar na semana que vem. Grata, Marilene.

b) Resposta pessoal, mas certamente haverá a entonação de pedido ou gentileza recobrindo as frases orais e gestos acompanhando a fala. Na escrita, a gentileza, com pouca formalidade, será explicitada em palavras.

52

c) A estrutura de requerimento é, grosso modo, a seguinte:

Senhor Diretor do colégio Tal e tal

[espaço]

Fulano de Tal, RG XXX, nascido em Z, na cidade de Y, vem solicitar sua matrícula no Curso de WWWWWWWWWW.

[espaço]

Nestes termos
pede deferimento.

d) Algumas diferenças têm a ver com formalidade/informalidade da linguagem; padrão fixo do requerimento vs. padrão flexível do bilhete; endereçamento pessoal no bilhete e impessoal no requerimento; objetividade e ausência de expressões personalizadas no requerimento, etc.

c) Porque as finalidades dos textos e os papéis sociais dos interlocutores são diferentes.

Atividade 7

a) Ao verbete de dicionário, porque este é o papel do dicionário.

b) Citar um provérbio ou máxima é mais adequado ao conselho.

c) Compõem um verbete: a origem da palavra; a classificação morfológica; as diferentes acepções, incluindo exemplos, e , às vezes, incluindo sinônimos.

d) Resposta parcialmente pessoal. Mas, em geral, a finalidade do verbete é responder a dúvidas, ou desconhecimento, sobre uma palavra ou expressão. O leitor vai ali buscar soluções rápidas e objetivas, por isso a formatação sucinta. O texto não pode ser prolixo porque precisa atender rapidamente às necessidades do leitor.

Atividade 8

a) Porque a receita 1 é, de fato, uma receita com finalidade de ensinar a preparar um prato na cozinha; a receita 2 é uma brincadeira, uma ironia, uma paródia, uma anedota.

b) A estrutura textual é a mesma apenas no tema; nas informações há diferença.

c) Com o objetivo de ridicularizar uma situação de fundo político; de fazer uma piada sobre fatos político-sociais.

d) Porque é inesperada e porque trata como coisas seres humanos e situações sociais: “coisifica” comportamentos que merecem crítica.

Atividade 9

a) Para a formiga má, trabalho é apenas o que produz resultados imediatos; é uma obrigação social, uma ocupação, ofício, profissão; não representa uma aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, nem é uma atividade coordenada de caráter intelectual.

b) Para a formiga boa, valem as duas últimas acepções do verbete e da resposta acima: trabalho não é necessariamente profissão.

c) Por chamar de “formiga boa” aquela que considera trabalho no sentido mais amplo, como coordenação de atividades intelectuais (e artísticas) para um determinado fim, o autor mostra concordar com a concepção de trabalho da formiga boa, não opondo trabalho a lazer.

d) Porque apenas a defesa de uma idéia, de uma “moral da história” diferente não é suficiente para mudar o gênero. Mais relevante, nesse caso, é o uso de personagens animais envolvidas em uma trama (história) cujo objetivo é levar algum ensinamento, legitimar uma visão de mundo.

e) Dependendo da pesquisa, as respostas podem variar. No geral, a resposta vai enfatizar o fato de ser uma história sobre animais, envolvidos em ações tipicamente humanas, que pretende trazer algum ensinamento aos homens e legitimar uma visão de mundo.

Atividade 10

a) Escolha livre. Espera-se textos em que animais convivem com humanos, por exemplo, ou sejam descrições, historietas que não visem a uma “transmissão de ensinamentos”.

b) Escolha livre. A moral da história seria algo como “quem não trabalha não pode usufruir dos bens quando em situação precária.”

c) Resposta livre. Espera-se, por exemplo, um texto típico de jovens, cheio de gírias, ou um texto em linguagem característica de pessoas do interior.

d) Respostas livre. A situação de interlocução e o papel dos interlocutores depende do estilo escolhido. Continuará a ser uma fábula porque assim foi pedido no exercício anterior: a mudança de estilo lingüístico não poderia alterar o gênero.

e) Porque preserva as características de uma organização textual de fábula: uma narrativa envolvendo personagens animais tendo comportamento humano, com propósitos moralizantes.

Atividade para o texto de referência

1. Porque são eventos textuais altamente maleáveis e estão ligados às atividades socioculturais. São flexíveis e variam segundo as necessidades de comunicação.

2. Porque o mais relevante na sua definição é sua situação de comunicação, a prática de sua realização, e não sua forma lingüística.

3. “Suporte” pode ser o veículo, o canal usado para a comunicação; o objeto concreto onde se apóia o texto: livro, gravador, telefone, internet, revista, etc.

4. Surgem a partir de inovações culturais, do uso constante de novos meios de comunicação; mas não são completamente novos: apóiam-se em gêneros já conhecidos que mantêm com eles alguma semelhança. Surgem quando há um novo enquadramento comunicativo para um gênero já existente.

5. Desaparecem porque deixam de ter relevância cultural, quando novas tecnologias os substituem.

54

6. Os novos gêneros tendem a desfazer ou a enfraquecer as fronteiras entre oralidade e escrita porque são mais plásticos, mais maleáveis. Integram signos de várias naturezas.

7. Podem ser aspectos formais (lingüísticos, estilísticos) e funcionais (culturais); podem estar ligados ao suporte ou ao objetivo.

Unidade 10

Trabalhando com gêneros textuais

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa



Iniciando nossa conversa

Caro professor, cara professora,

Na Unidade 9 vimos, que a interação verbal se dá por meio de enunciados relativamente estáveis que se adaptam a múltiplas situações de comunicação, tanto orais quanto escritas. Aos recortes que damos a essa relativa estabilidade chamamos **gêneros textuais**. Alguns teóricos preferem chamá-los de **gêneros discursivos**, mas essa diferença na nomenclatura não altera nossos objetivos didático-pedagógicos.

Depois de observarmos a variedade de gêneros textuais que nos rodeia e de trabalharmos em direção a uma tomada de consciência do nosso conhecimento intuitivo sobre gêneros na unidade anterior, vamos colocar nosso foco de observação em alguns textos que realizam gêneros literários e não-literários. Neles, vamos analisar as diferentes maneiras em que são freqüentemente organizadas as estruturas dos textos para que sejam considerados pertencentes a gêneros diferentes.

No meio acadêmico, os gêneros e os tipos textuais já vinham há algum tempo sendo discutidos. A implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais trouxe essa preocupação para o ensino básico. Isso porque os parâmetros propõem o texto como unidade básica do trabalho com o ensino de Língua Portuguesa e os gêneros não se desvinculam dos textos.

Mas o texto, assim tomado como unidade privilegiada do fazer pedagógico, mostra-se com múltiplas faces: é um espaço de marcas históricas e dos usos que os sujeitos fazem da linguagem. Por isso, foge da sistematização controlada e previsível das regras gramaticais. O reconhecimento dessa “maleabilidade” lingüística pode, muitas vezes, provocar uma certa confusão e insegurança porque envolve considerável mudança nas práticas sociais desenvolvidas na escola. Especialmente porque uma classificação quanto ao gênero textual não é rígida, nem pode ser feita antes dos usos concretos e da circulação de um texto.

Durante muito tempo no ambiente escolar, os gêneros foram associados apenas à literatura, mas, com as propostas de trabalho dos PCNs, essa idéia foi ampliada e os gêneros são reconhecidos como unidades sociocomunicativas para qualquer finalidade de textos.

Assim como os gêneros estão ligados a toda diversidade das situações de comunicação, é até natural uma certa inquietação quando nos defrontamos com a complexidade que os gêneros textuais nos colocam. Mas vamos agora prosseguir na reflexão sobre as estratégias textuais que permitem distinguir um gênero de outro.

Vamos, nesta unidade, na seção 1, fazer uma distinção que foi historicamente a primeira: aquela entre gêneros literários e não-literários – que alguns teóricos chamam de

utilitários ou funcionais. Na seção 2, vamos explorar, com mais detalhes, o gênero poético. Depois, na seção 3, aprofundaremos uma das subclassificações do gênero poético, o cordel, mostrando como no contexto de um gênero cabem ainda classificações menores.

Esperamos que, a partir das reflexões e das atividades aqui propostas, possamos ajudar você a preparar atividades didáticas que levem seus alunos a reconhecer a distinção entre tipo e gênero textual e a utilizar estratégias textuais adequadas a variados gêneros textuais.

Continuamos, nesta unidade, a nos apoiar no tema transversal *trabalho* em todas as suas possibilidades de enfoque. Tema, aliás, muito apropriado para a discussão de “conteúdos didáticos” que partem do enfoque de língua como trabalho, como forma de ação entre os sujeitos falantes, como atividade constitutiva do ser humano.



Definindo nosso ponto de chegada

Esperamos que depois de refletirmos juntos a respeito dos conceitos fundamentais de gênero textual, e de você realizar as atividades propostas para esta unidade, seja possível:

- 1- Distinguir as características de gênero literário e de gênero não-literário;
- 2- Caracterizar gênero poético, de acordo com a função estética da linguagem;
- 3- Caracterizar uma das formas de realização do gênero poético: o cordel.

56

Seção 1

Gênero literário e não-literário



Objetivo da seção

Distinguir características de gênero literário e de gênero não-literário.

A preocupação com a identificação e classificação de gêneros textuais não começou com os estudos gramaticais nem com os textos que utilizamos no dia-a-dia, como estamos fazendo agora. Foi no campo da literatura que surgiram as primeiras classificações sobre gêneros. Isso é natural se recordarmos que só muito recentemente, no final do

século XX, é que os estudos que abordam a linguagem humana – os estudos lingüísticos e as gramáticas – começaram a se preocupar com o texto.

Para a literatura, a idéia de texto sempre se destacou, mesmo quando são lidas ou analisadas apenas partes do texto, não se perde de vista que se trata de um trecho que faz parte de um todo maior.

Para caracterizar a linguagem poética, vamos ler o trecho inicial de um conhecido poema, escrito por um dos maiores poetas brasileiros, Carlos Drummond de Andrade, de quem você já leu a biografia na Unidade 9, seção 1.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
E agora, José?



57

Esse trecho é apenas a primeira estrofe do poema, mas será suficiente para analisarmos as características da linguagem poética.



Recordando

A estrofe é o grupo de versos em que os poetas dividem seus poemas.

O ritmo poético é resultante de vários recursos formais e lingüísticos, entre eles a rima e a métrica.

Rima é o jogo sonoro que se constrói por sons semelhantes, ou mesmo iguais, usados ao final de cada verso.

Métrica é o jogo entre o número de sílabas que constituem os versos.

Rima e métrica recebem diferentes valorizações em diferentes escolas literárias.



Atividade 1

Como obra representativa do modernismo, as rimas desse poema não são rimas tradicionais ou clássicas. Procure em livros de seu conhecimento estrofes que apresentem rimas tradicionais.

a) Transcreva um poema ou, ao menos, uma estrofe, sublinhando a última sílaba tônica (forte) de cada verso.

b) Compare com o trecho transcrito de **José**. Por que consideramos que as rimas desse poema não são clássicas?

c) Por que, mesmo não tendo o padrão clássico de rimas poéticas, o trecho de José pode ser considerado poético?

58

d) As repetições usadas no poema são comumente usadas em textos escritos? Por que você acha que são usadas nesse poema?

A cada época histórica, o conceito do que seja poesia sofre algumas mudanças, mas a função poética está sempre associada ao uso das palavras. Não basta a palavra em si: é necessário que ela seja trabalhada num processo de seleção e exploração de sua expressividade, tanto no plano do som quanto no das idéias.

Mas não só de rima e de métrica se faz o texto poético. Também o jogo de sílabas tônicas, dos fonemas vocálicos e consonantais e a pontuação desempenham importante papel na obtenção do ritmo poético. Por isso, é importante lermos versos em voz alta.

Além dessa “musicalidade” ou melodia do poema, a linguagem poética também explora muito o jogo de sentidos e as idéias figuradas ou conotativas.

Vamos ler agora outro texto também considerado pertencente ao gênero literário, mas que não se classifica como gênero poético. Trata-se de um pequeno conto, escrito pelo mesmo autor do poema **José**, Carlos Drummond de Andrade. Desta vez, o texto está transcrito na sua totalidade.

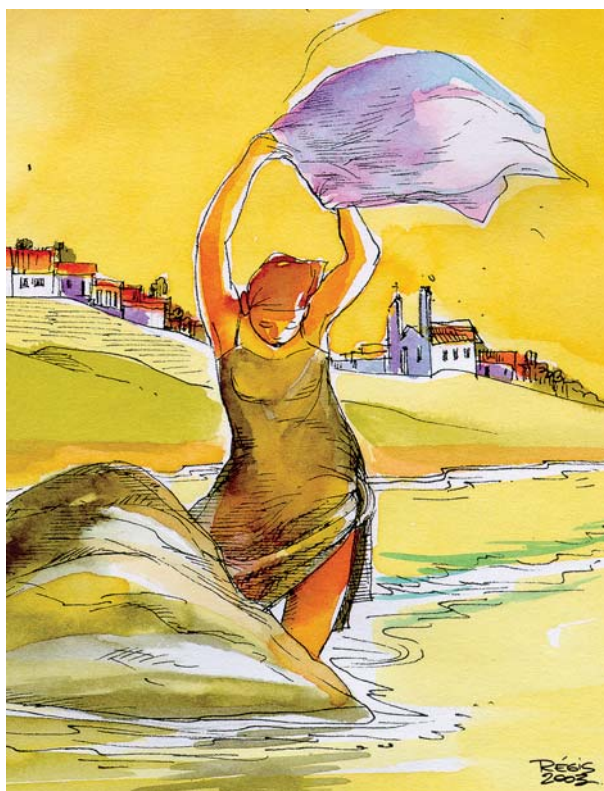
Lavadeiras de Moçoró

As lavadeiras de Moçoró, cada uma tem sua pedra no rio; cada pedra é herança de família, passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo. As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras. Servem de espelho a suas donas. E suas formas diferentes também correspondem de certo modo à figura física de quem as usa. Umhas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão.

A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e se unifica ao sabor do trabalho. Se a mulher entoia uma canção, percebe-se que a pedra a acompanha em surdina. Outras vezes, parece que o canto murmurante vem da pedra, e a lavadeira lhe dá volume e desenvolvimento.

Na pobreza natural das lavadeiras, as pedras são uma fortuna, jóias que elas não precisam levar para casa. Ninguém as rouba, nem elas, de tão fiéis, se deixariam seduzir por estranhos.

(retirado de *Contos Plausíveis*)



Atividade 2

a) Que palavras e expressões o autor usa para falar da hereditariedade das pedras do rio?

b) Como o autor descreve fisicamente as lavadeiras? Compare a descrição com a das pedras.

c) Como a idéia de trabalho relaciona pedra e lavadeira?

d) Destaque algumas expressões empregadas conotativamente (em sentido figurado) no texto.

e) Imagine se o autor tivesse usado menos “imagens”, tivesse usado outras palavras para falar sobre o trabalho das lavadeiras de Moçoró. O texto poderia continuar como literário? Por quê?

Embora não tendo a intenção de explicar completamente o fenômeno poético, depois de analisar esses dois textos, podemos chegar a algumas conclusões a respeito do gênero literário. Constatamos, primeiramente, que não há temas ou conteúdos exclusivos da literatura ou da poesia; nem temas que não possam ser por elas tratados. Qualquer assunto pode ser matéria de poesia; qualquer assunto pode ser tema da literatura.



Importante

60

“Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma lingüística e sim uma forma de realizar lingüisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.” L. A. Marcuschi

As finalidades do gênero literário são estéticas; ou seja, em qualquer situação particular, a leitura de um texto literário desperta emoções, prazer.

O uso da linguagem com finalidade estética, prazerosa, não precisa, necessariamente, ter rimas e métrica: pode também apresentar a forma de prosa. Nesse caso, o fato de poder ser ficção é fundamental para sua classificação.

Além disso, os critérios usados para caracterizar uma forma literária ou poética podem variar de época para época. Mas uma coisa permanece constante: na linguagem literária, tão importante quanto o **dizer** é o **como dizer**. Por isso, forma e conteúdo são inseparáveis.



Importante

Hoje em dia há um certo consenso entre os estudiosos para se classificar um texto literário como aquele que tem uma função estética, enquanto se considera que o texto não-literário tem uma função utilitária (informar, convencer, explicar, responder, ordenar, etc.). Ou seja, uma característica fundamental do gênero literário é colocar em relevância o plano da expressão, que não serve apenas para transmitir conteúdos, ou informações, mas para recriá-los na sua organização.

Quando o reconhecimento de que a comunicação verbal, que se realiza por meio de textos, só é possível com algum tipo de gênero textual, estende-se para além dos limites dos estudos literários a busca pela identificação daquilo que é “igual” ou “diferente” nos textos que utilizamos na nossa comunicação, oral ou escrita. E a identificação dos gêneros textuais passa a integrar as preocupações dos estudiosos e dos professores de Língua Portuguesa.

A classificação de gêneros torna-se, assim, importante como uma maneira de apreender características textuais – tanto de textos literários quanto não-literários (utilitários ou funcionais).



Recordando

Não é possível construir um texto oral ou escrito sem que se realize um gênero textual. Por isso, gêneros têm existência concreta, independente dos critérios ou dos “rótulos” utilizados para sua classificação. E essa existência é formada de acordo com a finalidade sociocomunicativa em que o texto é produzido.

Muitas vezes não percebemos que estamos dando vida a um gênero textual quando utilizamos a linguagem na nossa comunicação diária, mas essa falta de percepção não significa que os gêneros não sejam concretizados ao produzirmos um texto: significa apenas que eles se realizam, necessariamente, a cada vez que “produzimos” um texto.

Por corresponderem a usos de língua, a variedade de gêneros é muito heterogênea e eles não apresentam limites bem definidos: sobrepõem-se freqüentemente. Pela mesma razão são inúmeros. Marcuschi (2002) lista alguns: telefonema, romance, carta pessoal, carta comercial, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, bula de remédio, resenha, conversa espontânea, edital de concurso, inquérito policial, e assim por diante. Enquanto alguns desses têm ocorrência restrita a situações bem específicas – como inquérito policial ou bula de remédio, por exemplo –, outros, como bilhete ou conversa espontânea, perpassam várias situações de uso lingüístico.



Indo à sala de aula

Em qualquer trabalho com textos, mesmo que não seja esse o objetivo da atividade didático-pedagógica, provoque nos seus alunos alguma forma de reflexão sobre os modos de organização do texto, sobre o nível de formalidade lingüística e sobre as finalidades de usos dos textos. O conhecimento intuitivo que todo falante tem sobre gêneros textuais começa, assim, a se tornar consciente.

Para distinguir bem o que seja um texto literário de outro, não-literário, comparemos, agora, outro gênero textual. O objetivo deste texto é claramente utilitário: visa informar o leitor/ouvinte sobre um conhecimento considerado científico; por causa desse objetivo, este texto pode fazer parte de um conjunto de textos que compõem o **discurso científico**, que é realizado pelo **gênero texto científico**.

Quando os textos do gênero científico aparecem em revistas não científicas, em jornais, em manuais ou em livros didáticos, dizemos que são textos de **divulgação científica**. Verificamos, assim, que o veículo utilizado para a publicação do texto também constitui um critério para sua classificação: em periódicos de entidades científicas, pertencem ao gênero científico; em periódicos não-científicos ou livros didáticos constituem o gênero divulgação científica.

Textos cujo objetivo maior é tornar conhecida uma informação ou textos que tratam de assuntos de cunho científico são freqüentemente citados como exemplo de gênero não-literário. Eis um texto que trata de assunto científico encontrado em um livro didático de ensino médio.

Atividade industrial e espaço geográfico

A indústria moderna consiste numa forma – diferente do artesanato e da manufatura – de transformar matérias-primas em produtos elaborados.

Em primeiro lugar, na indústria há uma grande divisão do trabalho e, por conseguinte, a especialização do trabalhador. Já no artesanato não há nenhuma divisão; na manufatura, uma divisão primária, muito simples.

Em segundo lugar, na atividade industrial são as máquinas, em geral funcionando a partir de modernas fontes de energia (calor, eletricidade), que ditam o ritmo do trabalho; no artesanato há apenas o uso de ferramentas. E, na manufatura, o uso de máquinas simples, mas o ritmo do trabalho ainda depende das mãos do artesão. Em terceiro lugar, a indústria moderna é fruto da Revolução Industrial e do desenvolvimento do capitalismo, tendo surgido apenas em meados do século XVIII, ao passo que a atividade manufatureira e, principalmente, o artesanato são conhecidos desde a Antigüidade e surgiram em sistemas socioeconômicos anteriores ao capitalismo.

Para finalizar, existe ainda uma outra diferença: a indústria fabrica os produtos numa quantidade nunca alcançada pelo artesanato e mesmo pela manufatura; ela os produz em série, produz bens padronizados.

A atividade industrial expandiu-se pelo mundo. Ela teve origem na Europa Ocidental, especialmente na Inglaterra, mas a partir do século XX, difundiu-se pelos quatro cantos do globo terrestre, embora de forma desigual.

José William Vesentini (*Brasil, Sociedade e Espaço - Geografia do Brasil*. São Paulo: Editora Ática)



José William Vesentini, autor deste livro didático dedicado ao ensino médio, é doutor em geografia e professor da Universidade de São Paulo, onde leciona nos cursos de graduação e pós-graduação. Tem 12 anos de experiência docente no ensino fundamental e no ensino médio.

**Atividade 3**

a) Considerando o nível de linguagem escolhido e a seleção vocabular, cite alguns aspectos em que são iguais, e diferentes, os textos literários e o texto **Atividade industrial e espaço geográfico**.

b) Que finalidades você pode identificar nesse texto que o distinguem dos anteriores?

c) Como o tema é tratado no conto **Lavadeiras de Moçoró**, da atividade anterior, e nesse texto?

d) Identifique no texto marcas que colocam em sequência os argumentos. Por que essa organização das idéias é importante?

e) Imagine algumas situações sociais em que o texto **Atividade industrial e espaço geográfico** deve circular. Quem pressupõe como leitor? A que objetivos visa?

f) Os textos de Carlos Drummond de Andrade e o de José Willian Vesentini precisam explorar as palavras e as estruturas lingüísticas de maneiras diferentes. Por quê?

Textos do gênero intitulado “divulgação científica” são assim identificados porque procuram tornar conhecidos certos resultados de pesquisa científica que, de outra maneira, ficariam restritos apenas aos meios científicos ou acadêmicos. Essa função é típica das revistas de divulgação científica, mas livros didáticos também “divulgam” conhecimentos científicos. Nesses casos não são classificados como gênero científico porque sua finalidade maior é a divulgação, não o “fazer científico”. Esse critério – a finalidade do texto – é, portanto, fundamental para a classificação de gêneros textuais.



Avançando na prática

64

Jornais podem se converter em ótimo material para o trabalho com textos empíricos em sala de aula. Vamos sugerir atividades que podem ser adaptadas à realidade e ao nível de escolaridade de seus alunos.

Reproduzimos aqui quatro exemplos de textos que apareceram no jornal *Correio Braziliense*, de 18 de janeiro de 2003.

Texto 1

Gênero: artigo jornalístico

Frentista paga a conta

Uma prática comum nos postos de gasolina tem minguado o salário dos frentistas. Prejuízos com cheques sem fundos devem ser pagos pelos trabalhadores em algumas situações. Os descontos são previstos no acordo coletivo da categoria, mas os empregados reclamam de abusos. Alegam que os donos de postos estão pesando a mão na hora de promover o abatimento no salário para cobrir eventuais despesas com cheques devolvidos ou roubados, cartões clonados e assaltos.

Os assaltos a postos de gasolina são um exemplo. Todo dia, o frentista recebe dinheiro para fornecer troco aos clientes. O valor corresponde a uma quantidade de litros de combustível. Normalmente, as empresas se responsabilizam até essa quantidade, que pode chegar a R\$ 200,00, em caso de roubo. Mas o excedente roubado deve ser ressarcido pelo próprio trabalhador.

“A gente está vulnerável aqui, trabalha sem um mínimo de segurança. A gente registra ocorrência, apresenta ao patrão, mas de nada vale”, reclama o frentista de



um posto em Samambaia, penalizado em R\$150,00 no mês passado depois de ser vítima de roubo.

Os donos dos postos de gasolina se defendem. O presidente do Sindicato dos Postos de Combustíveis do DF (Sindpetro) confirma parte dos descontos, mas justifica, “Os empresários precisam se resguardar dos casos de negligência ou mesmo de má fé do trabalhador”, conta. O empresário garante que uma minoria dos trabalhadores é penalizada. “Do contrário, as pessoas fugiriam do emprego”, compara.

Marcelo Rocha
Da equipe do Correio

65

Texto 2

Gênero: (anúncio) classificado

MÁQUINA DE COSTURA Antiga, Singer, funcionando, c/ pé de ferro desenhado + pé de máquina costura desenhado, c/ tampo de mármore + escrivanhinha antiga c/ 3 gavetas tampo que abre. Conjunto R\$400 Tr.: 777-7777.

Texto 3

Gênero: poema

Belo belo
Manuel Bandeira

Belo belo minha bela

Tenho tudo que não quero
Não tenho nada que quero
Não quero óculos nem tosse
Nem obrigação de voto
Quero quero
Quero a solidão dos píncaros
A água da fonte escondida
A rosa que floresceu
Sobre a escarpa inacessível
A luz da primeira estrela
Piscando no lusco-fusco
Quero quero
Quero dar volta ao mundo

Só num navio de vela
Quero rever Pernambuco
Quero ver Bagdá e Cusco
Quero quero
Quero o moreno de Estela
Quero a brancura de Elisa
Quero a saliva de Bela
Quero as sardas de Adalgisa
Quero quero tanta coisa
Belo belo
Mas basta de lero-lero
Vida nove fora zero.

Texto 4

Gênero: horóscopo

66

**TOURO** 21/04 a 20/05

O instinto de sobrevivência funciona automaticamente, você não deve preocupar-se com ele. Esse tempo seria melhor aproveitado ocupando-se em viver, e fazê-lo com a melhor qualidade possível. Viver não é sobreviver.

1. Na sala de aula, separe os alunos em 4 ou 8 grupos para analisar os textos que você terá reproduzido em número suficiente para todos do grupo.
2. Oriente seus alunos a identificar como as informações estão distribuídas nos textos; qual o conteúdo temático (de que trata o texto); qual a finalidade; quem são seus leitores em potencial; etc.
3. Se você considerar que a análise do plano composicional (da organização das informações) é ainda difícil para um trabalho autônomo, reserve esse trabalho para fazerem todos em conjunto, com a ajuda do professor.
4. As respostas, escritas pelos grupos, serão apresentadas a todos como o resultado da análise de cada gênero textual, ao mesmo tempo que os exemplos dos textos circularão entre todos para que a análise seja acompanhada com o texto empírico.
5. Mais importante do que a nomenclatura usada para classificar os gêneros é a capacidade para reconhecer características comuns que distinguem um gênero do outro. Por isso, convém informar, de antemão, o gênero com que cada grupo trabalhará.

6. Depois dessa análise de textos previamente escolhidos, você poderá levar para a sala de aula alguns exemplares de jornais para que sejam os próprios alunos a escolherem os textos para analisar.
7. Você também poderá solicitar que seus alunos tragam eles mesmos um conjunto de gêneros diversos, retirados de jornais ou revistas, para serem analisados em sala de aula.



Resumindo

Tanto os textos considerados literários, quanto os não-literários, são assim classificados por um conjunto de fatores que não podem ser considerados isoladamente. Dependendo da função maior que um texto exerce na interação, sua classificação pode variar. Nem o tema, nem a maneira de organizar e explorar o vocabulário podem, por si só, justificar uma classificação.

Os textos considerados literários põem, em geral, em relevo o plano da expressão, da sonoridade, do jogo de imagens, mas a definição do que seja texto literário, ou poético, pode variar, segundo as escolas literárias.

Em geral, os textos não-literários (funcionais ou utilitários) têm como finalidade maior a informação e, por isso, aspectos estéticos da linguagem – ou a exploração do plano sonoro ou da linguagem figurada – são considerados em segundo plano.

Seção 2

O gênero poético



Objetivo da seção

Caracterizar gênero poético, de acordo com a função estética da linguagem.

Já vimos que sempre que nos comunicamos pela linguagem verbal o fazemos por meio de textos. Dependendo de como organizamos as informações nos textos, construímos diferentes gêneros textuais. Embora não seja apenas a finalidade da comunicação que define qual o gênero adequado, ela é um fator decisivo nessa escolha.

O gênero literário tem como principal finalidade explorar o aspecto lúdico, estético, da linguagem. Poemas, contos, romances, novelas são exemplos de gêneros literários: são escritos pelo prazer estético que causam. Opõem-se a textos que têm como principal finalidade transmitir informações, regulamentar comportamentos ou desempenhar outros objetivos “práticos” ou “utilitários”.



Recordando

Gêneros podem ser caracterizados como padrões relativamente estáveis de enunciados presentes em cada interação verbal. Distinguem-se pelo conteúdo temático, pelo estilo, pela composição textual, pelo relacionamento social dos participantes e, especialmente, pela finalidade segundo a qual são produzidos.

Façamos algumas reflexões a respeito de um texto facilmente reconhecido como poema porque, nele, o plano da expressão lingüístico é ressaltado. Este texto mostra bem como a palavra em si não basta como matéria de poesia. É necessário que ela seja trabalhada, escolhida, explorada nas suas significações e na sua sonoridade.

O operário em construção

68



Um operário em construção
Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
era ele quem os fazia
ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão

Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado

Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve em um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo cresce
Ele não cresceu em vão.
(...)

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.
E foi assim que o operário

Do edifício em construção
Que sempre dizia **sim**
Começou a dizer **não**.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:
Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão
Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Vinícius de Moraes (Antologia Poética)

O autor desse texto é Vinícius de Moraes, poeta e diplomata nascido no Rio de Janeiro em 1913 e falecido em 1980. Como diplomata de carreira, residiu em vários países do mundo, publicou vários livros, mas foi como compositor de letras para músicas populares que se tornou conhecido. Seu nome é freqüentemente associado ao movimento musical bossa nova, que colocou o Brasil no cenário musical internacional.



Atividade 4

a) Como é que o operário está relacionado àquilo que ele produz nesse poema?

b) Observe que a expressão-título do poema pode significar mais de uma coisa: explique em que sentidos “operário em construção” pode ser interpretado nesse texto.

c) Por que o texto é facilmente caracterizado como poesia?

d) Se, em vez de lido silenciosamente, o texto fosse falado ou lido em voz alta também seria caracterizado como poema? Por quê?

e) Qual é o tema do texto? Justifique, com apoio no texto de Vinícius de Moraes, porque a simples escolha do tema não define o gênero textual.

f) Por que nem a escolha vocabular apenas, nem o nível de linguagem, nem o tema são suficientes para caracterizar o texto como poema? Use outros exemplos como base de sua argumentação.



Importante

Não basta o tema ou a finalidade do texto para caracterizar um texto poético; a exploração do plano da expressão, da sonoridade, das imagens de sentido construídas, em conjunto, são fatores que nos levam a identificar um texto como poético. Mas é a situação sociocomunicativa que define, nitidamente, se um texto pertence ao gênero poético ou não. Um texto publicitário pode, por exemplo, apresentar certas características de poema – imagens de sentido, métrica – mas realizar o gênero **propaganda**, por ser essa sua finalidade maior.

Os gêneros, assim como os textos em geral, não são produzidos apenas na escrita. Os poemas são um bom exemplo para lembrar isso, pois sua realização oral é muito comum e até recomendada.

Muitos podem conhecer o texto abaixo como a letra de uma música freqüentemente tocada nas rádios ou cantada por algumas pessoas, principalmente por quem viveu os anos da ditadura militar no Brasil. Além de representar uma forma específica de veicular informações e de se dirigir ao leitor/ouvinte em forma de poesia, uma letra de música tem a vantagem de comprovar que um texto escrito também tem vida, ativa e pungente, na oralidade.

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E acabou no chão como um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho seu como se fosse o pródigo
 E atravessou a rua com seu passo bêbado
 Subiu a construção como se fosse sólido
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
 Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego
 Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão como um pacote bêbado
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado.

Chico Buarque (Chico ao vivo)



Chico Buarque de Holanda (nascido no Rio de Janeiro em 1944) é mais conhecido como compositor de música popular brasileira, mas também escreveu romances e peças de teatro. Na época da ditadura militar suas músicas eram tão frequentemente vetadas pela censura oficial que, por um período, compôs sob o pseudônimo de Julinho de Adelaide para conseguir que a simples menção do seu nome não provocasse a ira dos censores. Suas peças teatrais, altamente críticas da situação de aprisionamento ideológico do ser humano, chegaram a provocar tumulto na década de 1970. Continua dando asas à sua versatilidade, compondo em vários gêneros musicais.

**Atividade 5**

a) Que visão sobre a vida do operário o texto revela?

b) Algumas das comparações introduzidas pela expressão “como se fosse” são inesperadas. Por quê?

c) Com qual finalidade você acha que o autor fez essas comparações não convencionais?

72

d) Observe as palavras finais do texto. O que têm em comum? Que efeito causam no leitor/ouvinte?

e) A forma desse poema faz lembrar um jogo de quebra-cabeças. Como as palavras ou as expressões lingüísticas podem ser deslocadas para funcionar como peças desse quebra-cabeças? Dê alguns exemplos.

f) Cite algumas situações sociais em que seria cantado ou lido esse texto. Com quais finalidades?

g) Escreva, em forma de prosa, algumas das informações que o texto **Construção** traz.

h) Compare sua resposta da questão anterior com o texto original: o que foi mantido igual? o que ficou diferente?

i) Os gêneros textuais de seu texto e do texto de Chico Buarque são os mesmos? Por quê?



Atividade 6

73

Vamos comparar os dois poemas, o de Vinícius de Moraes e o de Chico Buarque.

a) Como o tema aproxima os dois textos?

b) Que opinião a respeito do trabalhador você acha que os autores querem formar nos leitores?

c) Que características textuais são semelhantes nos dois textos?

d) As características comuns aos dois textos são suficientes para classificá-los como pertencentes ao mesmo gênero textual? Por quê?

Os textos trabalhados nessas duas últimas atividades realizam o gênero poético. Como você pode ver, distinguem-se de outros gêneros, não-poéticos e não-literários, por apresentarem características bem definidas, até na distribuição das palavras pelo espaço da folha de papel. Por isso dizemos que, no gênero literário, a forma não pode ser desvinculada do conteúdo.



Indo à sala de aula

Leia com seus alunos alguns poemas ou letras de música para comparar com a leitura de textos em prosa. A tomada de consciência de que nem todos os gêneros textuais são realizados por escrito também é importante no processo de identificação das diferenças e semelhanças entre textos. Se possível, aponte para diferentes textos que os próprios alunos produzem no espaço escolar: identifique **quem** escreve ou diz para **quem**; qual foi a **finalidade** do texto; se a **linguagem** foi informal ou não; se houve uma intenção estética na exploração do vocabulário, etc.

Aos poucos, seus alunos irão percebendo que a variedade de textos que eles conhecem têm muitos pontos em comum. Mas o **uso** é que faz deles gêneros iguais ou diferentes.



Avançando na prática

1. Leve aos seus alunos uma letra musicada – que você considere atraente para a idade deles – e cante com eles, acompanhando a música e seguindo a letra por escrito.
2. Faça com eles uma interpretação do texto, em termos de tema, autor/leitor/ouvinte, formas de expressão, aspectos na construção dos sentidos, idéias sugeridas e/ou explícitas, e tudo o mais que achar interessante e pertinente – inclusive as razões por que os alunos gostam, ou não, da canção.
3. Compare com algum outro texto que tenha sido trabalhado sobre o mesmo tema, ou com o mesmo aspecto formal (poesia).
4. Provoque uma reflexão sobre a compatibilidade entre oralidade e escrita e sobre o fato de que alguns gêneros podem ser realizados pelas duas modalidades enquanto outros só ocorrem por escrito, ou oralmente.

5. Identifique com eles quem é o autor (ou autores) e quem são os ouvintes/leitores a que se destina o texto-canção.
6. Identifique algum traço lingüístico que marque o destinatário da canção, como, por exemplo, gírias ou terminologia específica.
7. Leve-os, sobretudo, a reconhecer que gêneros textuais estão em toda parte, não apenas na escola.



Resumindo

Podemos considerar que os gêneros dividem-se em dois grandes grupos: os literários e os não-literários. Entre os literários está o gênero poético, composto por poemas. Nesta seção comparamos dois poemas para identificar neles características que permitem assim classificá-los.

A maneira de trabalhar com as palavras, explorando sua sonoridade, suas significações, as imagens sonoras e poéticas que criam, constitui o traço mais marcante do gênero poético. Essas características associadas à finalidade da produção de um gênero poético, ao papel que se espera dos interlocutores, compõem o que chamamos a função sociocomunicativa do gênero poético.

No gênero poético, a função sociocomunicativa visa à exploração estética da linguagem, tanto para quem produz quanto para quem lê, ou ouve. Por isso, os temas do gênero poético podem ser bem diversificados e cada época e lugar, ou cada escola literária, costuma definir suas prioridades temáticas. Também as exigências formais, como de rimas ou métrica, variam de época para época, ou de escola para escola literária.

Apesar de todas essas possibilidades de variação, o texto literário se caracteriza pela exploração de imagens que as palavras podem criar e pela finalidade de proporcionar prazer aos leitores ou ouvintes.

Seção 3

Uma subclassificação do gênero poético: o cordel



Objetivo da seção

Caracterizar uma das formas de realização do gênero poético: o cordel.

Para darmos continuidade a uma reflexão sobre o gênero poético, vamos analisar uma das formas de sua ocorrência, o cordel. É um gênero textual que apresenta algumas semelhanças e algumas diferenças com os poemas já estudados.

O **cordel** é uma atividade de contar histórias que vem desde a Idade Média e, no Brasil, é muito mais difundido na região Nordeste do que em outras partes.

O nome “cordel” teve origem em Portugal, na Idade Média, porque os folhetos ficavam pendurados por cordões ou barbantes, em exposição. O mesmo hábito – e nome – continuou nas feiras do nordeste brasileiro, onde, ao mesmo tempo em que os folhetos são vendidos, os versos são declamados.

76

Nesses textos, um narrador, geralmente anônimo, conta suas experiências para transmitir um ensinamento moral, uma sugestão de vida. O anonimato, no entanto, foi uma característica histórica que ao longo do tempo foi se perdendo e hoje não é mais relevante.

Para entender esse gênero, vamos ler as estrofes iniciais do texto **Satanás trabalhando no roçado de São Pedro**, de autoria de José Costa Leite.

Satanás trabalhando no roçado de São Pedro

O homem que é poeta
dorme tarde, acorda cedo
embora não rime bem
eu vou traçar o enredo
do Satanás trabalhando
no roçado de São Pedro.

É uma pequena história
há muito tempo passada
que não me lembro da era
e nem se foi inventada
no tempo que Satanás
trabalhava na enxada

Dizem que o Satanás
botou um grande roçado
e danou-se a trabalhar



que ficou todo suado
quase morria de fome
e não tirou resultado

Naquele tempo São Pedro
levava uma vida dura
trabalhando na enxada
cultivando agricultura
e tudo quanto plantava
chegava em grande fartura

Satanás era disposto
e na enxada era macho
trabalhava com vontade
de ver São Pedro por baixo
mas todo seu sacrifício
via descer d' água abaixo.



Atividade 7

Esse cordel apresenta algumas características peculiares ao gênero. Vamos identificá-las ao responder às seguintes perguntas:

a) De quantos versos se compõe cada estrofe? Quantas sílabas há em cada verso? (Não se esqueça de que, para a métrica, contamos até a última sílaba tônica e desprezamos as demais.)

b) Escreva, com suas palavras, o tema de que trata o poema.

c) Os personagens desse poema são conhecidos em outro campo do conhecimento. Qual?

d) Como o poeta se apresenta no texto do cordel? O que ele se dispõe a fazer?

A partir de suas respostas à atividade acima, podemos reconhecer algumas características formais do cordel:

- Os versos mais populares são as sextilhas (estrofes com seis versos) setessilábicas (com sete sílabas em cada verso). Mas também são populares as quadras e as estrofes de dez versos. Mais modernamente, a estrutura formal deixou de ser tão rígida.
- O cordel, tradicionalmente, conta uma história, como você pôde perceber. Essas histórias costumam narrar as dificuldades e sofrimentos de um herói que, ao final, triunfa e será recompensado.
- A história narrada, geralmente, apresenta uma situação de equilíbrio, desenvolve um conflito e termina restaurando o equilíbrio.
- Como você também pôde perceber, o cordel remete freqüentemente a passagens bíblicas ou "fantasia" lutas e conflitos entre o bem e o mal, em que o bem sempre vence.
- Por manter um vínculo estreito com a oralidade, muitas vezes, o poeta "chama" o leitor/ouvinte para tomar posição quanto ao tema. E para isso, ele se "apresenta" no texto, como no exemplo acima.

Os textos costumam ser longos para abarcar todas as peripécias, venturas e desventuras do herói. Por isso estamos aqui reproduzindo apenas fragmentos do poema.

As imagens de capa dos livretos, geralmente xilogravuras artesanais, costumam também ser uma marca característica do cordel.



Vamos ler outro exemplo de cordel, um pouco mais completo.

Justiça do trabalho – Uma justiça popular

Antônio Klévisson Viana

Ó Têmis, mãe da justiça
Esqueça Zeus, um segundo
Então desça do Olimpo
Para aconselhar o mundo
Dê ao homem sapiência
Um sentimento profundo

Então deusa da verdade
Me cubra com seu alento
Para versejar a história
Sobre farto documento
A Justiça do Trabalho
A justiça cem por cento

Nasceu com Getúlio Vargas
Um estadista. Porém,
Para defender os pequenos
Ele disse muito bem:
"O povo de quem fui escravo,
Não será escravo de ninguém."

Vivia o trabalhador
Quase sempre escravizado,
Sem direitos trabalhistas
Apenas sendo explorado
Não podia dizer nada,
Mesmo o patrão estando errado

No ano mil novecentos
E trinta, e não me empalho
A dezesseis de dezembro
Getúlio, pra não ser falho,
Com a Indústria e Comércio,
Cria a pasta do Trabalho

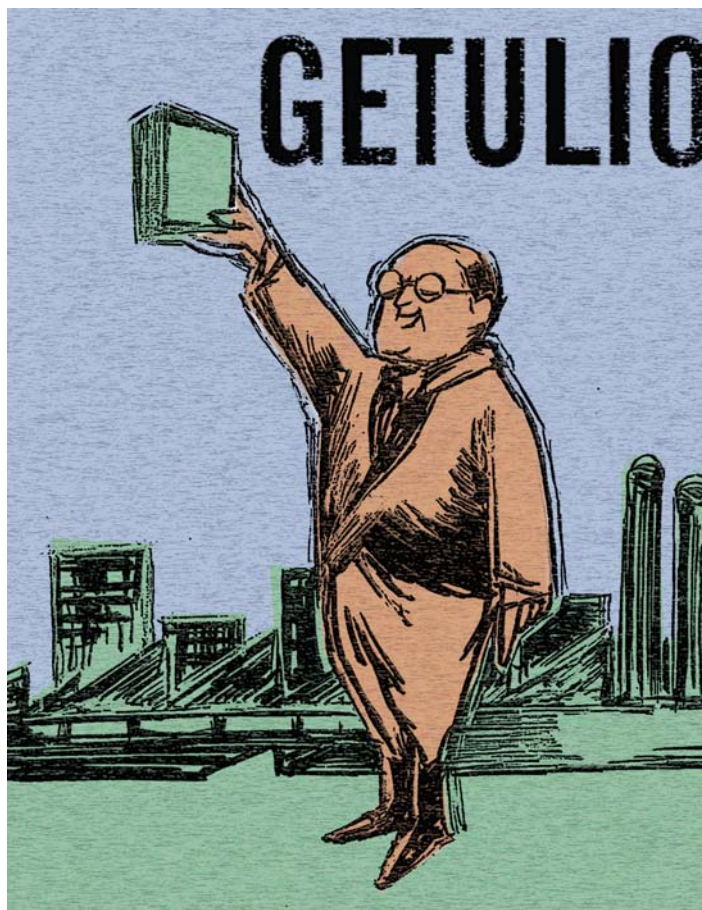
Nosso operário não tinha
Direito a férias, primeiro,
Trabalha dezoito horas
Na chibata o ano inteiro
E quando era dezembro
Não tinha décimo terceiro

Com a pasta do Trabalho
Ameniza a situação
E para resolver conflitos
De empregado e patrão
Em 32 são criadas
Juntas de conciliação

Em 31, o Ceará
Para não ficar à margem,
Severino Sombra cria
O Tribunal da Arbitragem
Junto a Waldemar Falcão
Cearense de coragem

Antes mesmo de instaladas
As Juntas de Conciliação
Este tribunal já tinha
Como principal missão
Resolver qualquer pendência
Entre empregado e patrão

Esta pasta do Trabalho
Foi o marco inicial



Pra se criar a Justiça
Do Trabalho, e afinal
No ano de 34
Na Constituição Federal

A Justiça do Trabalho
Vira órgão judicial
Com Conselhos Regionais
E Conselho Nacional
Preside então um juiz
Funcionário Federal
[...]

Ao povo deixo um recado
Que vai contra a tirania
Acredite na Justiça
Lute por cidadania
Todo mundo tem direito
Sem carecer rebeldia

Amigo trabalhador
Lute pelo que é certo
Se trabalhou, tem direito
Estamos sempre por perto
O Tribunal o defende
Com o coração aberto



Atividade 8

a) Que tema e finalidade você identifica nesse texto?

b) Em que contexto é mais provável a realização desse texto? Destaque passagens do texto que justifiquem sua resposta.

c) Que relação social o texto dá a entender que haveria entre os interlocutores? Destaque passagens do texto que justifiquem sua resposta.

80

d) Destaque, nesse texto, a situação de equilíbrio inicial, o conflito que se desenvolve e o equilíbrio final.

e) Que características tem o gênero cordel para ser considerado também pertencendo a um gênero mais abrangente, a poesia?

Ligado à tradição medieval, originalmente o cordel tinha em camponeses e marinheiros seus narradores por excelência. A eles, as mudanças sociais e culturais acrescentaram o artesão e, depois, o operário. Hoje em dia, integrando-se à situação socio-cultural de sua produção, o cordel absorveu algumas tendências da modernidade e aborda assuntos do cotidiano. Muitas vezes veicula informações e "visões de mundo" que extrapolam suas propostas iniciais.

Vejamos o exemplo de um texto atual, do qual reproduzimos apenas a primeira estrofe:

A vida do planeta Marte e os discos voadores

Rodolfo Coelho Cavalcante

Enquanto os homens da Terra
Se aprofundam na Ciência
Em busca de Outros Planos
Através da inteligência
Os marcianos, leitores,
Com seus Discos Voadores
Investigam com prudência.



Atividade 9

1. Qual é o tema desse poema?

2. Por que identificamos esse poema como atual?

3. Nessa estrofe ainda não temos o conflito, mas podemos prever como se dará. Que personagens e que tema de conflito o poema anuncia?

As fontes da literatura de cordel são muito variadas. Podem buscar inspiração no folclore, na religião, em fatos marcantes da comunidade ou mesmo na imaginação do poeta. Mas, fiéis à grande circulação no Nordeste ou entre nordestinos, os textos de cordel continuam explorando a saga de Lampião e de seus cangaceiros. Ainda hoje encontramos muitos livretos sobre esse tema.

Por muitos considerado uma arte “menor” associada à cultura dos iletrados, com a valorização das formas de expressão populares, o cordel alcançou o estatuto de prestígio na literatura. E não perdeu as características de um gênero intermediário entre a oralidade e a escrita, em que o sujeito narrador dialoga com os fatos e com os ouvintes/leitores. Por essas razões, podemos dizer que representa uma transição entre a cultura popular e a literária.

A forma em verso, em geral, facilita a memorização das formas literárias de tradição oral. Por isso, pode-se considerar que essa característica de contar a história em verso para facilitar a memorização, ligada à situação sociocomunicativa, constitui uma marca histórica desse gênero.



Importante

As alterações sofridas, ao longo do tempo, no gênero cordel, longe de prejudicarem sua classificação, reforçam o que já se disse a respeito de gêneros textuais: como são artefatos sociocomunicativos, os gêneros ficam marcados por sua história, por seu uso. As mudanças nos gêneros motivadas por qualquer alteração nesse uso, e nas funções que desempenham ao longo de sua história, reforçam ainda mais a caracterização do gênero como produto histórico, ligado às condições de sua produção.

Apesar de sofrer influências da modernidade, ainda hoje a temática do cordel continua tendo uma função social de ensinamento, de aconselhamento, muitas vezes transformada em transmissão de informações.

Em suma, podemos dizer que a forma em verso, a finalidade de transmitir um aconselhamento, o relacionamento social entre os participantes – autor, geralmente anônimo, e público-alvo dessa informação geralmente coletivo –, compõem um conjunto de características que permitem dizer que este é um gênero poético. Mais ainda: que é um gênero poético que recebe a subclassificação de **cordel**.

Essa subclassificação engloba, portanto, razões históricas, de forma e de finalidade. São essas características que servem de critério para classificar essa forma de poesia como **cordel**. Outras formas de poesia, que se situem em situações sociocomunicativas diferentes – com características formais e funcionais diferentes – receberão outra classificação.

82



Indo à sala de aula

A leitura e a dramatização de poemas em sala de aula tornam seus alunos familiarizados com um gênero textual que, hoje, costuma não ser muito corrente em suas práticas sociais. Sempre que possível, propicie a seus alunos momentos de lazer com a leitura de gêneros textuais com os quais eles não convivem frequentemente. Lembre-se: é difícil amar o que não se conhece! Apresente leituras interessantes e diversificadas a seus alunos, sem que haja o compromisso da “tarefa escolar”. Só lendo sem o compromisso de “tarefa escolar” podemos aprender a ler pelo mero prazer do texto.

Como já vimos, nenhuma característica isoladamente – como, por exemplo, apenas a finalidade do texto – é suficiente para caracterizar um determinado gênero textual.

Vamos ler outros textos, de gênero diverso do cordel mas que com ele partilham a finalidade de ensinamento, de aconselhamento, de transmissão de sabedoria popular: são os conhecidos **ditos populares, pensamentos ou provérbios**. Também como o cordel frequentemente é, esses gêneros também podem, muitas vezes, ser anônimos.

**Atividade 10**

Que ensinamentos os seguintes provérbios e ditos populares pretendem comunicar?

Se você conhecer outros ditos populares ou provérbios que tenham objetivos semelhantes, transcreva-os para comparar a forma em que a mensagem é construída.

a) “O trabalho afasta de nós três grandes males: o tédio, o vício e a necessidade.” (Voltaire)

b) “Transporta um punhado de terra todos os dias e farás uma montanha.” (Confúcio)

c) “Aquele que pensa que é demasiado grande para fazer trabalhos pequenos é talvez demasiado pequeno para fazer trabalhos grandes.” (Autor desconhecido)

d) “A maior recompensa do nosso trabalho não é o que nos pagam por ele, mas aquilo em que ele nos transforma.” (John Ruskin)

e) Deus ajuda quem cedo madruga. (dito popular)

f) Há um tema comum a esses ditados. Escreva um parágrafo sobre a idéia de trabalho implícita nesses ditados.



Indo à sala de aula

Os provérbios e os ditos populares representam conhecimentos acumulados historicamente que têm existência oral e escrita. Aproveite oportunidades de valorização desse conhecimento popular que seus alunos trazem para a sala de aula. Sempre que possível, sempre que as atividades pedagógicas permitam, estabeleça um “diálogo” entre o saber sistematizado, típico da escola, e o saber popular.

A comparação entre textos de cordel e de provérbios, ou ditos populares, nos mostra que só pelo conjunto de características de um texto podemos determinar seu gênero. Mais que isso: por meio de uma certa característica um gênero se aproxima de outro; por meio de outra característica, o mesmo gênero pode remeter a um terceiro. Pela finalidade de aconselhamento, ensinamento popular, por exemplo, o cordel se aproxima dos provérbios; por meio da forma poética, o cordel se aproxima dos poemas. Vemos, assim, que as fronteiras que demarcam os diversos gêneros não são muito rígidas e podem ser alteradas com o tempo, com a história dos textos e com o uso que os falantes fazem deles. Por isso, é mais conveniente trabalhar com as características **predominantes** na classificação dos gêneros, e sempre as considerando em conjunto.

84



Avançando na prática

1. Leia com seus alunos o seguinte texto de cordel de João Martins de Athayde.

As quatro classes corajosas: Vaqueiro, agricultor, soldado e pescador

Tenho ouvido alguém dizer
Sem ver que eu estou presente:
"José Camelo não presta,
Porque só fica contente
Quando mete a língua dele
Contra esse, ou contra aquele
Inda sendo seu parente".

Pois bem, se eu prestei estudos
Para ser ruim demais
Sou quem conheço os viventes
Ruins, pois são meus iguais
E o ruim que detesta
Falar mal de quem não presta
Inda mais ruim se faz



De gente ruim eu falo
 Mas de gente boa não;
 Portanto vou nestes versos
 Fazer uma exaltação
 Às quatro classes que eu vejo
 Que merecem sem gracejo
 Honras pela profissão
 [...]
 São quatro classes, porém
 Vou falar primeiramente
 Sobre a classe dos vaqueiros
 Fazendo o mundo ciente
 O quanto são valorosos
 Ou por outra corajosos
 Honrando a sua patente
 O vaqueiro é um herói
 Que não tem amor à vida
 Pois inda encontrando a morte
 Na frente da foice erguida
 Antes a morte matá-lo
 Ele lhe atira o cavalo
 E ela fica estendida
 [...]
 Já falei sobre os vaqueiros
 Classe muito valorosa
 Agora posso falar
 Noutra classe corajosa
 Que são os agricultores
 Classe que merece flores
 Por ser muito proveitosa
 A classe de agricultores
 É quem traz o mundo em pé;
 Pois é quem tira da terra
 O açúcar e o café
 O trigo, o milho, o feijão

A farinha e o algodão
 E ninguém diz que não é
 Quem olhar para o serviço
 Que o pobre agricultor faz
 Achará que ele possui
 Força e coragem demais
 Pois vê que ele em seu trabalho
 Inda encontrando um engalho
 Já nunca dá para trás
 Já falei sobre o prestígio
 Do agricultor; agora
 Vou falar sobre o soldado
 Pois preciso nesta hora
 Dizer: que o soldado é
 Quem traz a justiça em pé
 Neste nosso mundo em fora



O soldado é um amigo
 Que não teme combater
 Defendendo a vida alheia
 Já sem pensar em morrer
 Pois entrando em luta forte
 Troca a vida pela morte
 Muitas vezes com prazer
 Inda um homem sendo fraco
 Mas se fazendo soldado
 Pela bandeira da pátria
 Não teme ser fuzilado
 Não é como cangaceiro
 Que além de ser desordeiro
 Só briga estando emboscado
 [...]
 Já falei sobre os vaqueiros
 Agricultores também;

Dos soldados já mostrei
O valor que a classe tem
Portanto vou dar louvores
À classe dos pescadores
Pois acho que me convém
Alguém diz que o pescador
Não tem classe, então por isto
Devo dizer nestes versos
Que alguns apóstolos de Cristo



Foram homens pescadores
E mais tarde pregadores
Isto está mais do que visto
Em cima da terra o homem
Pode saltar e correr
Porém em cima das águas
Isto não pode fazer
Já portanto o pescador
É o maior lutador
Que se pode conhecer

86

2. Proponha uma reflexão sobre o que diz o texto em termos de tema, objetivos, personagens, visão de mundo:

a) a discussão pode ser feita em conjunto, oralmente, com a participação de todos, sendo conduzida por perguntas do(a) professor(a);

b) para turmas mais adiantadas na escolarização, cada um desses aspectos pode ser previamente discutido em grupos menores para, depois de preparado o tema, ser apresentado à turma toda;

3. Após a análise do poema, proponha uma discussão sobre as finalidades do texto de cordel e como esse texto as realiza;

4. Utilize as informações que apresentamos nesta seção para conduzir a discussão.



Resumindo

O cordel é um gênero textual com origem na Idade Média, que ainda hoje tem uma função social de ensinamento, de aconselhamento, de transmissão de informações.

Quanto à forma, apresenta características do gênero poético, com rima, métrica e disposição das informações em verso.

Originalmente uma narrativa oral popular, o texto de cordel conserva marcas de oralidade e a forma em verso tem o objetivo de facilitar a memorização para ouvintes muitas vezes analfabetos. Representa também uma transição entre a cultura popular e a literária.

Como os gêneros ficam marcados por sua história, por seu uso, as mudanças no cordel, e nas funções que desempenham ao longo de sua história, confirmam a caracterização do gênero como produto histórico, ligado às condições de sua produção e à situação sociocomunicativa.

É pelo conjunto de características, não apenas por uma ou outra isoladamente, que se pode dizer que este é um gênero poético, e que, no âmbito desse gênero, recebe a subclassificação de cordel, por apresentar, predominantemente, forma em verso, finalidade de aconselhamento, marcas de oralidade, público original muitas vezes analfabeto, temas do cotidiano.

Leituras sugeridas

BRANDÃO, H. N. (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

É um volume que integra uma coleção denominada **Aprender e Ensinar com Textos**. Cada um dos seis capítulos é assinado por um autor diferente e, além de uma introdução teórica, aborda gêneros como mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica. Mesmo a parte teórica, que trata de várias propostas de tipologias no campo da lingüística, está fartamente recheada de exemplos e análises textuais. É uma obra recomendável não apenas pelas reflexões e conteúdo informativo que traz, mas também pelos exercícios sobre os gêneros que propõe. Nesse caso, é especialmente relevante o capítulo sobre o gênero cordel, escrito por Marcela Cristina Evaristo.

VILELA, M. e KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Trata-se de uma gramática completa e atualizada da língua portuguesa. Compõe-se de três partes: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. É nessa última parte que encontramos relevantes reflexões sobre os gêneros, articuladas com um detalhado estudo sobre a constituição textual. Os autores dão ênfase a classificações do gênero utilitário, como chamam o texto não-literário.

Bibliografia

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992 .
- BRANDÃO, H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRONCKART, J. P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC - Editora da PUC, 1999.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda., 2002.
- GARCEZ, L. *A escrita e o outro*. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais; constituição e práticas sociais*. São Paulo: Cortez. (no prelo)
- _____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita. In: Seminário de Filologia e Língua Portuguesa, 1. *Anais ...* São Paulo, 1999. p.139-155.
- PLATÃO, F. S. e FIORIN, J. L. *Lições de texto: leitura e redação*. Rio de Janeiro: Ática, 1996.
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Os gêneros escolares - das práticas escolares aos objetos de ensino. *Revista Brasileira de educação*, n.11, 1999, p.5-6.
- VILELA, M. e KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Correção das atividades



Correção das atividades

Atividade 1

a) Resposta pessoal, mas semelhante ao seguinte exemplo:

Alma minha gentil que te partiste

Tão cedo desta vida descontente,

Repousa lá no céu eternamente

E viva eu cá na terra sempre triste.

b) Porque não há uma organização simétrica nas rimas, como tis/tem/men/tris.

c) Porque tem algumas rimas – sé/bou/gou/, mas, sobretudo, porque tem melodia e explora o plano sonoro da língua. Além disso, explora também usos metafóricos da linguagem e faz jogos de palavras.

d) Repetições não são recomendadas em textos escritos; são até consideradas vícios de linguagem. No entanto, na linguagem poética as repetições criam “musicalidade” e provocam um jogo de palavras que lembra a oralidade.

Atividade 2

a) Por exemplo: “passando de mãe a filha, de filha a neta, como vão passando as águas no tempo”.

b) A descrição é metafórica: as lavadeiras são descritas como “espelho” das pedras. “Umas são arredondadas e cheias, aquelas magras e angulosas, e todas têm ar próprio, que não se presta a confusão”.

c) O trabalho das pedras e das lavadeiras é conjunto, cúmplice. “As pedras têm um polimento que revela a ação de muitos dias e muitas lavadeiras.” e “A lavadeira e a pedra formam um ente especial, que se divide e unifica ao sabor do trabalho.”

d) Por exemplo: “vão passando as águas do tempo”, “se divide e unifica ao sabor do trabalho”, “a pedra a acompanha em surdina”, “canto murmurante vem da pedra”, pedras são “jóias”, são “fiéis”, não se deixam “seduzir por estranhos”.

e) Depende de como o autor se expressasse. Poderia manter a poeticidade, com imagens diferentes; como poderia fazer um texto mais “objetivo” e produzir um gênero não-literário. As razões para que continuasse a ser um gênero poético dependeriam também de se manter a finalidade lúdica, estética da linguagem e de se manter a forma de organização com exploração de imagens, mesmo que fosse menos plurissignificativa que a forma usada por Carlos Drummond de Andrade.

Atividade 3

a) Os textos têm o mesmo tema: o trabalho. Também estão escritos de acordo com um registro formal de linguagem, com escolha vocabular de acordo com a norma culta. São diferentes na forma de expressar as idéias (com mais imagens nos textos poéticos) e na finalidade – o texto não-literário objetiva a informação e os textos literários, o prazer da linguagem, a exploração da forma do dizer.

b) Ressalta a finalidade de “ensinar”, de mostrar didaticamente como a atividade industrial se expandiu pelo mundo. Expõe, sem tornar tão explícita a posição do autor como a dos anteriores – apenas expõe as informações. O objetivo maior é o de informar, não o de criticar ou produzir sentimentos estéticos.

c) Resposta quase livre. O conto não apenas dá uma visão de mundo – como o texto não-literário também dá – mas o faz de forma a ressaltar a linguagem conotativa, plurissignificativa. O tema é o trabalho, mas a expressividade do conto cede à informatividade, concisa e objetiva, do texto didático.

d) As expressões “Em primeiro lugar”, “Em segundo lugar”, “Em terceiro lugar” e “Para finalizar” são os mais fortes indicadores do desenvolvimento do texto. São importantes porque direcionam o raciocínio do leitor para os objetivos do autor.

e) As situações devem ser aquelas em que a informação é prioridade, como nas práticas sociais escolares. O leitor é potencialmente quem busca informação a respeito das distinções expostas, muito provavelmente aluno.

f) Porque têm finalidades diferentes, organizam as informações de maneira diferente, visam interlocutores diferentes e se realizam em situações sociocomunicativas diferentes. Em um, a busca de uma linguagem inequívoca está associada ao objetivo de ressaltar o conteúdo informado. Noutro, a flexibilidade de sentidos dos textos poéticos chama atenção para usos estéticos da linguagem.

Atividade 4

a) A idéia está sintetizada nos versos: “O operário faz a coisa e a coisa faz o operário”. O operário é agente e produto da “coisa”.

b) Em um sentido o operário é agente-paciente de construção: ele se constrói como operário e como ser humano. Noutro, “em construção” é uma qualificação do tipo de trabalho que o operário executa: é o “ramo” em que ele está inserido no mercado de trabalho.

c) Além da disposição gráfica e do jogo de significados, o texto apresenta rima e, principalmente, ritmo construído pela métrica. Essas características seriam captadas também na oralidade. Além disso, a finalidade de apresentar uma visão de mundo, mesmo crítica, sob a forma estética caracteriza a poesia.

d) Porque a sonoridade do plano da linguagem seria ressaltada e as demais características do poema ficariam enfatizadas.

e) O tema é a injustiça social que sofre o trabalhador num mundo capitalista. Mas muitos outros gêneros poderiam abordar o mesmo tema, como artigos de jornal, dissertações acadêmicas, discursos parlamentares ou mesmo conversas espontâneas.

f) Exemplos livres. Essa escolha vocabular poderia estar presente em outros gêneros que também prezam o nível formal. Rima e ritmo caracterizam o texto poético, além do trabalho com o jogo de significações.

Atividade 5

a) O texto mostra o operário como vítima do sistema social.

- b)** Primeiramente porque a repetição da estrutura aponta para imagens múltiplas. Depois, porque versos, como, por exemplo, “bebeu e soluçou como se fosse máquina” criam o “inesperado” por atribuírem ações humanas a máquinas. As imagens formadas pelas combinações inesperadas identificam, então, o operário com a máquina. Especialmente na segunda estrofe, existem aparentes incompatibilidades entre as comparações propostas.
- c)** Há várias possibilidades de resposta. Uma poderia ser: pelo prazer de “brincar com as idéias” e com as palavras; mas também para desestabilizar uma leitura previsível do texto.
- d)** Partes das estruturas sintáticas são “deslocadas” para outras estruturas e sofrem um rearranjo sintático que provoca novas significações conotativas.
- e)** Resposta livre. Algumas situações seriam com finalidades lúdicas, com finalidades de crítica ou protesto social, com a finalidade de recuperar as idéias de uma época, com finalidades didáticas...
- f)** Pelo engajamento social, o texto representa uma forma de protesto “escondido” em um gênero poético, artístico.
- g)** Resposta livre. No geral, as informações apontam para uma crítica às situações de desigualdade social e exploração do trabalhador.
- h)** Resposta livre. No geral, a maneira de expressar as idéias vai ser diferente. Também as finalidades serão diferentes. O tema deve ser mantido.
- i)** Resposta livre. Mas, no geral, se não for escrito em forma de poema, os gêneros tendem a ser diferentes: diferentes interlocutores, diferentes situações sociocomunicativas, diferentes explorações das significações lingüísticas (plano composicional).

Atividade 6

- a)** Os dois textos apresentam visões semelhantes de mundo a respeito da exploração do trabalhador e da desigualdade social.
- b)** Resposta livre. Mas a tônica das mensagens é de crítica social, de tomada de posição contra a exploração capitalista e a desigualdade por ela gerada.
- c)** Além de respeitarem o emprego da norma culta, os textos também empregam rimas e métrica, figuras de linguagem, e jogo de significações nas estruturas sintáticas.
- d)** Sim. Os traços caracterizadores do gênero poesia estão muito marcados nos dois textos.

Atividade 7

- a)** As estrofes se compõem de seis versos de sete sílabas cada um.
- b)** Sugestão: Satanás e São Pedro trabalhavam no roçado. Por mais que Satanás se esforçasse, sua roça não ia para frente, enquanto a de São Pedro prosperava.
- c)** Satanás e São Pedro são conhecidos no discurso religioso, na Bíblia.
- d)** Apresenta-se humildemente, dizendo que vai contar um enredo que não sabe se inventado ou não.

Atividade 8

- a) O tema é a instalação de órgãos do Judiciário para proteger os trabalhadores. A finalidade é informar o povo em geral sobre os direitos do trabalhador.
- b) Há várias possibilidades de contexto, dependendo da vivência de cada um: de qualquer maneira, é mais provável em comunidades de pouco letramento em que se transmite informações e busca-se a consciência do público por meio desse gênero, em feiras, em ruas, em praças.
- c) Alguém, que tem as informações, informa, aconselha outros que precisam dessa informação. O tratamento do autor para com seus ouvintes/leitores é de “amigo trabalhador”.
- d) Equilíbrio inicial: contar uma história com a ajuda de deuses do Olimpo. Conflito: a exploração do trabalhador. Equilíbrio final: a instalação da Justiça do trabalho.
- e) O cordel pode ser considerado um gênero poético por que apresenta rimas e métrica; é organizado em estrofes e tem disposição visual de poema.

Atividade 9

- a) A vinda dos marcianos, em seus discos voadores, à Terra.
- b) Porque o assunto é atual, não é típico da Idade Média.
- c) O conflito que se anuncia é entre os marcianos e os habitantes da Terra; há sugestões de atitudes diferentes na busca do conhecimento pela ciência.

Atividade 10

- a) Resposta livre. Os ensinamentos são para a valorização do trabalho contra vícios.
- b) Resposta livre. Os ensinamentos são para a persistência do trabalho: aos poucos se consegue muito.
- c) Resposta livre. A proposta é de humildade: não há trabalhos sem valor.
- d) Resposta livre. A proposta é que o trabalho vale mais pelo que faz no ser humano do que pelo dinheiro que traz.
- e) Resposta livre. A recompensa pela dedicação ao trabalho é a proposta desse provérbio.
- f) O tema comum é a valorização do trabalho. O parágrafo é resposta livre.

Unidade 11

Tipos textuais

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa



Iniciando nossa conversa

Caro Professor, Cara Professora,

Nas unidades anteriores, vimos como a idéia de trabalho está presente em todas as nossas atividades, tanto sociais quanto lingüísticas. Conforme a idéia de que trabalho é a aplicação de forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, também estamos trabalhando quando fazemos uso da linguagem. E esse trabalho com a linguagem deve atingir sempre os objetivos sociocomunicativos adequados a cada situação. Por isso, organizamos nossos textos de várias maneiras diferentes. Essa variedade de organização corresponde aos gêneros textuais.

O trabalho, nosso tema transversal, nesta unidade está muito ligado ao que fazemos com a linguagem; à maneira como *trabalhamos* nosso material lingüístico para comunicar e para agir no mundo. O objetivo comum que permeia as três seções é mostrar que exercemos trabalho lingüístico sempre que organizamos nossos textos; e que reconhecemos o trabalho lingüístico de outros quando nos esforçamos para compreender suas idéias e seus textos. Essa é uma forma de trabalho social e cultural.

97

Nas unidades anteriores, tivemos a oportunidade de analisar como se organizam vários gêneros que nos rodeiam: poemas, contos, receitas culinárias, verbetes de dicionário, textos publicitários, entre outros.

Vamos agora colocar nosso foco de observação “dentro” dos textos que realizam esses gêneros e analisar de que maneiras as próprias palavras e estruturas sintáticas se organizam para dar forma aos gêneros textuais. Estamos falando agora de **tipologia textual**; uma outra classificação que tem estreitas relações com a de gêneros. Nesta unidade vamos observar de perto essas relações, em vários aspectos. Na unidade seguinte, veremos como tipos e gêneros textuais se inter-relacionam.

Aos poucos conseguiremos chegar a uma sistematização de tipos textuais ligados aos diversos usos lingüísticos, começando – como já fizemos nas outras unidades sobre gêneros – pelo reconhecimento do que aprendemos intuitivamente sobre as situações sociocomunicativas em que trabalhamos com a linguagem.

Vamos, então, na seção 1, tratar dos tipos mais freqüentes na nossa prática escolar: o descritivo e o narrativo. Depois, na seção 2, buscaremos caracterizar os dois menos freqüentes no processo de ensino-aprendizagem: o injuntivo (ou instrucional) e o preditivo. Na seção 3, focalizaremos outros dois tipos bastante comuns entre nós: o expositivo e o argumentativo.

Esperamos que, a partir das reflexões e das atividades aqui propostas, possamos ajudar você a preparar atividades didáticas que levem seus alunos a reconhecer a distinção entre tipo e gênero textual e a utilizar estratégias textuais adequadas a variados gêneros textuais.



Definindo nosso ponto de chegada

Esperamos que depois de refletirmos juntos a respeito dos conceitos fundamentais de tipo e gênero, e de você realizar as atividades propostas para esta unidade, seja possível:

- 1- Caracterizar seqüências tipológicas narrativas e descritivas;
- 2- Caracterizar seqüências tipológicas injuntivas e preditivas;
- 3- Caracterizar seqüências tipológicas expositivas e argumentativas como dois aspectos do tipo dissertativo.

98

Seção 1

Seqüências tipológicas: descrição e narração



Objetivo da seção

Caracterizar seqüências tipológicas descritivas e narrativas.

Os tipos textuais são mais conhecidos que os gêneros na tradição escolar, especialmente em aulas de redação, quando trabalhamos com a descrição, a narração e a dissertação.



Recordando

Já vimos, nas unidades 9 e 10, que os gêneros textuais são as diferentes maneiras de organizar linguisticamente as informações num texto, para que ele seja adequado à situação sociocomunicativa em que é construído.

Nossa experiência com a linguagem nos mostra que muitas vezes os gêneros são “misturados”; trabalhamos, então, com o gênero predominante.

Também os tipos nunca aparecem puros em um texto. Há trechos de um tipo ou de outro na maioria dos textos que trabalhamos com nossos alunos. Mas como estratégia didático-pedagógica, costumamos chamar de descrição o texto que tem **predominância** desse tipo. Da mesma forma, chamamos de narração o texto predominantemente narrativo. E assim por diante. Como se trata apenas de uma questão de predominância, vamos, então, considerar a caracterização de trechos tipicamente descritivos, narrativos ou argumentativos em um texto.

Por isso, em vez de **tipos textuais**, vamos chamar de **seqüências tipológicas** os trechos de um texto que apresentam um certo padrão de organização das estruturas lingüísticas a ponto de identificá-lo como um dos tipos da classificação.



Importante

As seqüências tipológicas mais freqüentes são a descrição, a narração e a dissertação, mas esse último termo, na verdade, engloba dois: a exposição e a argumentação. Alguns autores acrescentam ainda a instrução (ou injunção) e o diálogo (também chamado conversação).

Lendo o início de um pequeno conto de Monteiro Lobato, poderemos observar como seqüências narrativas e descritivas se entrelaçam para construir um texto. Logo a seguir apresentaremos um glossário das palavras menos conhecidas.

99

O drama da geada

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adeça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela boca.

Frio. Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põem sorvete dentro dos ossos.

Sáimos cedo a ver cafezais, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto da fazenda. Dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, o maior voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse num gesto amplo:

— Tudo obra minha, veja!



Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho, sentindo-me orgulhoso também de tal patricio. Aquele desbravador de sertões era uma força criadora, dessas que enobrecem a raça humana.

– Quando adquiri esta gleba – disse ele –, tudo era mata virgem, de ponta a ponta. Rocei, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei valos, estiquei arame, construí pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café – fiz tudo. Trabalhei como um negro cativo durante quatro anos. Mas venci. A fazenda está formada, veja.

[...]

Negrinha (1994). São Paulo: Brasiliense, p.35

Glossário

Entanguida: encolhida, aca-nhada

Retransido: trespassado; to-lhido de medo, susto, dor, vergonha.

Viso: pequeno monte, outeiro

Socado: chão pisado, amas-sado

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) formou-se em direito e, a par de suas atividades profissionais, foi um grande nome da fase pré-modernista no Brasil. Foi um intelectual consciente da realidade nacional, engajou-se em várias campanhas nacionais em favor do ferro e do petróleo e criticou o sistema agrícola brasileiro na figura do Jeca Tatu, personagem que o tornou muito mais conhecido pelo tom irônico e didático de sua obra do que por seu valor literário. Foi um grande contador de histórias e seus contos, às vezes, assemelham-se a crônicas. Escreveu também vários livros infantis e seus personagens estão “vivos” até hoje no Sítio do Pica-pau Amarelo.

O gênero aqui é o literário, como já tivemos oportunidade de ver nas unidades anteriores. Mas nosso olhar agora vai ser direcionado para “dentro” do texto e irá observar como as diferentes seqüências tipológicas servem para construir esse texto e esse gênero em especial.

100



Atividade 1

1. Observe os trechos sublinhados. O que eles dizem a respeito da paisagem e da pessoa?

2. De que classes gramaticais são as palavras mais usadas?

3. Releia, agora, o último parágrafo do texto. Compare-o com os trechos sublinhados. De que classe gramatical são as palavras mais usadas?

4. A que seqüências tipológicas a idéia de trabalho está mais associada? Às descritivas ou às narrativas? Por quê?

Ao contrário do último parágrafo, que apresenta uma série de ações, os trechos sublinhados constituem nítidas seqüências que descrevem pessoas ou lugares. Não apresentam uma seqüência temporal; podem aparecer em ordem diferente no texto e, mesmo assim, haveria coerência. Essas seqüências pertencem ao tipo descritivo.



Atividade 2

Vamos examinar, com mais detalhes, seqüências que relatam ações. Utilizaremos, para isso, um trecho do conto **Marina, a intangível**, do escritor mineiro Murilo Rubião.

Murilo Rubião, mineiro de Carmo de Minas, nasceu em 1916 e faleceu em 1991. Foi advogado e funcionário público, mas destacou-se por escrever contos cheios de magia e fantasia.

[...]

Abri a janela, que dava para o jardim, a fim de sentir melhor o perfume das rosas. Talvez elas me ajudassem.

Porém, ao descerrar as venezianas, deparei com a fisionomia de um desconhecido. Rapidamente afastei os olhos noutra direção. Aquela cara me incomodava. Toda ela era ocupada por um nariz grosso e curvo. Tornei a observar o intruso e vi que me olhava com insistência.

Sem alterar o semblante, ou mover os músculos da face, disse-me:

– Recebi o seu recado, José Ambrósio. Aqui estou.

Imobilizei-me ao contemplar-lhe o rosto sem movimento, a cabeça desproporcionada, tomando boa parte do espaço da janela.

Recuperando-me do espanto que a sua presença me trouxera, retruquei com vigor:

– Não o conheço, nem disponho de tempo para atendê-lo.

Em seguida, fiz-lhe um sinal para se afastar. A sua figura desajeitada e estranha atormenta-me, impedia que tentasse elaborar um novo texto.

Penso que interpretou o meu gesto como um convite para entrar, pois deu umas passadas miúdas e penetrou na sala pela porta principal.

Deteve-se a alguns passos da minha escrivaninha e continuou a encarar-me. [...]

[illegible]

Como o objetivo principal do texto de Murilo Rubião é contar as ações das personagens; as estruturas lingüísticas em forma de descrição apenas compõem uma idéia maior, que é contar, ou narrar, alguns fatos. Portanto, pela predominância tipológica, o texto deve ser classificado como narrativo e as seqüências descritivas funcionam como uma espécie de “cenário” para as ações.

**Importante**

Com os trechos que indicam ação, percebemos mudanças de estado; a ordem dos eventos narrados não pode ser alterada livremente.

Com os trechos descritivos, percebemos as características, as qualidades das coisas e das pessoas.

**Atividade 3**

Vamos juntar, nesta atividade, trechos dos dois textos analisados, o de Monteiro Lobato e o de Murilo Rubião.

1. A qual dos dois tipos textuais (descritivo e narrativo) estariam corretamente associados os seguintes trechos do texto da atividade 1? Por quê?

a) Passam colonos para a roça, retransidos, deitando fumaça pela boca.

b) Dobrando o joelho sobre a cabeça do socado.

c) O major voltou o corpo para o mar de café aberto ante nossos olhos e disse [...]

d) Vi. Vi e compreendi-lhe o orgulho.

2. A qual dos dois tipos textuais (descritivo e narrativo) estariam corretamente associados os seguintes trechos do texto da atividade 2? Por quê?

a) Rapidamente afastei os olhos noutra direção.

b) [...] o rosto sem movimento, a cabeça desproporcionada, tomando boa parte do espaço da janela.

c) Penso que interpretou o meu gesto como um convite para entrar, pois deu umas passadas miúdas e penetrou na sala pela porta principal.



Recordando

Não devemos esquecer que podemos descrever aspectos exteriores, mas também podemos descrever aspectos interiores ou psicológicos, como é muito comum na descrição de personagens da literatura.

Como vimos nas atividades anteriores, os trechos narrativos fazem o leitor/ouvinte saber dos fatos, episódios ou eventos constituidores do texto, de uma forma organizada em sequência cronológica. Por isso, são importantes as formas verbais que expressam os tempos de ocorrência dos acontecimentos e as relações de causa e efeito, ou a consequência, entre eles.

Essas relações de cronologia e de consequência são fortemente marcadas tanto pelos tempos verbais quanto por advérbios e conjunções.

104



Atividade 4

Vamos observar como está organizado linguisticamente o seguinte episódio.

Correu, correu mas não chegou a tempo: o cachorro já tinha roubado o assado e fugido para o mato. No futuro, teria que tomar mais cuidado com a cesta do piquenique.

1. Que palavras ou expressões indicam que a ação de “roubar o assado” é anterior à ação de “correr”?

2. Que palavras ou expressões no texto indicam que a decisão de “tomar cuidado” ainda não se realizou?

Este é um exemplo de como, num trecho relativamente curto, podemos marcar – e interpretar – linguisticamente, na flexão verbal, a seqüência de uma série de ações. Esta é uma seqüência tipológica predominantemente narrativa.

Mas, em seqüências descritivas, mais importante que a cronologia ou a consequência do que é descrito é a organização das informações no espaço, como se o autor levasse o leitor/ouvinte a compor mentalmente uma cena ou uma imagem. Os trechos descritivos fazem o leitor/ouvinte saber as informações da descrição por meio de uma organização espaço-temporal. Por isso, mais importante que os tempos verbais são as expressões de propriedades ou qualidades dos objetos descritos.

Os textos de Monteiro Lobato e Murilo Rubião nos mostram como seqüências tipológicas diversas se mesclam e se organizam para atingir um objetivo comunicativo. Nesse caso, o objetivo comunicativo faz criar um gênero literário, o conto.



Recordando

Gêneros textuais são classificados de acordo com os objetivos sociocomunicativos (finalidades, interlocutores, etc.), como já vimos nas unidades 9 e 10.

Nesse exemplar de gênero literário, encontramos uma mesclagem de tipos textuais, mas um tipo sobressai. Nesse caso, podemos dizer que o gênero **conto** se realiza por meio de seqüências tipológicas descritivas e narrativas, com predominância destas – ao menos nos trechos aqui reproduzidos.

105



Importante

O **tipo narrativo** apóia-se em fatos, personagens, tempo e espaço. Relata mudanças de estado entre os fatos ou episódios, seja marcando essas mudanças nos tempos verbais ou não. Além disso, há uma relação de anterioridade e posterioridade entre os fatos narrados e, freqüentemente, esses fatos mantêm entre si uma relação de causa e efeito. Por isso, muitas vezes, a ordem em que se enuncia os fatos é relevante para a seqüência narrativa.

O **tipo descritivo** enumera aspectos, físicos ou psicológicos, em simultaneidade. Nenhum dos fatos, ou informações, é necessariamente anterior a outro. Por isso, a inversão na ordem dos enunciados não altera a “imagem” que a descrição constrói.



Atividade 5

Vamos ver como os tipos descritivos e narrativos se realizam conjuntamente em outro exemplo. Usaremos desta vez o trecho inicial do capítulo **Fuga**, do romance **Vidas Secas**, de Graciliano Ramos, que constituirá nossa próxima atividade. As palavras de uso menos corrente estão no glossário a seguir.

Graciliano Ramos

Um dos mais importantes representantes do romance social no Brasil, nasceu em Quebrangulo (Alagoas) em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro em 1953. Viveu muito tempo nos sertões do Nordeste e retratou-os bem em suas obras. Foi acusado de comunista e sofreu injustiças e perseguições. Fruto desses anos de perseguição e prisão, escreveu **Memórias do Cárcere** (1953), obra em que retrata uma época ao mesmo tempo em que descreve sua experiência pessoal. Além dessa obra, seus romances mais famosos são *Vidas Secas* – grande romance modernista que narra a saga de retirantes sem perspectiva de mudanças – e *São Bernardo*, considerado por muitos a obra prima do modernismo sobre o problema agrário no Nordeste.

Fuga

A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manjava o rosário, mexia os beijos rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco de copiar, Fabiano espiava a caatinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.

Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhoto que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo como negro fugido.

[...]

Glossário

Copiar: varanda, alpendre.

Pulverizam: tornavam em pó

Garranchos: galho fino de árvore ou arbusto

Arribações: pombas

Morrinhento: fraco, prestes a morrer

Largou-se: foi-se embora

1. Sublinhe com um traço reto (ou azul) as seqüências descritivas do texto acima.
2. Sublinhe com um traço ondulado (ou vermelho) as seqüências narrativas do trecho acima.
3. Destaque, no texto, algumas palavras e classes gramaticais que indicam as seqüências dos eventos nos trechos narrativos.

4. Destaque, no texto, algumas palavras e classes gramaticais que indicam a seqüência dos eventos nos trechos descritivos.

5. Apesar do entrelaçamento dos tipos descritivo e narrativo, qual pode ser considerado predominante a ponto de caracterizar o texto?

Percebe-se também neste texto de Graciliano Ramos que não se distinguem muito nitidamente os trechos descritivos e narrativos. Isso porque, às vezes, estão tão intimamente ligados que é difícil perceber onde os fatos mudam de estado e onde os fatos são apenas suporte para um “cenário” maior.

A descrição do que faz Sinhá Vitória, por exemplo (benzia-se, tremendo, manjava o rosário, mexia os beijos), não relata mudanças de estado entre os fatos e os episódios. Também não se estabelecem relações de causa e efeito entre essas ações. Nem é relevante dizer primeiro se Sinhá Vitória manjava o rosário, mexia os beijos ou se benzia porque é o conjunto dessas ações que compõe uma espécie de “quadro” da situação na qual as ações de Fabiano vão depois avançar de um tempo anterior para um tempo posterior; vão ter causa e conseqüência.

O primeiro parágrafo ilustra bem o entrelaçamento entre ações que formam um “cenário”, as ações de Sinhá Vitória, por exemplo, e as ações de Fabiano, que constituem uma narrativa porque estão ligadas a relações de conseqüência e porque mostram mudança nos fatos.

Essa relação tão estreita é mais uma razão para justificar porque classificamos os tipos textuais pelo que predomina, porque será sempre necessária a compreensão global do texto para detectarmos as “pistas” gramaticais que justificam uma classificação tipológica.

Nos textos empíricos, naqueles que usamos no dia-a-dia, esse entrelaçamento é o que de mais comum ocorre. Um texto apenas descritivo ou apenas narrativo é raro.



Indo à sala de aula

É interessante fazer uma reflexão sobre as práticas pedagógicas que separam muito rigidamente narração de descrição. Seria importante o professor se perguntar se essa rigidez não conduziria a textos com uma certa marca de artificialidade. Isso não quer dizer que algumas atividades de sala de aula não possam ser direcionadas apenas para um ou outro tipo: o importante é que, para além de atividades escolares, os tipos sejam identificados como trechos em textos empíricos, ou reais, que adquirem sua significação nessa predominância que vem do entrelaçamento dos tipos.

Na nossa próxima atividade vamos nos “apropriar” de um texto elaborado originalmente para uma situação sociocomunicativa fora da sala de aula. Trata-se de uma pequena notícia que apareceu mais como curiosidade em uma conhecida revista semanal. Nesse caso, o gênero textual é identificado como uma das modalidades do gênero jornalístico. No nosso caso, o texto passa a ser um gênero escolar, ou de transposição didática, porque passa a ser utilizado para outros objetivos, envolvendo outros interlocutores em uma nova situação espaço-temporal – a sala de aula.



Atividade 6

Vamos reescrever a seguinte notícia veiculada pela revista IstoÉ, de 8 de janeiro de 2003, para inserir no texto algumas seqüências descritivas, sem que sua coerência seja prejudicada.

Uma sugestão para o exercício seria, por exemplo, inserir adjetivos para descrever a passageira, mas procure ser criativo e usar também frases e orações completas.

A barata saiu caro

– Baraaaata!!!...Baraaaata!!!....

Os berros da passageira fizeram com que o motorista do ônibus que viajava de Rio Claro a Ajapi, no interior de São Paulo, olhasse imediatamente para trás.

– Baraaaata!...

Foi ele se virar e o ônibus se desgovernou. A passageira manteve-se firme:

– Baraaata!...

Em poucos segundos, o veículo chocou-se contra uma árvore. Vinte e seis pessoas ficaram levemente feridas.

Podemos concluir, a partir das atividades acima, que os tipos textuais são definidos de acordo com as diferenças na maneira de organizar as idéias. Ou seja, além de enfatizarmos ora características ora ações, também utilizamos classes gramaticais, expressões e palavras diferentes em um ou em outro tipo textual. Por isso, muitos autores dizem que os tipos textuais estão ligados às propriedades lingüísticas dos textos.

Outra característica importante dos tipos textuais é aparecer sempre em conjunto, geralmente com a predominância de um deles.

Em resumo: os tipos textuais são, assim, uma espécie de construção teórica definida

pela natureza lingüística da composição do texto; são seqüências de enunciados, organizados por “escolhas” gramaticais diferenciadas, que ocorrem nos textos empíricos.



Avançando na prática

Proponha o seguinte jogo a seus alunos:

1. A classe deve ser dividida em dois grupos.
2. Um grupo diz secretamente a um representante do outro grupo o nome de um objeto.
3. Esse representante, diante da classe, deve descrever o objeto sem dizer o nome.
4. Os membros de seu grupo devem identificar o objeto pela descrição. Estimule a variedade nas maneiras de descrever: além da descrição física, dizer para que serve, onde normalmente é encontrado, etc.
5. Estipule um tempo, adequado ao nível da classe para essa atividade.
6. Ganha ponto o grupo que adivinhar, dentro do prazo estipulado, o objeto descrito.
7. Faça que todos, ou, ao menos, o maior número possível dos alunos passe pela atividade de descrever.
8. Findo o jogo, proponha que cada um escreva um texto descrevendo um objeto de grande valor pessoal. O desafio é dar o maior número de informações possíveis, mas identificá-lo apenas na última linha do texto.
9. Faça uma rodada de leitura em voz alta, solicitando voluntários.
10. Estimule a participação dos outros alunos na leitura, com comentários e opiniões sobre clareza, objetividade, etc.

109



Resumindo

Definem-se tipos textuais pela forma em que as informações são organizadas nos textos; pela predominância das categorias gramaticais que levam o leitor/ouvinte a compreender o texto. Estas estruturas lingüísticas servem de “pistas” para a construção da significação textual: uma seqüência descritiva pode ser comparada a um retrato, ou uma pintura; uma seqüência narrativa pode ser comparada a um filme.

Nas seqüências descritivas, a ordenação dos fatos ou episódios não é relevante. As seqüências narrativas, ao contrário, caracterizam-se justamente pela “evolução” dos fatos, pela mudança de estado, pelas relações de consequência.

Como os tipos costumam aparecer mesclados nos textos empíricos, às vezes, torna-se difícil distinguir as seqüências exatamente; só pelo reconhecimento da predominância de um dos tipos, com uma leitura global do texto, é que isso se torna possível.

Seção 2

Seqüências tipológicas: os tipos injuntivo e preditivo



Objetivo da seção

Caracterizar seqüências tipológicas injuntivas e preditivas.

Da classificação tradicional de tipos textuais, o tipo injuntivo, ou instrucional, talvez seja o de classificação menos conhecida. Mas não é raro no nosso dia-a-dia: é usado sempre que empregamos um chamamento ou uma instrução, oral ou escrita.

Observe os seguintes exemplos.

Exemplo 1



Querido Afonso, ou
Prezados senhores,

Exemplo 2



Exemplo 3



110



Atividade 7

1. Em que situação (ou gênero textual) costumamos usar um dos exemplos de 1? Com que intenção?

2. Em que situação, ou local, é comum encontrarmos o exemplo 2? Qual é o objetivo comunicativo?

3. Em que situação é comum ocorrer o exemplo 3? Com que intenção?

4. Que intenção comunicativa você acha que as três situações têm em comum?

Pois é. Como você vê, pelo tipo injuntivo pedimos, convocamos ou ordenamos ao interlocutor que faça alguma coisa (nem que seja apenas prestar atenção em nossas palavras). Enfim, o objetivo do tipo injuntivo é levar o interlocutor a fazer alguma coisa.

Gramaticalmente identificadas como vocativo, seqüências injuntivas ocorrem por escrito, por exemplo, num bilhete ou numa carta. Oralmente são constituídas sempre que chamamos alguém, como, por exemplo: **ei, você aí!**

Quando está associada predominantemente a verbos, uma seqüência do tipo injuntivo pode ter a forma de ordem ou de pedido; por isso, pode vir freqüentemente no modo imperativo ou em forma interrogativa, como vimos nos exemplos 2 e 3. O importante é saber que esse tipo textual pode se realizar por diferentes expressões e classes gramaticais.

Os próprios comandos das atividades que propomos nestas unidades constituem exemplos de seqüência injuntiva ou instrucional. Observe abaixo.



Atividade 8

Transforme as seguintes seqüências injuntivas (ou instrucionais) que estão na forma de ordem, empregando o modo imperativo, para uma forma de pedido, solicitação ou pergunta coerentes com a mesma situação.

Use sua criatividade e dê mais de uma possibilidade.

1. Venha cá, Marcelo!

2. Diga-me as horas.

3. Mantenha a tecla ! pressionada e selecione o ajuste rápido de alerta. Quando a luz aparecer, escolha a função desejada.



Recordando

Nunca é demais lembrar que nem sempre os textos são produzidos na modalidade escrita. As atividades didático-pedagógicas que visam à identificação e caracterização das seqüências tipológicas devem incluir também práticas da oralidade em sala de aula.



Atividade 9

Escreva seqüências lingüísticas do tipo injuntivo para iniciar textos (orais ou escritos) que expressem as seguintes situações. Dê mais de uma possibilidade, se possível.

1. Uma empresa comercial solicitando o envio do catálogo de produtos de outra empresa, válido para 2003.

2. Uma mãe mandando o filho limpar os pés antes de entrar em casa.

3. Uma pessoa pedindo informações sobre um endereço na rua.

4. Uma professora pedindo silêncio e atenção aos alunos.

112



Importante

Embora a classificação do tipo injuntivo, ou instrucional, seja pouco conhecida, seu emprego é largamente difundido no nosso dia-a-dia. Ou seja, estamos bastante habituados a usar o tipo injuntivo, mesmo sem saber seu nome ou classificação. Conseqüentemente, na sala de aula não é comum prever atividades que focalizam a sistematização dessa seqüência tipológica. Por isso, é conveniente que o professor comece a mostrar a seus alunos seqüências tipológicas injuntivas sempre que elas apareçam nos textos estudados ou lidos, ou mesmo na interação oral na sala de aula.

Outro tipo também pouco trabalhado em sala de aula, mas nem por isso pouco utilizado no dia-a-dia, é o tipo **preditivo**. É um tipo muito comum nos textos de horóscopo, como, por exemplo, no texto sobre o signo do dragão, do horóscopo chinês.



Atividade 10

O Dragão aprecia a ação e não é o que faltará no Ano do Cavalo. Sua inventividade e suas habilidades serão testadas e nesse processo ele será capaz de demonstrar algumas das suas qualidades. Ele vai aprender muito e se sairá bem ao aproveitar ao máximo as mudanças que surgirão.

Para as pessoas que não conhecem esse tipo de horóscopo, é interessante esclarecer que os 12 signos do horóscopo chinês são identificados com as características de animais. Não se sabe ao certo como os signos adquiriram os nomes, mas diz uma lenda que, em um ano-novo chinês, o grande profeta Buda convidou todos os animais ao seu encontro. Por razões que não se conhecem, apenas doze foram. Esses se tornaram os símbolos do horóscopo. O dragão é um deles.

1. Destaque os verbos do texto que descrevem o dragão e identifique em que tempo verbal estão conjugados.

2. O texto apresenta algumas ações. Em que tempo verbal estão expressas?

113

Não é de surpreender que os tempos verbais predominantes sejam os de futuro: **faltará, serão testadas, será, vai aprender e surgirão**. Isso acontece porque as seqüências tipológicas preditivas constituem uma asserção sobre situações ou fatos futuros.



Importante

O tipo preditivo, como o próprio nome indica, caracteriza-se por predizer alguma coisa, ou levar o interlocutor a crer em alguma coisa, que ainda está por ocorrer. Neste caso, torna-se mais importante descrever ou fazer uma exposição sobre o que acontecerá do que estabelecer conexões lógicas sobre os eventos relatados. Por isso, nem a cronologia das informações nem a ordenação dos enunciados é muito relevante. Nesses aspectos, o tipo preditivo ou o injuntivo distingue-se muito do narrativo.

A seqüência tipológica preditiva – como podemos perceber no texto do horóscopo acima – funciona, muitas vezes, como uma espécie de descrição de situações futuras. Por isso, excetuando-se o forte emprego de tempos verbais de futuro, do ponto de vista gramatical, as ocorrências mais freqüentes são de frases nominais.

Nota-se também, como característica desse tipo textual, que os conectivos lógicos são pouco utilizados, como também são pouco freqüentes as expressões circunstanciais de relações cronológicas ou de causa e efeito. Isso porque a forma lingüística em que se organiza esse tipo é muito parecida com a forma da descrição. A diferença está no objeto descrito: em lugar de descrever espacialmente coisas ou pessoas, são eventos futuros o foco da descrição.

No caso do gênero horóscopo, a descrição das pessoas pertencentes ao signo pode também se misturar à descrição dos eventos futuros.



Indo à sala de aula

Não é apenas em gêneros de horóscopo que seqüências preditivas ocorrem. Nos textos da mídia, por exemplo, que reportam acontecimentos e expõem opiniões, tais seqüências costumam integrar tipos mais abrangentes, ou predominantes.

No nosso dia-a-dia, também fazemos “predições”: quando olhamos para o céu e, por causa das nuvens carregadas, prevemos que vai chover; quando antecipamos alguma conseqüência para uma ação que vemos ser praticada.

Em qualquer das situações exemplificadas – ou outras semelhantes –, o professor pode pedir que os alunos escrevam a antecipação de algo que vai acontecer a partir de um acontecimento presente. O resultado deverá ser um texto preditivo.

114



Atividade 11

Vamos ler um trecho de uma entrevista com um professor estadunidense, Jeremy Rifkin, especialista em economia mundial, que foi veiculada pela revista Veja do dia 8 de janeiro de 2003.

VEJA – O senhor escreveu que estamos vivendo agora a encruzilhada decisiva do futuro do planeta. O que isso significa?

RIFKIN – Há dois futuros possíveis. Um positivo, que contará com a exploração de fontes de energia renováveis e com um novo regime energético baseado no hidrogênio. O segundo cenário é bastante negativo. Poderemos ter o aumento da tensão geopolítica e dos conflitos, o crescimento da desigualdade entre pobres e ricos e o salto da dívida externa dos países do Terceiro Mundo. Sem falar no aquecimento da Terra provocado pela poluição, o que terá efeitos devastadores no clima.



Recordando

Um tipo textual é definido pela **predominância** das seqüências tipológicas que apresenta – pelo tipo que mais se destaca, já que dificilmente um texto se realiza apenas com os padrões lingüísticos de uma só classificação tipológica.

1. Por que a resposta de Rifkin pode ser considerada como realizadora do tipo preditivo?

2. Mostre algumas marcas lingüísticas (expressões e classes gramaticais) que caracterizam esse texto.

3. Destaque algumas seqüências tipológicas descritivas presentes no texto.

4. Por que a presença dessas seqüências não leva à classificação do texto como descritivo?



Avançando na prática

115

1. Solicite a seus alunos que tragam para a sala de aula manuais que acompanham aparelhos e produtos, como, por exemplo, manual de liquidificador, de rádio-relógio, de bicicleta, etc.
2. Como precaução, traga você também alguns textos desse gênero para a sala de aula.
3. Separe a turma em grupos de quatro ou cinco alunos.
4. Cada grupo deverá escolher para análise um dos textos trazidos pelos alunos.
5. Escreva no quadro de giz o roteiro para a análise, que pode pautar-se pela seguinte sugestão:
 - (a) Qual o objetivo do texto?
 - (b) A quem se dirige o texto?
 - (c) Procure no texto um trecho que diga ao leitor sobre como deve proceder.
 - (d) Sublinhe os verbos e diga em que tempos e modos verbais estão.
 - (e) Circule palavras e expressões que indicam seqüência de ações.
6. Os alunos devem, então, classificar o texto, levando em consideração as características encontradas.
7. Os alunos deverão analisar o texto e decidir sobre o tipo predominante com base nas seqüências tipológicas de maior ocorrência.
8. A atividade conclui com uma justificativa por escrito sobre as razões que levam à classificação proposta. Essa justificativa vai incorporar os resultados das análises feitas segundo o roteiro.



Resumindo

Seqüências tipológicas injuntivas ou instrucionais têm por objetivo instruir o leitor/ouvinte sobre alguma coisa. Por isso, as formas verbais mais freqüentemente empregadas estão no modo imperativo. Por delicadeza, para utilizar uma linguagem mais polida, a intenção de ordem pode ser expressa por perguntas ou por incentivos a alguma ação. O importante é que seqüências instrucionais caracterizam-se por fazer o interlocutor executar alguma ação. A ordenação das ações, por isso, pode ser relevante e a seqüenciação entre os enunciados pode corresponder a uma conexão necessária entre os atos a executar.

Seqüências preditivas têm por objetivo fazer o leitor/ouvinte acreditar em um estado de coisas que ainda está para acontecer. Por isso, predominam os verbos nos tempos futuros e os conectores lógicos não são importantes. Pode-se perceber, formalmente, uma semelhança com a descrição de uma situação futura: uso de verbos de estado e de frases nominais.

Como acontece com os demais tipos textuais, o mais freqüente é a ocorrência das seqüências instrucionais e preditivas mescladas a outros tipos textuais, muitas vezes como parte de outros tipos predominantes.

Seção 3

Seqüências tipológicas: o tipo dissertativo



Objetivo da seção

Caracterizar seqüências tipológicas expositivas e argumentativas como dois aspectos do tipo dissertativo.

Um dos tipos textuais mais freqüentemente estudado e analisado em sala de aula é o **dissertativo**. Caracteriza-se o tipo dissertativo por analisar e interpretar fatos ou dados de uma realidade, usando para isso conceitos abstratos. As idéias e as relações entre elas tornam-se mais importantes do que propriamente os dados, ou as informações, que servem de motivo para se chegar a esses conceitos.

Vamos identificar como a estruturação lingüística desse padrão se dá, usando um texto da mídia como exemplo.



Atividade 12

Cão

Por ter uma visão apurada, o cão consegue, mesmo que a certa distância, perceber alterações nos movimentos de uma pessoa amedrontada. “O animal descende do lobo e dele herdou o instinto da caça. Se alguém passa a andar furtivamente ou com uma postura submissa, ele identifica logo uma presa fácil. O mesmo acontece quando uma pessoa corre. Nem sempre o cão persegue a vítima para atacá-la. Muitas vezes só quer espantá-la e mostrar quem é que manda no território”, conta a veterinária Hanellori Fuchs, da Universidade de São Paulo. O problema é que, quando alguém está com medo do animal, costuma fazer movimentos bruscos, como levantar a mão. O que é um gesto de defesa para a pessoa é entendido como uma forma de ataque pelo cão, o que pode levá-lo a avançar.

Superinteressante, novembro de 1992

1. Sublinhe com linha reta (azul) seqüências descritivas no texto acima.
2. Sublinhe com linha ondulada (vermelha) seqüências narrativas no texto.
3. Resuma, com suas palavras, a idéia principal do texto.

Já vimos, nas seções anteriores, que os tipos textuais coexistem no texto. O critério relevante para a classificação é a predominância das seqüências tipológicas. Não é diferente nesse exemplo. Podemos ver que, embora haja trechos descrevendo o comportamento do cão e o comportamento do homem, e trechos narrando fatos habituais, o texto tem um objetivo que vai além dessas descrições e dessas narrações. O texto procura explicar **por que os cães atacam as pessoas que demonstram medo**.

Do ponto de vista da informação, o mais relevante no texto é a explicação para o ataque dos cães. A razão de ser do texto é essa idéia. É a idéia que se sobrepõe às descrições e aos fatos narrados.

As informações a respeito da origem do cão, do comportamento humano e da “interpretação” que o cão faz desse comportamento servem para comprovar a idéia principal do texto.

O texto trata, portanto, de um **tema**, mais do que das **figuras** que descreve.

**Importante**

Temas são elementos abstratos presentes no texto; palavras ou expressões que não precisam corresponder a algo existente no mundo natural, mas a elementos que o organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos.

Figuras são elementos concretos presentes no texto; palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural.

Nesse tipo de texto, não é muito importante a ordem em que as idéias aparecem, desde que fique clara a conexão entre elas; desde que sejam identificadas as idéias que servem apenas para sustentar e a idéia maior, que constitui a razão de ser do texto, seu objetivo. Também não é relevante o número de idéias secundárias, desde que suficientes para esclarecer a idéia principal.

**Importante**

A idéia que constitui a razão de ser do texto, sem a qual ele nem seria composto, é chamada de **idéia central**. As demais idéias, que contribuem para a validade ou para a explicação da idéia central, são chamadas de **idéias secundárias**.

118

**Atividade 13**

Considere a seguinte idéia como central para um texto expositivo:

O MUNDO DO TRABALHO APRESENTA HOJE FACILIDADES E DIFICULDADES QUE NÃO EXISTIAM ANTIGAMENTE.

1. Enumere alguns aspectos que você considera hoje mais fáceis no mundo do trabalho.

2. Enumere alguns aspectos que você considera hoje mais difíceis no mundo do trabalho.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Vimos um exemplo disso no texto sobre os orangotangos, quando são citadas as palavras do chefe da equipe que fez o estudo. O importante é que, sendo suas ou de outros as opiniões, fique claro o desenvolvimento no raciocínio a que o autor pretende conduzir o leitor.



Importante

Nos dois tipos, no entanto, o emprego dos verbos e das palavras que marcam seqüência de acontecimentos, como advérbios, conjunções e preposições, é relevante: na narração, porque a cronologia é relevante; na dissertação, porque o encadeamento lógico das idéias é relevante.

Uma coisa importante a respeito do tipo dissertativo é que ele tanto pode ressaltar as idéias e os conceitos que interpretam os fatos – como é o caso da reação do cão no texto **Cão** – como também pode ressaltar crenças ou opiniões que decorrem dessas idéias ou conceitos.

Esses dois “caminhos” para focalizar as idéias levam a uma subclassificação do texto dissertativo. Quando o texto dissertativo se dedica mais a expor idéias, a fazer que o leitor/ouvinte **tome conhecimento** de informações ou interpretações dos fatos, tem caráter expositivo e podemos classificá-lo como **tipo expositivo**. Quando as interpretações expostas pelo texto dissertativo vão mais além nas intenções e buscam explicitamente **convencer** o leitor/ouvinte sobre a validade dessas explicações, classifica-se o texto como do **tipo argumentativo**.

Você deve ter notado, nas atividades anteriores, que nem sempre é fácil distinguir tipo expositivo de tipo argumentativo. Isso acontece porque, quando consideramos a linguagem como uma forma de trabalho cultural, estamos considerando que toda manifestação lingüística é também basicamente argumentativa. Ou seja: sempre que utilizamos a linguagem, estaremos implicitamente alterando – ou querendo alterar – as crenças dos interlocutores, estamos implicitamente querendo convencê-los de nossas idéias. Do contrário, nem nos daríamos ao trabalho de estabelecer uma interlocução... Mas nem sempre fazemos isso conscientemente, ou fazemos disso o objetivo da nossa interação verbal.



Importante

Considerar o uso da linguagem como trabalho implica considerar que a linguagem **faz** alguma coisa; que os interlocutores, quando passam por uma situação comunicativa, sofrem algum tipo de modificação. Essa modificação pode se dar no nível das ações ou das idéias: quando passamos a saber algo que não sabíamos, somos, de certa forma, transformados.

Num resumo simplificado, podemos dizer que, quando as idéias que compõem um texto dissertativo podem ser aceitas mais ou menos independentemente de crenças ou convicções, estamos diante do **tipo expositivo**; quando essas idéias dependem de visões de mundo e exigem do leitor/ouvinte uma atitude de acreditar (ou não), estamos diante de um **texto argumentativo**.



Importante

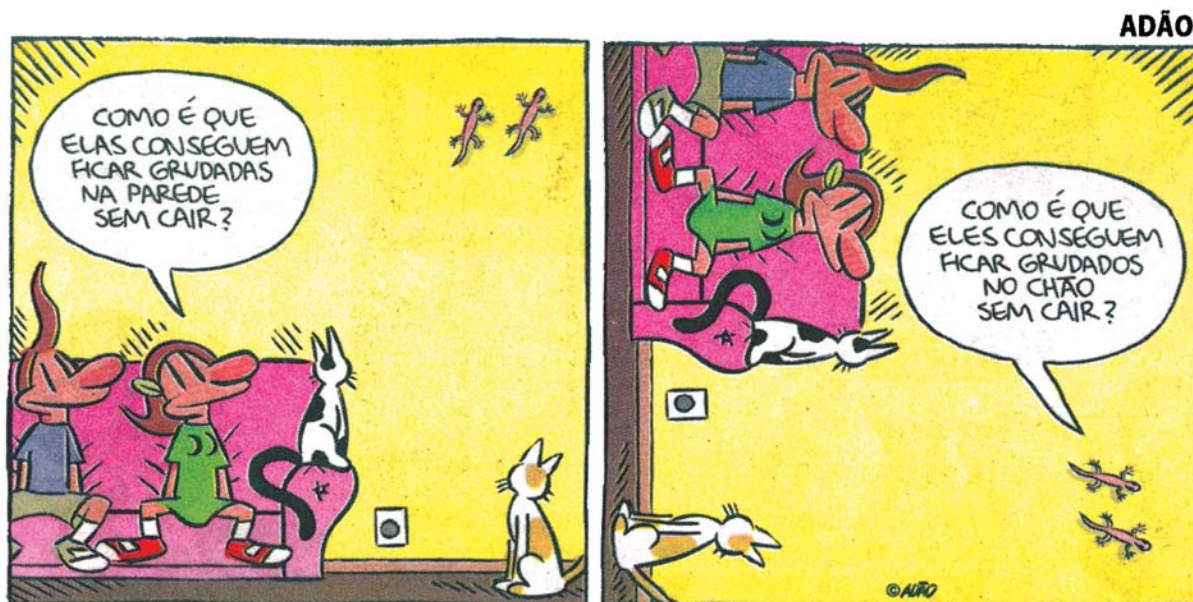
A classificação de um texto como do tipo dissertativo encobre características textuais de duas naturezas: por um lado, temos o tipo expositivo, que apenas expõe idéias; por outro, o tipo argumentativo, que objetiva convencer o interlocutor sobre a validade dessas idéias.

Podemos dizer que existe uma intenção de **esclarecimento** ligada ao texto expositivo e uma intenção de **convencimento** ligada ao texto argumentativo.



Atividade 15

Os quadrinhos abaixo ilustram como as idéias podem ter mais de um enfoque; como o mundo pode ser visto sob diferentes ângulos – e como diferentes pontos de vista dão origem ao tipo argumentativo.



1. As falas nos dois quadrinhos se diferenciam apenas pelas palavras “parede” e “chão”. Por que isso não cria redundância nem incoerência?

2. Crie um terceiro quadrinho para essa interação verbal. Desenhe duas aranhas grudadas no teto e imagine o que uma diria para a outra.

Essa atividade mostra como, no mesmo cenário, os personagens vêem os outros a partir de lugares ou posições diferentes. A mudança de ângulo em que cada um se coloca no mundo provoca convicções diferentes. E isso não significa que o acerto de um ponto de vista implique o erro do outro...



Indo à sala de aula

Nas atividades diárias, todos nós, desde a mais tenra idade mostramos nossos pontos de vista, que muitas vezes podem estar em conflito com os dos outros. Em sala de aula esses comportamentos são especialmente freqüentes. Em situações reais de confronto de opiniões, o professor pode “dar uma parada” na discussão e mostrar a “realidade” da argumentação.

Algo semelhante acontece com as idéias de um texto dissertativo. Ao interpretar os fatos, segundo um conceito ou outro, construímos uma certa visão de mundo. Esse é um trabalho com a linguagem. É por isso que muitas vezes podemos considerar que, no fundo, todos os textos dissertativos têm o propósito de convencer o leitor/ouvinte da validade das interpretações propostas.

Do ponto de vista de uma classificação tipológica, no entanto, encontramos sutis diferenças entre a mera exposição das idéias e a intenção de convencer sobre essas idéias. No primeiro caso, como já vimos, temos o tipo expositivo; no segundo, o argumentativo.

123



Indo à sala de aula

Os textos de jornal são exemplo vivo dos dois tipos – expositivo e argumentativo – por isso, é interessante trabalhar com diferentes tipos em um mesmo veículo.

Atividades de leitura de jornais em sala de aula podem levar os alunos a perceber as diferenças entre os textos que noticiam, que relatam fatos e eventos e os que defendem uma opinião, como é o caso dos editoriais e dos artigos assinados.

Leve para a sala de aula, ou peça a seus alunos que levem, exemplares de diferentes jornais e revistas. Proponha atividades de reconhecimento dessa distinção a partir de recortes de editoriais e artigos de opinião, de um lado, e notícias e reportagens, de outro.

Os tipos textuais se mesclam porque algumas seqüências tipológicas podem servir de “instrumento” para outras, como, por exemplo, a narração de eventos pode caracterizar o “perfil psicológico” de personagens em um romance; ou, inversamente, a descrição de um personagem pode estar a serviço de uma narração; ou, mesmo, esses dois tipos textuais, descrição e narração, podem servir de justificativa para a interpretação de idéias. Nesse caso, funcionariam como apoio para um gênero predominantemente dissertativo.

Tudo depende da intenção do produtor do texto e das “escolhas” lexicais, sintáticas e tipológicas que o autor considera mais eficazes na sua produção.

Isso quer dizer que todos os textos que utilizamos no dia-a-dia, sejam eles orais ou escritos, são construídos a partir de certas escolhas de palavras, expressões e estruturas sintáticas, com um determinado objetivo comunicativo.

Por isso, a presença de textos variados nas atividades de sala de aula torna as práticas sociais na escola mais próximas das situações sociocomunicativas que acontecem fora da sala de aula. Apesar de ser inevitável mudar a finalidade – ser utilizado como material didático – de cada texto, o reconhecimento, a análise e a sistematização de critérios que permitem ao aluno desenvolver sua competência textual é parte integrante do conjunto de estratégias coerentes com a abordagem de língua como trabalho.



Avançando na prática

124

1. Apresente a seus alunos uma foto, como a que mostramos a seguir.
2. Comece por propor uma conversa sobre o que vêem. Faça perguntas e peça opiniões aos alunos.
3. Depois de discutir sobre a foto, solicite que elaborem um pequeno parágrafo descritivo.
4. A seguir, solicite que elaborem um pequeno parágrafo narrativo sobre a mesma foto, imaginando ações que possam estar ocorrendo, ou tenham ocorrido.
5. Para alunos mais avançados em escolaridade, proponha a articulação entre as idéias dos dois parágrafos, fazendo os devidos ajustes na redação.
6. Solicite opiniões dos alunos a respeito da cena descrita e da situação narrada. Dependendo do nível de escolaridade, as opiniões podem ficar na modalidade oral, ou podem ser expostas também na modalidade escrita.
7. Se a opção for pela escrita, peça aos alunos para voltarem para o início do texto produzido e acrescentarem uma idéia que conduza o “olhar” do leitor para a opinião que eles colocaram no final do texto.
8. Você poderá, então, analisar, juntamente com os alunos, como as seqüências tipológicas descritivas, narrativas e dissertativas integraram o texto produzido.
9. Se for conveniente – de acordo com o nível de escolaridade –, você poderá mostrar exemplos de estruturas gramaticais típicas de descrição e de estruturas gramaticais típicas de narração, e até chegar a uma sistematização sobre o tema.



125



Resumindo

Enquanto o tipo descritivo enumera as características de um ser (pessoa ou coisa) e o narrativo apresenta uma sequência de ações, o tipo dissertativo caracteriza-se por descrever, interpretar, explicar ou expor idéias ou conceitos.

Quando o objetivo explícito do texto é apenas apresentar as idéias, sem objetivar convencer o leitor/ouvinte, dizemos que se trata de texto expositivo.

Quando existe o objetivo explícito de fazer o leitor/ouvinte acreditar nas idéias expostas, dizemos que o tipo é argumentativo.

Um texto dissertativo organiza-se sempre em torno de uma idéia central, para a qual outras idéias (secundárias) servem de apoio. Essa idéia central pode ser denominada tese; as outras são os argumentos que dão sustentação à tese.

É comum o texto dissertativo, especialmente o argumentativo, fazer uso de citações de outras pessoas, como também é comum utilizar seqüências de outros tipos como parte do desenvolvimento de suas idéias.

Leituras sugeridas

BRANDÃO H. N. (coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

É um volume que integra uma coleção denominada ***Aprender e Ensinar com Textos***. Cada um dos seis capítulos é assinado por um autor diferente e, além de uma introdução teórica, aborda gêneros como mito, conto, cordel, discurso político e divulgação científica. Mesmo a parte teórica, que trata de várias propostas de tipologias no campo da lingüística, está fartamente recheada de exemplos e análises textuais. É uma obra recomendável não apenas pelas reflexões e conteúdo informativo que traz, mas também pelos exercícios sobre os gêneros que propõe.

DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. (org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda., 2002.

Trata-se de uma obra em duas partes, composta por oito artigos na primeira parte – “Suportes teóricos e práticas de ensino” – e sete na segunda parte – “Gêneros textuais na mídia escrita e ensino”. São todos escritos por pesquisadores com grande experiência na área da linguagem e na do ensino. Destaca-se especialmente o capítulo “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”, por Luiz Antônio Marcuschi, pioneiro nos estudos no Brasil e respeitado pensador a respeito do tema: é hoje um dos autores mais citados quando se trata de gênero textual.

126

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

É um livro dedicado a tratar o texto como um “construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado”. O livro se declara “um pequeno farol a orientar essa constante caça ao sentido que caracteriza a espécie humana”. Aborda tanto as características textuais – como coesão, coerência e progressão temática – como os gêneros em que os textos se realizam. Como outras obras da autora, parte da consideração da linguagem como ação, como atividade constitutiva.

PLATÃO, F. & FIORIN, J.L. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

Uma obra dedicada aos professores que trabalham leitura e produção de textos. Compõe-se de exposições teóricas, textos comentados, exercícios e propostas de redação. De leitura fácil e agradável para o professor, apresenta uma sólida e consistente fundamentação teórica em terminologia acessível, clara e fartamente recheada de exemplos.

_____. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1995.

Embora originalmente dedicado ao estudante de ensino médio ou superior, esta obra traz importantes conceitos teóricos que permitem ao professor conduzir seu trabalho com os textos dos alunos de maneira teoricamente consistente. Além de enfatizar a inter-relação entre leitura e escrita, o livro traz os principais tipos textuais acompanhados de reflexão teórica e propostas de exercícios para níveis mais avançados de escolaridade. O professor de ensino fundamental pode aproveitá-lo para seu próprio embasamento e fazer adaptações nas tarefas de redação.

VILELA, M. & KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Trata-se de uma gramática completa e atualizada da língua portuguesa. Compõe-se de três partes: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso. É nesta última parte que encontramos relevantes reflexões sobre os gêneros, articuladas com um detalhado estudo sobre a constituição textual. Os autores dão ênfase a classificações do gênero utilitário, como chamam o texto não-literário.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes [1953], 1992.

BRANDÃO, H. N. (coord.) *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC [trad. Anna Rachel Machado], 1999.

COROA, M. L. *Tempo e temporalidade na língua*. Campinas, Unicamp. Tese de Doutorado. Inédita, 1998.

DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda, 2002.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. & FÁVERO, L. “Contribuição a uma teoria textual”. In: *Letras & Letras*, Uberlândia, 1987.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais; constituição e práticas sociais*. São Paulo: Cortez (no prelo).

_____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. “Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita”. *Anais do 1º Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo, 1999. p.139-155.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Os gêneros escolares – das práticas escolares aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação 11: 5-6, 1999.

VILELA, M. & KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Ampliando nossas referências

Descrição e dissertação

Platão, F. & Fiorin, J. L. Para entender o texto, p. 297-301

Descrição

Leia o texto seguinte:

Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. O trânsito caminha lento e nervoso. Eis São Paulo às sete da noite.

Como se pode notar, esse texto relata variados aspectos de um certo momento da cidade de São Paulo. É um texto descritivo.

Note-se que:

- a) todos os enunciados relatam ocorrências simultâneas;
- b) por isso, não existe um enunciado que possa ser considerado cronologicamente anterior a outro;
- c) ainda que se fale de ações (conversam, atropelam, caminha), todas elas estão no presente, não indicando, portanto, nenhuma transformação de estado;
- d) se invertêssemos a seqüência dos enunciados, não correríamos o risco de alterar nenhuma relação cronológica. Poderíamos inclusive colocar o último enunciado em primeiro lugar e ler o texto do fim para o começo.

Eis São Paulo às sete da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios.

Descrição é o tipo de texto em que se relatam as características de uma pessoa, de um objeto ou de uma situação qualquer, inscritos num certo momento estático do tempo.

O texto descritivo não relata, como o narrativo, as transformações de estado que vão ocorrendo progressivamente com as pessoas ou coisas, mas as propriedades e aspectos desses elementos num certo estado, considerado como se estivesse parado no tempo.

Como os fatos reproduzidos numa descrição são todos simultâneos, nesse tipo de texto não existe obviamente relação de anterioridade ou posterioridade entre os seus enunciados. Tanto isso é verdade que a disposição dos enunciados descritivos pode ser alterada sem que se corra o risco de mudar nenhuma seqüência cronológica.

Nesses enunciados podem ocorrer verbos que exprimem ação, movimento, mas esses movimentos são sempre simultâneos, não indicando progressão de um estado para outro posterior. Se ocorrer essa progressão, inicia-se o percurso narrativo.

O fundamental na descrição é que haja progressão temporal, isto é, que não se saia da relação de simultaneidade e que não se possa, portanto, considerar um enunciado anterior ao outro.

Para iniciar o percurso narrativo, no exemplo dado no início desta lição, bastaria introduzir algum enunciado que indicasse a passagem desse estado para um posterior, como, por exemplo:

...Eis São Paulo às sete da noite. Mas, às nove, o panorama é outro: o trânsito vai diminuindo, os pedestres escasseando...

Dissertação

Leia o texto que segue:

O brasileiro, nos últimos anos, tem revelado uma profunda descrença nas instituições políticas do país. Vários fatores têm concorrido para isso. Entre eles, podem se citar a incapacidade do governo de controlar o processo inflacionário, a impunidade dos que fazem mau uso do dinheiro público e o mau funcionamento dos legislativos.

Este texto é dissertativo. Dissertação é o tipo de texto que analisa e interpreta dados da realidade por meio de conceitos abstratos.

Na descrição e na narração, predominam termos concretos, que se referem a pessoas ou coisas do mundo real ou presumivelmente real.

Na dissertação, predominam os conceitos abstratos, isto é, a referência do mundo real se faz através de conceitos amplos, de modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e do espaço. O discurso dissertativo mais típico é o discurso da ciência e da filosofia; nele, as referências ao mundo concreto só ocorrem como recursos de argumentação, para ilustrar leis ou teorias gerais.

A descrição relata propriedades e aspectos de um objeto particular concreto (uma paisagem, uma casa, um personagem, um rosto), situado num momento definido do tempo; a dissertação interpreta, através de modelos teóricos, um objeto genérico (a espacialidade, o sistema arquitetônico, o brasileiro, a personalidade do homem, a fisionomia) abstraído de suas características individualizantes.

Na descrição, como se relatam aspectos simultâneos de um objeto, não há relação de anterioridade e posterioridade entre os enunciados. Nesse tipo de texto, no entanto, os enunciados guardam entre si relações de natureza lógica, isto é, relações de implicação (causa e efeito; um fato e sua condição; uma premissa e uma conclusão, etc.)

Vamos confrontar os três tipos de texto, retomando o exemplo que já propusemos anteriormente, como modelo de descrição:

a) Descrição

Eis São Paulo às sete da noite. O trânsito caminha lento e nervoso. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. Nos bares, bocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios.

Já vimos que se trata de uma descrição, pois:

- são relatados vários aspectos concretos de um lugar concreto (São Paulo) num ponto estático do tempo (às sete da noite);
- tudo é simultâneo – ou concebido como se fosse simultâneo – e não há progressão temporal entre os enunciados.

b) Narração

Eram sete horas da noite em São Paulo e a cidade toda se agitava naquele clima de quase tumulto típico dessa hora. De repente, uma escuridão total caiu sobre todos como uma espessa lona opaca de um grande circo. Os veículos acenderam os faróis altos, insuficientes para substituir a iluminação anterior.

Esse texto é narrativo, pois:

- relata fatos concretos, num espaço concreto e num tempo definido;
- os fatos narrados não são simultâneos como na descrição: há mudança de um estado para outro, e, por isso, entre os enunciados existe uma relação de anterioridade e posterioridade.

c) Dissertação

As condições de bem-estar e de comodidade nos grandes centros urbanos como São Paulo são reconhecidamente precárias por causa, sobretudo, da densa concentração de habitantes num espaço que não foi planejado para alojá-los. Com isso, praticamente todos os pólos da estrutura urbana ficam afetados: o trânsito é lento; os transportes coletivos, insuficientes; os estabelecimentos de prestação de serviço, ineficazes.

Como se pode notar, esse texto é nitidamente dissertativo, pois:

- interpreta e analisa, através de conceitos abstratos, os dados concretos da realidade; os dados concretos que nele ocorrem funcionam apenas como recursos de confirmação ou exemplificação das idéias abstratas que estão sendo discutidas; o grau de abstração é mais alto do que o dos dois anteriores;
- ainda que na dissertação não exista, em princípio, progressão temporal entre os enunciados, eles mantêm relações lógicas entre si, o que impede de se alterar à vontade sua seqüência.

A dissertação pode falar de transformações de estado, mas fala de um modo diferente da narração. Enquanto esta é um texto figurativo, aquela é um texto temático. Por isso, enquanto a finalidade principal da narração é o relato das transformações, o objetivo primeiro da dissertação é a análise e a interpretação das transformações relatadas.

Convém ressaltar que não é correto pensar que somente a dissertação manifesta um ponto de vista crítico do produtor do texto sobre o objeto posto em discussão.

Com efeito, nos três tipos de discurso, explícita ou implicitamente, está sempre presente o ponto de vista ou a opinião de quem os produz.

O que distingue um do outro é o modo como esse ponto de vista ou essa opinião vêm manifestados.

Na dissertação, o enunciador do texto manifesta explicitamente sua opinião ou seu julgamento, usando para isso conceitos abstratos.

Na descrição, o enunciador, pelos aspectos que seleciona, pela adjetivação escolhida e outros recursos, vai transmitindo uma imagem negativa ou positiva daquilo que descreve.

Glossário

Temas: elementos abstratos presentes no texto; palavras ou expressões que não correspondem a algo existente no mundo natural, mas a elementos que o organizam, categorizam, ordenam a realidade percebida pelos sentidos.

Figuras: elementos concretos presentes no texto; palavras ou expressões que correspondem a algo existente no mundo natural.

Na narração, a visão de mundo do enunciador é transmitida por meio das ações que ele atribui aos personagens, por meio da caracterização que faz deles ou das condições em que vivem, e, até mesmo, por comentários sobre os fatos que ocorrem.

[...]

Geralmente, para depreender a visão de mundo implícita nas narrações, é preciso levar em conta que, por trás das figuras, existem temas; e que por trás dos significados de superfície existem significados mais profundos.

Questões de estudo

1. Diga, de forma resumida, como a dimensão temporal aparece nos tipos descritivo, narrativo e dissertativo.

2. Mostre como as ações aparecem nos tipos descritivo e narrativo. Ilustre com alguns exemplos.

3. Caracterize os tipos textuais mais comuns – descrição, narração e dissertação – a partir de ações, propriedades, idéias, etc.

4. Por que podemos dizer que a argumentatividade está presente em todos os tipos de textos?

5. Como aparece o ponto de vista crítico do autor nos tipos descritivo, narrativo e dissertativo?

Correção das atividades



Correção das atividades

Atividade 1

1. Os trechos sublinhados com linha reta descrevem, atribuem propriedades à paisagem e às pessoas.
2. São constituídos, predominantemente, por nomes: substantivos e adjetivos. Quando usados, os verbos são de estado. Orações com valor de adjetivo, como as subordinadas relativas adjetivas, também são freqüentemente usadas na descrição.
3. Refere-se a ações que implicam mudanças de estado. Há predominância de verbos de ação no pretérito perfeito do indicativo.
4. A idéia de trabalho associa-se mais a ações, ao fazer algo; por isso trabalho está mais próximo dos trechos narrativos.

Atividade 2

1. Ele estava procurando inspiração enquanto escrevia e elaborava um texto.
2. Ao descerrar as venezianas, a aparição de um homem estranho espantou o narrador.
3. Resposta livre, mas com um parágrafo que narra algo inusitado, como, por exemplo, puxar o papel e ele mesmo escrever algo; fazer algum gesto violento, etc.
4. Resposta livre. Mas a descrição tem de causar espanto para criar o 'clima' de espanto na narrativa.

135

Atividade 3

1.
 - a) Este é um trecho descritivo porque nele predominam propriedades e verbos de estado.
 - b) Também é um trecho descritivo: o verbo está em forma nominal e as outras palavras são predominantemente nomes.
 - c) Este é um trecho narrativo porque nele os verbos indicam ações que provocam mudança de estado.
 - d) Também é um trecho narrativo: os verbos implicam mudança de estado, especialmente por causa do emprego do pretérito perfeito.
2.
 - a) Narrativo. Os verbos são de ação e há movimento.
 - b) Descritivo. Os sintagmas predominantemente nominais indicam propriedades e posições.
 - c) Narrativo. Houve mudança de estado indicada pelos verbos de ação.

Atividade 4

- 1) O tempo verbal no pretérito mais que perfeito: tinha roubado. O advérbio “já” e a expressão “não chegou a tempo”.
- 2) O tempo verbal no futuro do pretérito. A expressão adverbial “no futuro”.

Atividade 5

1 e 2. A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco de copiar, **Fabiano espiava a caatinga** amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul as **últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.**

Mas quando a fazenda se despovoou, **viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo como negro fugido.**

3. Se tornara, manejava, tinham desaparecido; E, viu, salgou, matou, largou-se.
4. Encolhido, onde as folhas secas se pulverizavam, no céu azul.

136

5. É o tipo narrativo porque as seqüências descritivas apenas formam o “pano de fundo” para o desenrolar da ação. Existe a predominância de mudança de estado. As ações são cronologicamente articuladas.

Atividade 6

Resposta livre. Sugestão:

A barata saiu caro

– Baraaaata!!!...Baraaaata!!!....

Os berros da passageira **gorda que estava sentada ao fundo** fizeram com que o motorista do ônibus **de turismo** que viajava de Rio Claro a Ajapi, no interior de São Paulo, olhasse imediatamente para trás.

– Baraaaata!...

Foi ele se virar e o ônibus se desgovernou. **A estrada estava escorregadia pelo resto de chuva que tinha caído pouco antes e o ônibus foi deslizando, deslizando....** A apavorada e irresponsável passageira manteve-se firme:

– Baraaata!...

Em poucos segundos, o veículo chocou-se contra uma árvore. Vinte e seis pessoas ficaram levemente feridas, **com escoriações de todos os tipos e algumas até em estado de choque.**

Atividade 7

1. Usamos no início de cartas (pessoal e comercial, respectivamente), como forma de vocativo, ou chamamento.
2. É usado como aviso em jardins e praças públicas, para que as pessoas não pisem na grama.
3. É comum quando uma pessoa quer saber as horas, mas não tem relógio. É um pedido de informação.
4. As três situações solicitam, convocam o interlocutor a fazer alguma coisa.

Atividade 8

1. Sugestão: Marcelo! Você poderia vir aqui? Marcelo! Estou precisando de você.
2. Sugestão: Que horas são, por favor? Ou: Você tem horas?
3. Sugestão: Quando a luz aparecer, você deve manter a tecla ! pressionada e selecionar o ajuste rápido de alerta.

Atividade 9

1. Sugestão: Prezados Senhores: Gostaríamos de solicitar o envio do novo catálogo de produtos válido para o ano 2003.
2. Sugestão: Menino, não entre na minha sala com os pés sujos. Você vai sujar tudo. Tire os sapatos.
3. Sugestão: Por favor, meu senhor! Poderia me dizer onde fica a rua XY?
4. Sugestão: Ei, crianças! Que tal fazer silêncio para ouvir com atenção a história do colega?

137

Atividade 10

1. Os verbos são: aprecia, será capaz, vai aprender, se sairá (bem). Estão no futuro do presente, com exceção do primeiro, que está no presente.
2. As ações, **serão testadas** e **surgirão**, também estão no futuro do presente.

Atividade 11

1. Resposta livre. Sugestão: Porque tem predominância de seqüências tipológicas que descrevem uma situação futura; porque tem por objetivo fazer o leitor acreditar em uma situação que ainda está por acontecer. Tem predominância de tempos verbais de futuro. Não são relevantes as relações de causa e efeito.
2. Tempos verbais no futuro: contará, poderemos, terá efeitos. Há também a ausência de conectivos lógicos. A organização dos enunciados que não exige uma ordenação temporal.
3. Há dois futuros possíveis – O segundo cenário é bastante negativo – efeitos devastadores no clima.
4. Porque esses trechos descritivos integram as seqüências preditivas. Além disso, a predominância é desse último tipo.

Atividade 12

1. Trechos descritivos: em negrito.
2. Trechos narrativos: sublinhados.

Por ter **uma visão apurada, o cão consegue, mesmo que a certa distância, perceber alterações nos movimentos de uma pessoa amedrontada**. “O animal descende do lobo e dele herdou o instinto da caça. Se alguém passa a andar **furtivamente ou com uma postura submissa**, ele identifica logo uma presa fácil. O mesmo acontece quando uma pessoa corre. Nem sempre o cão persegue a vítima para atacá-la. Muitas vezes só quer espantá-la e mostrar quem é que manda no território”, conta a veterinária Hanellori Fuchs, da Universidade de São Paulo. O problema é que, **quando alguém está com medo do animal**, costuma fazer movimentos bruscos, como levantar a mão. O que é um gesto de defesa para a pessoa é entendido como uma forma de ataque pelo cão, o que pode levá-lo a avançar.

3. Sugestão: os cães reagem e atacam as pessoas porque interpretam mal as reações de medo.

Atividade 13

1. Resposta livre. Alguns aspectos a considerar podem ser: mais informações, mais acesso à escolaridade, mais diversidade no mercado de trabalho, tecnologias que criaram mais possibilidades, etc.

138

2. Resposta livre. Alguns aspectos a considerar podem ser: mercado de trabalho saturado; exigência cada vez maior de especialização; competição com a tecnologia, etc.
3. Resposta livre.

Atividade 14

1. Resposta livre. Se não houve citação de discurso alheio, é o momento de acrescentá-lo.
2. Resposta livre. O importante é que haja uma idéia de retomada do assunto e uma espécie de síntese.

Atividade 15

1. Porque uma representa o ponto de vista dos humanos; a outra, das lagartixas. E os pontos de vista partem de ângulos diferentes.
2. Por exemplo: Como é que eles conseguem ficar grudados no chão e na parede sem cair?

Ampliando nossas referências – respostas

1. Na descrição, os enunciados são simultâneos e a cronologia não é relevante porque não implica mudança de estado. Na narração, é fundamental o percurso temporal porque deve ser indicada a progressão de um estado para outro. Na dissertação não existe uma progressão temporal entre os enunciados, mas a ordenação dos argumentos deve obedecer a uma determinada ordem para que haja entre eles uma articulação lógica.
2. No tipo descritivo, as ações, os movimentos são sempre simultâneos, não ocorre progressão. No tipo narrativo, as ações indicam passagem de tempo, passagem de um estado para outro. Exemplos de descritivo: bocas cansadas mastigam e bebem; o trânsito caminha lento e nervoso. Exemplos do tipo narrativo: uma escuridão total caiu; os veículos acenderam os faróis.
3. A descrição relata propriedades de um objeto particular, concreto; a narração trata de fatos concretos, particulares; a dissertação relata fatos para interpretá-los em conceitos e a referência ao mundo real se faz aí em conceitos amplos, genéricos.
4. Porque todo texto passa por um ponto de vista do autor; todo texto leva uma certa visão de mundo ao leitor.
5. Na descrição, o autor escolhe os aspectos a “mostrar”, escolhe a adjetivação e escolhe um ponto de vista positivo ou negativo. Na narração, o ponto de vista do autor aparece na visão de mundo dos personagens, na caracterização e nas condições em que vivem. Na dissertação, o ponto de vista do autor é explícito; aparece como opiniões ou julgamentos, em forma de conceitos amplos e genéricos.

Unidade 12

A inter-relação entre gêneros e tipos textuais

Maria Luiza Monteiro Sales Coroa



Iniciando nossa conversa

Caro Professor, Cara Professora:

O trabalho ainda é o nosso tema transversal. Nesta unidade continuamos a destacar formas de trabalho simbólico. E chamamos de trabalho simbólico aquele que utiliza como ferramenta – como instrumento – os signos ou símbolos. E os signos lingüísticos são as palavras. Nesse sentido de simbólico nada mais eficiente do que a palavra. É pelas palavras que o homem constitui sua atividade lingüística. E é pela atividade lingüística que o homem se constitui como sujeito social e se distingue dos demais animais do planeta.

Já sabemos que nos comunicamos por textos. Também já sabemos que os textos realizam gêneros diversos, classificados de acordo com as diversas situações socio-comunicativas. Focalizamos agora uma forma de trabalho que exercemos **na** linguagem: o trabalho que realizamos quando organizamos nossas formas de dizer de uma ou de outra maneira. Focalizamos também nosso trabalho **pela** linguagem: o trabalho que realizamos quando procuramos fazer nossos interlocutores saberem de ou acreditarem em algo.

Com essa idéia de trabalho com a linguagem, damos continuidade às nossas reflexões sobre tipos e gêneros textuais. Veremos como os tipos que já classificamos como descritivos, narrativos, injuntivos, preditivos, expositivos e argumentativos integram textos de diversos gêneros. E como é comum a utilização dessa “mescla” para caracterizarmos os estilos, tanto pessoais quanto literários. Tudo que depende das escolhas do falante, ao produzir seus textos, tem um componente histórico – porque resulta de experiências pessoais e coletivas – e um componente individual de “intenção” de fazer – um componente de trabalho lingüístico.

Na seção 1, vamos “olhar” tanto para o interior do texto – observando os **tipos** – quanto para o exterior – observando os **gêneros**. Estamos chamando a classificação dos gêneros de “exterior” porque os critérios definidores de gêneros, como vimos nas unidades anteriores, incorporam aspectos exteriores da utilização dos textos: os objetivos sociocomunicativos, os interlocutores, etc.

Já os tipos, estamos considerando interiores ao texto porque são classificados segundo as estruturas lingüísticas que compõem o plano composicional dos gêneros.

Procuraremos agora verificar como os tipos e os gêneros ocorrem simultaneamente nos textos. Prosseguiremos, na seção 2, detalhando o plano composicional do texto, analisando as diversas seqüências tipológicas que compõem os gêneros textuais. Por fim, na seção 3, faremos algumas reflexões sobre a “mobilidade” dos gêneros e tipos textuais que, dependendo dos objetivos de sua produção, podem migrar de um gênero para outro, “transportando” seqüências tipológicas características de um gênero para

outro. Veremos também que esse trabalho de “transportar” características de um gênero para outro é muito comum em sala de aula.

Com essas reflexões sobre aspectos diferentes de um mesmo trabalho – o trabalho na língua e pela língua – e as atividades propostas nesta unidade, pretendemos contribuir para sua prática pedagógica de maneira consistente e criativa.



Definindo nosso ponto de chegada

Esperamos que depois de refletirmos juntos a respeito dos conceitos fundamentais de tipo e gênero, e de você realizar as atividades propostas para esta unidade, seja possível:

- 1- Relacionar seqüências tipológicas à classificação de gêneros;
- 2- Analisar seqüências tipológicas em gêneros textuais;
- 3- Reconhecer a transposição de um formato de gênero textual para outro.

Seção 1

Gêneros textuais e seqüências tipológicas



Objetivo da seção

Relacionar seqüências tipológicas à classificação de gêneros.

Quando trabalhamos com seqüências tipológicas, na unidade anterior, vimos que sua classificação se dá pela predominância porque os textos empíricos costumam apresentar uma mescla de tipos. Os gêneros textuais, por sua vez, definidos que são pela situação sociocomunicativa em que ocorrem, fazem uso dessa flexibilidade de tipos no seu plano composicional.



Recordando

Chamamos de plano composicional à organização lingüística de um texto, ao conjunto de estruturas lingüísticas que são utilizadas para compor o texto. Observamos o plano composicional quando identificamos as palavras, as frases, as orações que realizam o gênero textual.

Considerando que os gêneros funcionam mais ou menos como um “emolduramento” – ou um “enquadre” – para seqüências tipológicas, devemos também considerar que o relacionamento entre gênero e tipo depende das opções que a cultura e a história põem à disposição do falante.

Para usar uma imagem do que fazemos quando produzimos um texto – oral ou escrito –, podemos dizer que, em cada propósito comunicativo, escolhemos a “moldura”, ou o “quadro” que julgamos mais adequado para aí elaborar nosso texto. Por outro lado, cada tipo de “moldura” ressalta seqüências tipológicas a ela mais afins.

Mas – como já vimos na unidade 1 –, tal escolha não é completamente livre, pois depende dos objetivos da comunicação e de padrões lingüísticos que foram se construindo ao longo da história de uma língua. Isso quer dizer que os “estilos” de uma carta comercial, por exemplo, podem ser diferentes em países diferentes, ou no mesmo país em épocas diferentes.

143



Recordando

Na unidade 2, tivemos oportunidade de ver que o gênero literário **cordel** passou por algumas alterações ao longo do tempo – veio de Portugal para o Brasil, deixou de ser anônimo, por exemplo –, mas manteve a classificação porque pequenas alterações na situação sociocomunicativa, ao longo da história, podem ocorrer.

Os gêneros literários são um bom exemplo para mostrar essa “flexibilidade”: é comum que o plano composicional integre seqüências tipológicas de várias naturezas, especialmente narrativas e descritivas. Já vimos, por exemplo, que, no gênero cordel, são combinadas seqüências tipológicas narrativas e descritivas para expor uma idéia (tipo dissertativo-expositivo).



Importante

Reconhecer as seqüências tipológicas que “preenchem” um gênero textual é um dos passos para entender os princípios que regem a organização e o funcionamento dos gêneros textuais.

Já é nosso conhecido o trabalho com poemas, como representantes de um gênero maior, o literário. Vimos que esse gênero pode abordar qualquer assunto ou tema, seja em forma de poesia, seja de prosa. Vamos ler, então, dois poemas de Carlos Drummond de Andrade e analisar como seqüências tipológicas diferentes são empregadas na construção de seus textos. Você se lembra que também já utilizamos uma biografia desse poeta para exemplificar o gênero biografia, na unidade 1?

Vamos, pois, ao encontro dele novamente.

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.



Fica clara a organização lingüística do texto – seu plano composicional – fazendo uso de enunciados de estado e de situação, muitos deles sem verbo, característicos do tipo descritivo como vimos na unidade 3. Mesmo as ações aí expressas, com o verbo **ir** e **olhar**, “retratam” um cenário. Até o caráter conclusivo – característico do tipo argumentativo – do último verso aparece atenuado pela falta de verbo explícito ou de marcas explícitas de argumentação.

Neste poema, portanto, a organização espaço-temporal das informações aponta para a predominância do tipo descritivo sendo utilizado para realizar o gênero literário “poema”.

Podemos dizer, então, que nesse poema o leitor/ouvinte é levado a construir imagens mentais que retratam uma situação (tipo descritivo) para fins lúdicos, em que a principal função do texto é propiciar uma reflexão prazerosa sobre a realidade (gênero literário). É um bom exemplo de como os **tipos textuais** se colocam a serviço dos **gêneros textuais**.

Tendo em mente essa relação, vamos analisar outro poema do mesmo autor para desenvolver a atividade 1.

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

**Atividade 1**

Observe o plano composicional do texto: os verbos empregados, como aparecem as marcas de tempo e espaço, a sequência da organização das idéias, as palavras que articulam relações de causa e consequência

1. Destaque frases que indicam ações no texto.

2. Compare os três primeiros versos com os versos seguintes: que diferenças você nota na relação entre os verbos e os sujeitos sintáticos envolvidos?

3. Diga se o texto desenvolve uma sequência temporal. Justifique.

4. Normalmente evitamos tantas repetições de “que” quando produzimos um texto. Por que, neste caso, essa repetição não provoca erro, mas produz efeito estilístico?

5. Que explicação você poderia dar para o título do poema?

6. Considerando suas respostas acima, que tipo textual é predominante no poema Quadrilha? Por quê?

**Indo à sala
de aula**

A leitura e a dramatização de poemas em sala de aula tornam seus alunos familiarizados com um gênero textual que pode não ser muito corrente em suas práticas sociais. Sempre que possível, propicie a seus alunos momentos de lazer com a leitura de gêneros textuais com os quais eles não convivem frequentemente.

Lembre-se: é difícil amar o que não se conhece! Por isso, faça que conheçam o gênero poético. Apresente leituras interessantes e diversificadas a seus alunos, sem que haja o compromisso da “tarefa escolar”. Só lendo sem o compromisso de “tarefa escolar” podemos aprender a ler pelo mero prazer do texto. Os minutos finais de uma aula, em que os exercícios já terminaram, podem ser usados, por exemplo, na leitura em voz alta de algum poema.

Os dois exemplos de poemas trabalhados nesta seção mostram as escolhas do poeta, ora pela predominância de seqüências tipológicas descritivas (*Cidadezinha qualquer*) ora por seqüências tipológicas narrativas (*Quadrilha*). Também é comum que a preferência por detalhar muitas seqüências descritivas, ou optar mais por seqüências narrativas do que descritivas, possa até servir para caracterizar um gênero. Ainda no âmbito da literatura, encontramos essa preferência caracterizando escolas literárias.

Vamos comparar trechos do romance *Iracema*, de José de Alencar, e de um conto de Machado de Assis, *A parasita azul*. Na classificação de gêneros literários, o primeiro pertence à escola romântica, o segundo, à realista.

Iracema

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

José de Alencar (1829-1877)

Nasceu no Ceará, mas viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro. Foi advogado, jornalista e político, além de escritor. Mas, apesar da diversidade de ofícios e da diversidade das crônicas e peças que escreveu, o seu nome é lembrado como o mais importante romancista brasileiro. Alencar tinha como projeto a construção da cultura brasileira e o romance indianista representava para ele o início de uma linguagem brasileira nas artes e na cultura.

A parasita azul

[...]

Fatigado de assediado inutilmente o coração da **moça, e por outro lado**, convencido de que era necessário mostrar uma dessas paixões invencíveis a ver se a convencia e lhe quebrava a resolução, planteou Camilo um grande golpe.

Um dia de manhã desapareceu da fazenda. A princípio ninguém se abalou com a ausência do moço, porque ele costumava dar longos passeios, quando porventura acordava cedo. A cousa porém começou a assustar à proporção que o tempo ia passando. Saíram emissários para todas as partes, e voltaram sem dar novas do rapaz.

O pai estava aterrado; a notícia do acontecimento correu por toda a parte em dez léguas ao redor. No fim de cinco dias de infrutíferas pesquisas soube-se que um moço, com todos os sinais de Camilo, fora visto a meia légua da cidade, a cavalo. Ia só e triste. Um tropeiro asseverou depois ter visto um moço junto de uma ribanceira, parecendo sondar com o olhar que probabilidade de morte lhe traria uma queda.

[...]

Será necessário dizer a dor que sofreu a formosa Isabel quando lhe foram dar notícia do desaparecimento de Camilo? A primeira impressão foi aparentemente nenhuma; o rosto não revelou a tempestade que imediatamente rebentara no coração. Dez minutos depois a tempestade subiu aos olhos e transbordou num verdadeiro mar de lágrimas.

[...]

Machado de Assis (1839-1908)

Mulato de origem humilde, Joaquim Maria Machado de Assis teve o respeito do público e consideração social num Brasil ainda monarquista e escravocrata. Tornou-se reconhecido como o maior nome do realismo no Brasil – por muitos considerado o maior nome da literatura brasileira. De sua grande e variada obra sobressai o contista e o romancista de espírito apurado para a análise psicológica dos personagens. O realismo, tendência literária muito mais crítica e socialmente engajada do

**reconhecido como
o maior nome do
realismo no Brasil
– por muitos
considerado o
maior nome da
literatura brasileira**

que o romantismo que a precedeu, apresenta relações sociais típicas da vida brasileira na virada do século. O gênero *folhetim* – espécie de romance publicado em capítulos nos jornais – dá oportunidade a que a literatura chegue ao cotidiano das pessoas, até das mais humildes. E Machado de Assis foi um dos mais importantes autores desses textos. Foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, que o aclamou seu presidente perpétuo.

147



Atividade 2

Considerando os aspectos característicos dos tipos descritivo, narrativo e injuntivo, e considerando ainda que os trechos acima são representativos da linguagem desses autores e dessas escolas literárias, identifique a preferência de cada autor – e escola literária – em termos de seqüências tipológicas.

1. Que seqüências tipológicas você identificou no texto de José de Alencar? Qual a predominante?

2. Que seqüências tipológicas você identificou no texto de Machado de Assis? Qual a predominante?

3. A partir desses dois extratos de textos, qual das escolas literárias você diria que tem preferência pelo tipo descritivo? Justifique, destacando algumas características da descrição nesse texto.

4. A partir desses dois extratos de textos, qual das escolas literárias você diria que emprega menos o tipo descritivo? Justifique, destacando algumas características da descrição nesse texto.



Indo à sala de aula

148

O terceiro parágrafo do texto de Machado de Assis apresenta algumas idéias sobre como “a notícia do acontecimento correu por toda parte”. Isso pode ser transformado em uma atividade, oral ou escrita, que apresente predominantemente seqüências tipológicas narrativas: solicite que os alunos criem “fofocas” ou boatos coerentes com o que narra o texto.

Também uma outra atividade pode ser a de acrescentar um parágrafo final ao texto, criando-lhe um desfecho surpreendente.

Ainda no âmbito dos gêneros literários, é interessante notar que tanto o romance quanto o conto são gêneros que contam, ou narram, acontecimentos. Mas, mesmo tendo a narração como objetivo principal, podemos notar que seqüências descritivas têm características e importância diferentes em cada um. Resumidamente, podemos dizer que o plano composicional desses gêneros faz combinações diferentes dessas seqüências tipológicas.

Devemos também considerar as preferências de cada autor, seja por temas, seja por escolhas lingüísticas para expressar suas idéias. Ao conjunto dessas preferências – que servem para identificá-lo – chamamos estilo. Mesmo dentro de uma mesma escola literária, encontramos particularidades nos diversos autores. Ou seja, reconhecemos neles seus estilos...

Nós mesmos, no dia-a-dia desenvolvemos hábitos lingüísticos que nos caracterizam. Nem só na literatura aparecem os estilos: também a linguagem do dia-a-dia pode ser marcada por estilos diferentes... As gírias, os regionalismos, os estilos de linguagens ligados a certas profissões são exemplos disso.

Vamos “sair” um pouco da literatura e observar como a escolha de diferentes seqüências tipológicas para organizar gêneros também acontece na comunicação cotidiana.



Importante

Já vimos que ditados populares podem servir de aconselhamento, de advertência ou de argumento para direcionar um determinado comportamento. Sabendo que esses objetivos são critérios definidores dos tipos prescritivo e argumentativo – como já vimos na unidade anterior –, seríamos levados a pensar que encontraremos esses tipos realizando o gênero provérbio ou ditado. Mas nem sempre isso é verdade. Muitos ditados se realizam por tipos textuais diferentes.

Essa “flexibilidade” mostra como os tipos textuais funcionam na articulação com os gêneros, mas não mantêm com eles uma relação fixa, previsível.

Vamos analisar alguns ditados e provérbios quanto ao tipo textual predominante.



Atividade 3

(a) Diga, com suas palavras, como você acha que os seguintes provérbios, pensamentos e ditados populares devem ser compreendidos ou interpretados.

(b) Justifique qual é o tipo textual predominante nos seguintes provérbios, pensamentos ou ditos populares:

1. As palavras são anões; os exemplos são gigantes. (Provérbio suíço).

(a) _____

(b) _____

2. A curiosidade matou o gato.

(a) _____

(b) _____

3. Falar é prata; calar é ouro. (Provérbio popular).

(a) _____

(b) _____

4. Deus ajuda quem cedo madruga. (Ditado popular).

(a) _____

(b) _____

5. Não faças aos outros o que não queres que te façam. (Ditado popular).

(a) _____

(b) _____

As atividades aqui propostas contemplaram apenas pouca diversidade nos gêneros textuais, mas a articulação entre tipos e gêneros pode ser estendida a uma variedade maior, pois a escolha das seqüências tipológicas que vão compor um texto é parte do trabalho lingüístico de cada falante: é uma das formas segundo as quais agimos na língua e pela língua. É um dos trabalhos que exercemos no material lingüístico de que dispomos, assim como o escultor modela o barro – seu material – para lhe dar a forma que pretende.



Recordando

150

Falamos de “escolhas” do falante, como se dependesse completamente de sua vontade a utilização predominante de um tipo ou de outro. No entanto, isso não é verdade. Já vimos, na unidade em que tratamos da caracterização de gêneros textuais, que todos nós, usuários de uma determinada língua, somos condicionados pela cultura, pela história de nossa língua, a fazer opções culturalmente direcionadas. Aprendemos, junto com o aprendizado das palavras, a “escolher” o gênero adequado a cada situação sociocomunicativa.



Avançando na prática

1. Leve a seus alunos um texto publicitário, que pode ser o seguinte:

Ajudamos as pessoas a trabalhar juntas. Mesmo quando não estão juntas.

2. Analise com eles o gênero publicitário em termos de objetivos, destinatário, veículo, etc.

3. Analise com eles o jogo de informações que se estabelece entre a linguagem verbal e a imagem (linguagem não-verbal)

4. Analise com eles as seqüências descritivas, narrativas e injuntivas que compõem o texto.

5. Observe com eles que o texto é apenas lingüístico, pois as imagens pouco ou nada acrescentam às informações fundamentais do texto
6. Analise com eles o papel da linguagem não-verbal nos objetivos sociocomunicativos do texto.
7. Solicite que eles tragam para a sala de aula outros textos publicitários para fazerem análises em grupos, a partir do roteiro já seguido em conjunto.
8. Lembre-se que o nível de profundidade na análise vai depender da maturidade e do nível de escolaridade de seus alunos. Você também pode buscar um nível mais complexo levando para a sala de aula alguns exemplos de textos publicitários mais sutis e elaborados.



Resumindo

Os critérios de definição para gêneros textuais incluem, além do plano composicional – ou das estruturas lingüísticas –, fatores “exteriores” ao texto: os objetivos, os interlocutores, as relações sociais entre eles, a formalidade e as exigências da situação, etc. Esses fatores são historicamente construídos e, apesar da aparente liberdade na construção dos gêneros, o falante mais atende a “direcionamentos” culturais para suas escolhas do que faz, de fato, valer seu arbítrio.

Os tipos textuais, definidos pela predominância das características lingüísticas, compõem o plano composicional dos gêneros: aparecem na forma de organização do texto. Podem servir também como parte da classificação dos gêneros quando são necessários ou ocorrem com muita frequência em um ou outro.

De qualquer maneira, é inevitável a articulação entre gêneros e tipos, pois nestes se constroem lingüisticamente aqueles.

Seção 2

Seqüências tipológicas em gêneros textuais



Objetivo da seção

Analisar seqüências tipológicas em gêneros textuais.

Já vimos que seqüências tipológicas estão intimamente ligadas às escolhas de vocabulário e estruturas gramaticais. Já vimos também que os gêneros textuais definem-se pela situação sociocomunicativa. Vamos, então, começar esta seção analisando como mudanças nessas situações são refletidas na organização composicional dos gêneros.

Vamos imaginar a seguinte situação: Marisa trabalha em um escritório de representações e, de vez em quando, viaja a trabalho, para fechar contratos com empresas em outras cidades. Algum tempo atrás, Marisa foi fechar alguns contratos em Brasília e prolongou sua viagem até o fim de semana.

Por duas ocasiões Marisa comunicou-se por escrito com seus colegas de trabalho. Observe seus dois textos.

Texto I

152



BRASIL TURÍSTICO
128 - BRASÍLIA - DF
Vista parcial da Catedral Metropolitana e esculturas dos "Apóstolos".
Fotos: Sérgio O. Rehder.

7 897860 500015

SELO

Oi, pessoal! Carlos e demais queridos colegas trabalhadores,

Vocês estão pensando que aqui só se trabalha? Engano federal! No fim de semana tô me divertindo pacas. O céu é lindo e a lua na beira do lago

mais ainda. O pessoal é legal e os agitos são pra turista nenhum botar defeito. Curte essa, cara! Até a próxima semana,

Abração pra todos, Marisa

Exclusividade: Menderson Machado
Fone: (61) 9972-9960

POSTAS DO BRASIL - Telefax: (011) 5631-8913 / 5632-0490 / 5632-40558
Produzido por BRASCARD Edições de Postais Ltda. - Reprodução Proibida
Internet: <http://www.brascardnet.com.br> - E-Mail: postcard@brascardnet.com.br

BRASCARD

O outro texto Marisa foi em forma de carta comercial:

Texto II

Brasília, 3 de maio de 2003

Sr.
Carlos Ferreira
Coordenador de vendas

Prezado Senhor:

Tendo em vista que as negociações com a Organização Jasmim Ltda. já foram concluídas com sucesso, mas o contrato aguarda ainda a assinatura de um de seus diretores, informo que não poderei estar de volta à sede antes da próxima terça-feira, dia 8 de outubro. Solicito, por essa razão, que seja encaminhado ao departamento financeiro o pedido de mais duas diárias em meu nome.

Atenciosamente,

Marisa Rocha

Teoricamente, os interlocutores podem ser os mesmos – Marisa e seus colegas de trabalho –, mas os textos têm diferenças consideráveis. Vejamos por quê.

Uma carta comercial que atende a exigências formais da empresa não pode, por exemplo, ser redigida da mesma maneira que uma correspondência informal, como o cartão postal. O uso de gírias e marcas de intimidade tornariam a carta comercial inadequada para a situação sociocomunicativa. Já a objetividade e a formalidade de linguagem e de tratamento da carta comercial tornariam o cartão postal inadequado à sua situação de uso.

Trata-se, portanto, de duas situações sociocomunicativas bem distintas, apesar de conservar os mesmos indivíduos como interlocutores. A diferença na situação provoca diferenças no plano composicional do texto – na sequência tipológica predominante, nas escolhas lexicais e sintáticas, no nível de formalidade e na própria organização espacial do texto.



Importante

Diferenças nas situações comunicativas provocam diferenças no plano composicional do gênero: na maior, ou menor, exposição das preferências de quem escreve, nos indícios de intimidade, ou não, entre os interlocutores, nas marcas dos papéis sociais que esses interlocutores desempenham na situação de interação verbal.

Além disso, diferenças na situação sociocomunicativa se marcam, principalmente, no conjunto de palavras e de estruturas linguísticas selecionadas para expressar as diferenças temáticas (de assunto) e as finalidades do texto.

A opção por uma ou outra sequência tipológica predominante faz parte desse elenco de diferenças e de escolhas.

Vamos comparar os dois textos e verificar quais foram as escolhas de Marisa em termos de seqüências tipológicas – já que a inter-relação entre tipos e gêneros é o nosso foco principal nesta seção.

Seqüência	Cartão postal	Carta comercial
Injuntiva	Oi, pessoal! Carlos e demais colegas trabalhadores!	Sr. Carlos Ferreira Coordenador de vendas
	Curte essa, cara! Abraços a todos!	Prezado senhor Atenciosamente,
Narrativa	No fim de semana tô me divertindo pacas!	as negociações com a Organização Jasmin Ltda. já foram concluídas com sucesso, mas o contrato aguarda ainda a assinatura de um de seus diretores. Não poderei estar de volta antes da próxima terça-feira, dia 8 de outubro.
Expositiva		
Descritiva	o céu é lindo e a lua na beira do lago mais ainda. O pessoal é legal e os agitos são pra turista nenhum botar defeito.	
Argumentativa	Vocês estão pensando que aqui só se trabalha? Engano federal!	Tendo em vista que [...] informo que [...]

Nesses exemplos podemos notar que nem todos os tipos se realizam em todos os gêneros, e nenhum gênero realiza apenas um tipo textual.

É interessante também observar que a seqüência argumentativa na carta está intercalada por uma seqüência narrativa e por uma seqüência expositiva. Ou seja, aí as seqüências narrativa e expositiva estão a serviço do tipo argumentativo. De forma paralela, dependendo da interpretação que dermos ao envio do cartão postal, podemos também considerar que todas as seqüências tipológicas do postal estão a serviço de um tipo subentendido, o expositivo – um enunciado de interligação de fenômenos.

Outra observação que podemos fazer a partir dessa comparação é que os próprios tipos textuais variam em termos de realização lexical e de formalidade num e noutro gênero. Temos o exemplo do injuntivo que, informalmente, é “Oi, pessoal!” e, formalmente, “Sr. Carlos Ferreira”; ou “Abraço pra todos”, no postal; e “Atenciosamente”, na carta comercial.

Nas seqüências narrativas também vemos essa diferença, de registro formal/informal, motivada pelo relacionamento social dos interlocutores nas duas diferentes situações. Essas diferenças são a expressão da intersubjetividade – ou estilo – dos falantes.



Indo à sala de aula

Aproveitar oportunidades e apontar para diferentes situações sociocomunicativas, para que os alunos tomem consciência de que em qualquer interação verbal ocorre essa diversidade de “padrões lingüísticos”, pode ser uma forma de mostrar que convivemos tanto com gêneros quanto com tipos textuais, mesmo sem nos darmos conta disso.

Mas vamos voltar a trabalhar com uma das manifestações do gênero literário. Focalizaremos, desta vez, a crônica.

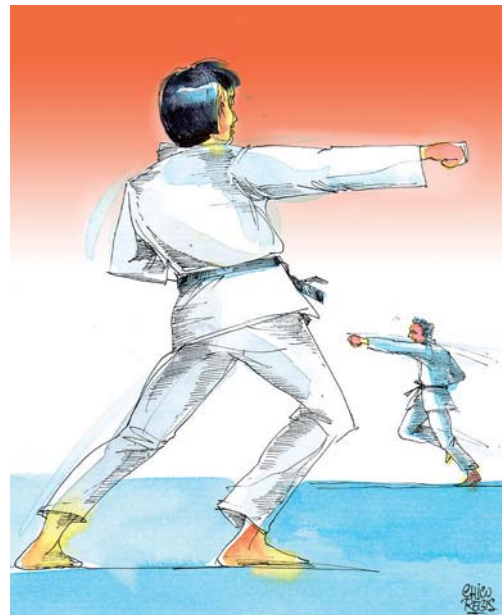
A situação sociocomunicativa que define o gênero crônica caracteriza-se por empregar linguagem literária para falar de acontecimentos cotidianos.

Um olhar para a “exterioridade” da crônica, para sua relação com seu contexto de produção, nos remete a outros gêneros também literários, como o conto e o romance. Por quê? Porque os três gêneros mesclam na sua organização lingüística, no seu aspecto formal (em seu plano composicional), os tipos narrativos e descritivos com grande eficácia. Algumas delas incluem também os tipos expositivo e argumentativo, como é o caso do texto de Luiz Fernando Veríssimo.

Começemos por observar como o autor construiu o parágrafo inicial de sua crônica **Artes Marciais** utilizando seqüências lingüísticas que poderemos classificar quanto ao tipo.

As artes marciais do Oriente – karatê, kung-fu, etcétera – estão em grande evidência em toda parte, mas poucos conhecem o mais antigo sistema de defesa pessoal do mundo, o milenar Borra-dô. Introduzido no Brasil há pouco, o Borra-dô já tem uma academia montada em Porto Alegre, e foi lá que conversamos com seu diretor, o nipo-paulista Imajina – Antonino Imajina – sobre o insólito método. Imajina começou com um breve relato histórico do Borra-dô, que é a arte de evitar a briga. Seu inventor foi o monge budista Tsetsuo Tofora, conhecido como O Pulha de Osaka, que viveu até os 180 anos e desenvolveu os principais golpes e preceitos desta mistura de religião, filosofia e instrução marcial.

L. F. Veríssimo, *Para gostar de Ler*, vol.14. Rio de Janeiro: Editora Ática



155

Luiz Fernando Veríssimo, nascido em Porto Alegre em 1936, é considerado um dos melhores humoristas da literatura brasileira. Filho do renomado escritor Érico Veríssimo, desde cedo teve contato com as letras, mas considera que foi na experiência profissional diversificada ao longo da vida que nasceram as várias facetas de seu talento. Começou como pequeno funcionário em jornal, passou a redator, editor de variedades e editor internacional. Foi como cronista que se projetou e publicou inúmeros livros. Hoje colabora com vários jornais, revistas e emissoras de televisão.



Atividade 4

Complete o quadro de análise das seqüências tipológicas que compõem o texto de L. Fernando Verísximo, substituindo as letras entre parênteses pelo tipo.

Gênero: crônica	Seqüências tipológicas
As artes marciais do Oriente – karatê, kung-fu, etcétera – estão em grande evidência em toda parte,	expositiva
mas poucos conhecem	argumentativa
o mais antigo sistema de defesa pessoal do mundo, o milenar Borra-dô.	(a)
Introduzido no Brasil há pouco,	(b)
o Borra-dô já tem uma academia montada em Porto Alegre,	
e foi lá que conversamos com seu diretor,	narrativa
o nipo-paulista Imajina – Antonino Imajina –	(c)
sobre o insólito método.	narrativa
Imajina começou com um breve relato histórico do Borra-dô,	(d)
que é a arte de evitar a briga.	(e)
Seu inventor foi o monge budista Tsetsuo Tofora,	descritiva
conhecido como O Pulha de Osaka,	
que viveu até os 180 anos e desenvolveu os	(f)
principais golpes e preceitos desta	
mistura de religião, filosofia e instrução marcial.	(g)

O exemplo escolhido prima por ter, em sua dimensão composicional, grande variedade de tipos textuais em apenas poucas linhas, mas isso não é incomum. Um texto – qualquer que seja seu gênero – é normalmente tipologicamente variado porque costuma conter vários tipos de seqüências de enunciados – resultantes de organizações cognitivas diversas e de objetivos comunicativos diferentes.



Recordando

A predominância de um ou mais tipos, como já vimos, também pode servir para caracterizar um gênero, como acontece com os poemas. Isso porque os gêneros são uma espécie de “moldura” para apresentar a informação e o escritor tem uma certa liberdade para escolher de que maneira organiza essa informação.

Vamos exercitar a produção de textos que variam por causa de alterações nas relações sociais entre os interlocutores, embora mantendo o mesmo tema. Depois vamos analisar como se deu esse trabalho com a linguagem, ao produzir gêneros e tipos diferentes.



Atividade 5

Imagine a seguinte situação: seus alunos organizarão um campeonato de futebol (ou de algum outro esporte de sua preferência). Precisam do patrocínio de alguma empresa para comprar os uniformes.

a) Escreva uma carta à(s) empresa(s) escolhida(s), justificando o pedido.

This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

b) Escreva, agora, outra carta a alguém muito íntimo – irmão, pai, mãe, amigo –, fazendo o mesmo pedido.

[illegible]

[illegible]

158



Importante

TP3 - Gêneros e Tipos Textuais - Parte I



Atividade 6

Leia os dois textos abaixo que abordam o tema “trabalho” no ofício de escrever. Vamos analisá-los em termos de diferenças e semelhanças e classificá-los quanto ao gênero que realizam.

Texto I

Luiz Vilela (nascido em 1942, em Ituiutaba, Minas Gerais) é jornalista e escritor premiado de contos, romances e novelas. Publicou, entre outras obras, ***Tremor de terra*** (contos), ***O inferno é aqui mesmo*** (romance), ***O choro no travesseiro*** (novela), ***Entre amigos*** (romance).

Pergunta – Como é o trabalho de escrever?

Luiz Vilela – Muita gente pensa que é fácil. É um engano. Escrever é muito difícil. É a coisa mais difícil do mundo. Tem hora, por exemplo, que você empaca numa frase, ou numa simples palavra, e não há santo que ajude. Mas o pior é quando você quer escrever alguma coisa e não sai nada. Aí é desesperador. Quando isso ocorre, a vontade que eu tenho é a de meter a cabeça na parede.

Para gostar de ler, vol.8, p.9.

Texto II

Lygia Fagundes Telles, contista e romancista, nasceu em São Paulo, mas já morou em várias cidades brasileiras. É uma das mais conhecidas escritoras brasileiras da atualidade. Já publicou inúmeros livros, recebeu vários prêmios e participou de missões culturais, representando o Brasil no exterior. É membro da Academia Paulista de Letras e da União Brasileira de Escritores. Suas obras mais conhecidas são: ***Ciranda de pedra***, ***Verão no aquário***, ***O jardim selvagem***, ***Seminário dos ratos***, ***A disciplina do amor***, entre outras.

Pergunta – Como você definiria o ato de escrever?

Lygia Fagundes Telles – Uma luta. Uma luta que pode ser vã, como disse o poeta, mas que lhe toma a manhã. E a tarde. Até a noite. Luta que requer paciência. Humildade. Humor. Me lembro que estava em um hotel em Buenos Aires, vendo na tevê um drama de boxe. Desliguei o som, só ficou a imagem do lutador já cansado (tantas lutas) e reagindo. Resistindo. Acertava às vezes, mas tanto soco em vão, o adversário tão ágil, fugidio, desviando a cara. E ele ali, investindo. Insistindo – mas o que mantinha o lutador de pé? Duas vezes beijou a lona. Poeira, suor e sangue. Voltava a reagir, alguém sugeriu que lhe atirassem a toalha, é melhor desistir, chega! Mas ele ia buscar forças sabe Deus onde e se levantava de novo, o fervor acendendo a fresta do olho quase encoberto pela pálpebra inchada. Fiquei vendo a imagem silenciosa do lutador solitário – mas quem podia ajudá-lo? Era a coragem que o sustentava? A vaidade? Simples ambição de riqueza, aplauso? Tudo isso já tinha sido mas agora não era mais, agora era a vocação. A paixão. E de repente me emocionei: na imagem do lutador de boxe vi a imagem do escritor no corpo-a-corpo com a palavra.

Para gostar de ler, vol.9, p.7.

a) Qual dos dois escritores é mais formal no uso da linguagem? Qual o mais informal? Justifique com alguns exemplos dos textos.

b) Com que seqüências tipológicas Luiz Vilela procura convencer o leitor sobre suas idéias?

c) Com que seqüências tipológicas Lygia Fagundes Telles procura convencer o leitor sobre suas idéias?

d) De acordo com sua intuição, conhecimento de mundo e as reflexões aqui desenvolvidas, a que gênero você diria que esses dois textos pertencem? Que característica você considera decisiva para tal classificação?

Como pudemos ver nessas atividades, quando classificamos um gênero, tomamos como pontos de referência não apenas características formais, que podem constituir seqüências tipológicas, como também características funcionais, que englobam os interlocutores e os propósitos da comunicação.

Como a maioria dos gêneros apresenta uma mescla de seqüências tipológicas, a classificação quanto ao tipo vai ser direcionada pela predominância. De forma semelhante, o objetivo mais forte, aquele que motivou a comunicação (que deu origem à produção do texto), vai direcionar a classificação quanto ao gênero.



Importante

Algumas seqüências tipológicas podem servir de “instrumento” para outras, como, por exemplo, a narração de eventos pode caracterizar o “perfil psicológico” de personagens em um romance; ou, inversamente, a descrição de uma personagem pode estar a serviço de uma narração; ou, mesmo, esses dois tipos textuais, descrição e narração, servirem de apoio para um gênero predominantemente argumentativo. De modo semelhante, um trecho argumentativo pode compor uma seqüência narrativa maior.

Tudo depende da intenção do produtor do texto; das “escolhas” lexicais, sintáticas e tipológicas que o autor considera mais eficazes para atingir seus objetivos numa dada situação comunicativa.



Atividade 7

Vamos expandir nosso trabalho com diferentes recursos da linguagem, tomando consciência de como nos comportamos diferentemente ao depararmos com condições diversas de comunicação.

Imagine a seguinte situação: você precisa avisar alguém muito íntimo sobre alguma coisa muito importante. Que suporte de texto você utilizaria: telefone, papel (bilhete), computador (internet/e-mail), telegrama, carta?

161

1. Reproduza a seguir o diálogo, ou texto, possível para, ao menos, três dessas possibilidades e justifique por que você utiliza vocabulário e estruturas lingüísticas diferentes para cada situação sociocomunicativa.

a) Telefonema

a) E-mail

[illegible]

2. Crie estratégias adequadas à sua realidade de sala de aula para construir, com seus alunos, um texto adequado à situação, ao tema e ao papel social do convidado; esse texto pode ser um convite, uma carta, um telefonema, um abaixo-assinado, um requerimento, ou similar.

3. Depois da realização desse evento – que pode ser uma conversa, uma palestra, uma entrevista – proponha uma reflexão conjunta sobre as estratégias lingüísticas utilizadas: o nível de linguagem, os diálogos (ou a sua ausência), as maneiras de focalizar o tema, as “regras” de comportamento lingüístico do convidado e de sua audiência, os gêneros textuais realizados.
4. Para contrastar, proponha uma estratégia didático-pedagógica em que seus alunos convidem um colega de outra turma para ser entrevistado em sala de aula sobre o tema trabalho: como se sente um jovem hoje diante dos desafios do mercado de trabalho?
5. Comece pela atividade do próprio convite: em que gênero será feito? Em forma de bilhete, carta, conversa pessoal? Por quê?
6. Desenvolva por escrito, com seus alunos, um roteiro de entrevista.
7. Depois da realização do evento, proponha uma reflexão sobre os gêneros textuais realizados nas duas ocasiões: suas diferenças e semelhanças; sobre o uso da modalidade escrita e oral nos textos; sobre o relacionamento social que se estabeleceu entre os interlocutores.



Resumindo

Partindo-se do pressuposto de que é impossível nos comunicarmos sem realizar um gênero, temos também que reconhecer que há seqüências de enunciados que se estruturam lingüisticamente de acordo com uma certa forma de organizar as informações no pensamento. Essa construção mais formal, mais teórica, definida pela natureza lingüística de sua composição, chamada **tipo textual**, integra o plano composicional dos gêneros, e serve, muitas vezes, para caracterizá-los.

Assim, um gênero compõe-se de várias seqüências tipológicas diferentes, e as variadas seqüências tipológicas que compõem um gênero também podem ser muito heterogêneas, mas estão sempre muito interligadas, pois prestam-se à finalidade da realização desse gênero.

É por um complexo de propriedades comunicativas, estilísticas e composicionais que distinguimos um gênero de outro, não apenas por uma delas. É na dimensão composicional que podem ser focalizadas as seqüências tipológicas.

Seção 3

A intertextualidade entre gêneros textuais



Objetivo da seção

Reconhecer a transposição de um formato de gênero textual para outro.

A mescla entre as seqüências tipológicas que compõem os diferentes gêneros, que vimos nas seções anteriores, não é a única forma de mistura que ocorre na produção de um texto. Essa mescla que acontece entre tipos também acontece entre gêneros. Às vezes, um texto com todas as características de um determinado gênero pode, de fato, estar atendendo a objetivos comunicativos de outro gênero, seja por ironia, seja por brincadeira ou por qualquer outro propósito. Já vimos isso, na unidade 1, quando a história de Chapeuzinho Vermelho foi usada como texto publicitário ou quando o formato de uma receita culinária foi utilizado como “receita de recessão”.

Os gêneros textuais têm essa capacidade de adaptação a toda e qualquer situação sociocomunicativa. Essa maleabilidade, essa aparente falta de rigidez é considerada por muitos autores como o aspecto central da classificação de gêneros, por oposição a uma padronização relativamente fixa dos tipos.

164



Recordando

Os gêneros são definidos e, conseqüentemente, classificados segundo um conjunto de características formais (lingüísticas) e funcionais (socioculturais); nunca por apenas uma delas.

Vamos dedicar esta seção a observar uma outra maneira de “mesclar” os textos. Estamos falando da capacidade que os gêneros textuais apresentam de cumprirem um determinado objetivo sociocomunicativo, mesmo apresentando uma formatação lingüística – uma organização do plano composicional – característica de outro objetivo socio-comunicativo, ou de outro gênero.

Alguns autores chamam a essa flexibilidade de intertextualidade entre gêneros. Os textos publicitários exploram muito essa maleabilidade textual. Começemos por comparar, como texto 1, um trecho da Bíblia e, como texto 2, um texto publicitário.

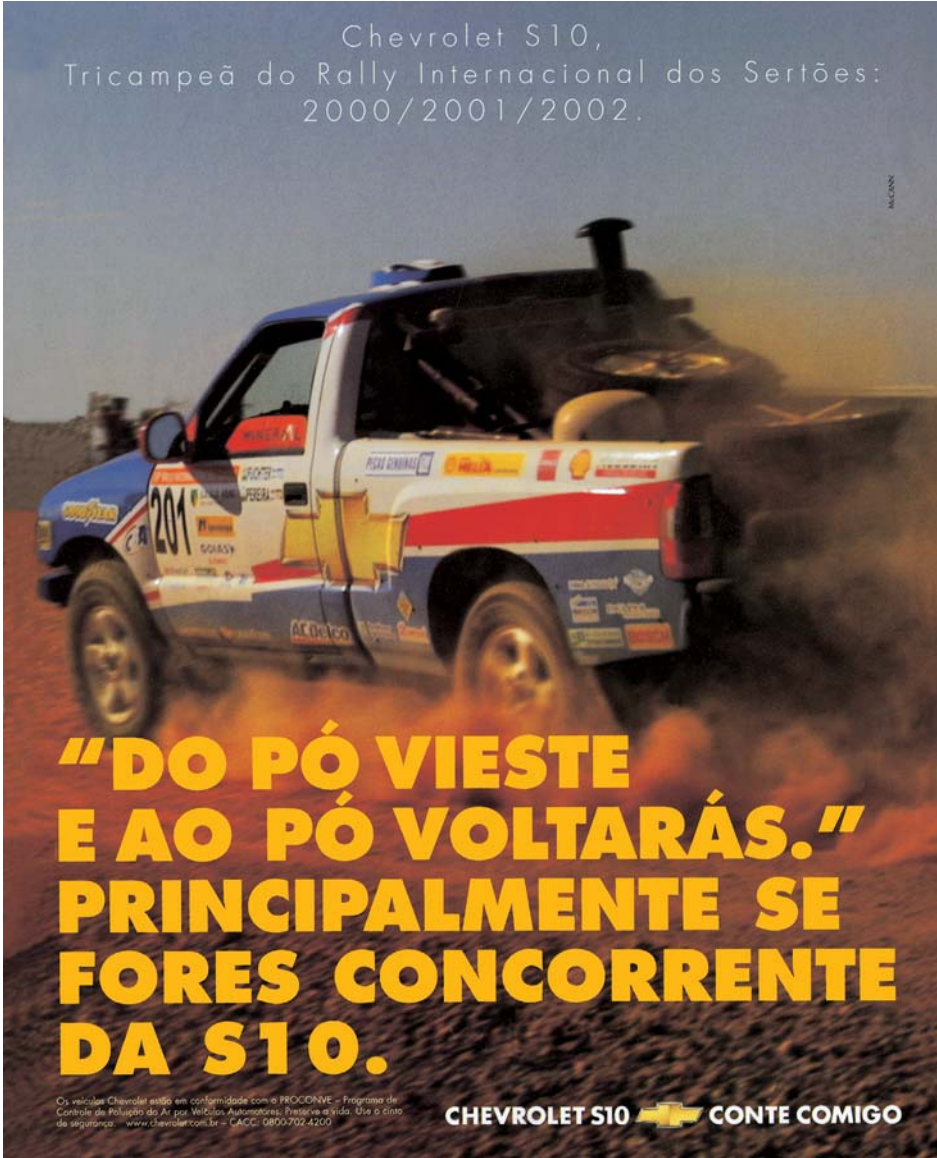
Texto 1

Gênesis, cap. 3 versículo 10

Do pó vieste e ao pó voltarás.

Texto II

Chevrolet S10,
Tricampeã do Rally Internacional dos Sertões:
2000/2001/2002.



**“DO PÓ VIESTE
E AO PÓ VOLTARÁS.”
PRINCIPALMENTE SE
FORES CONCORRENTE
DA S10.**

Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o PROCONVE – Programa de Controle de Poluição do Ar, por Veículos Automotores, Preserva a vida. Use o cinto de segurança. www.chevrolet.com.br – CACC: 0800-702-4200

CHEVROLET S10  CONTE COMIGO

165



Atividade 8

1. Na Bíblia, em um contexto religioso que prega a inevitabilidade da morte, o que a frase “Do pó vieste e ao pó voltarás” quer dizer?

2. No texto publicitário, o que a mesma frase quer dizer?

3. Como os dois diferentes contextos – os dois gêneros textuais – contribuem para a atribuição de sentidos diferentes para a mesma frase?

4. Como o texto não-verbal, a imagem, contribui para a compreensão de que se trata da propaganda de uma camionete?

5. No que o texto publicitário pretender fazer o leitor acreditar?

6. Por que nós, leitores, não consideramos esse texto como pertencente ao gênero bíblico ou religioso?



Importante

O texto publicitário costuma se caracterizar por subverter uma ordem instituída, com o objetivo de chamar atenção para o produto que pretende “vender”. Por isso, é tão comum que o gênero publicitário seja produzido em um texto com enquadre, ou “moldura”, diferente do original. Um texto que apenas mandasse comprar ou consumir alguma coisa seria muito óbvio e, por isso, pouco eficaz em termos de “venda da idéia”.

No caso dos textos acima, as palavras bíblicas são “transportadas” para uma nova “moldura”, com o intuito de provocar novas significações. O leitor é induzido a transferir sua aceitação, sua simpatia, sua crença no gênero anterior para o novo objetivo sociocomunicativo.

Mas, além de apenas umas frases, podemos também “transportar” para outros gêneros características menos formais, ou mais funcionais, mais “amplas” em termos de organização das idéias. O “modelo” de receita culinária usado na unidade 1 é exemplo disso, pois a distribuição das partes – ingredientes e modo de fazer –, a forma de enumerar os ingredientes e as estruturas lingüísticas de interlocução direta com o leitor são características reconhecíveis em qualquer receita.



Indo à sala de aula

O objetivo dos textos de propaganda – “vender” um produto – pode servir de base para uma atividade didático-pedagógica. Pode ser a produção de um texto, oral ou escrito, que vise convencer o ouvinte ou leitor das qualidades de um “produto”, que pode ser uma idéia, um sentimento, uma situação. Devido ao objetivo, nesse gênero publicitário, as seqüências tipológicas predominantes serão argumentativas e descritivas.

Dizemos, em casos de textos que misturam gêneros, que o trabalho com a linguagem constrói diferentes sentidos a partir de diferentes enquadres. A ironia produzida por uma “receita de recessão”, com objetivo de crítica política, deve-se, em grande parte, a essa mudança de enquadre que resultou em um novo gênero textual.

Podemos entender agora porque há uma grande quantidade de gêneros identificados segundo seus propósitos ou objetivos comunicativos específicos, como as bulas de remédio, a programação de cinema, ou mesmo as receitas culinárias. E também podemos entender porque a lista de gêneros é aberta, quase tão extensa quanto os objetivos que motivam a produção de textos.



Atividade 9

Vamos analisar o seguinte texto e compará-lo com outros semelhantes que já encontramos em nossa experiência de vida.

167

Balas para crescimento

Apresentação: Balas coloridas.

Composição: Cada bala contém ingredientes com grandes doses de amizade, amor, beleza, caridade, esperança, fé, fraternidade, humildade, companheirismo e outras virtudes.

Informações ao paciente: Deve ser mantido ao alcance de crianças, velhos e adultos, para ser usado sempre que necessário.

Indicações:

- Bala rosa – canaliza para você a simpatia das pessoas à sua volta.
- Bala branca – acalma a agitação interior, neutraliza as energias negativas e garante a paz.
- Bala vermelha – combate o desânimo.
- Bala verde – é antídoto para quando estiver aborrecido e magoado.
- Bala amarela – abre a mente para solucionar problemas.
- Bala azul – acalma, reforça o bem-estar e o sossego.

Efeitos colaterais: Pode causar dependência.

Reações adversas: durante o tratamento, o paciente poderá apresentar sintomas de bem-estar e verificar que está se tornando uma pessoa melhor.

Validade: agora e sempre.

1. Enumere as diversas seções que compõem o texto.

2. Identifique, entre textos que compõem sua vivência, outros textos que apresentam seções semelhantes. Como se chamam? Para que servem?

3. Que propósitos comunicativos você encontra em textos desse gênero?

4. Apesar dessas semelhanças, que diferenças você poderia assinalar entre esse texto e outros textos de gênero semelhante?

5. Você poderia dizer que se trata do mesmo gênero textual? Por quê?

Como em atividades anteriores, a comparação provocada pela atividade 9 mostra bem como características de um gênero podem ser “transportadas”, podem “migrar” para outro. É a essa maleabilidade que estamos chamando de intertextualidade entre gêneros.

A partir daí, podemos perceber por que os gêneros não acatam uma classificação prévia, mas se realizam e se classificam sempre segundo uma dada situação sociocomunicativa.



Importante

Essa capacidade que os gêneros têm de se realizarem em situações diferentes nós, professores, conhecemos bem.

Sempre que trazemos para a sala de aula textos de diversas fontes, para transformá-los em atividades didático-pedagógicas, estamos explorando essa flexibilidade de gêneros. Isso porque em sala de aula as condições sociocomunicativas da produção de um texto são alteradas. Os objetivos deixam de ser aqueles que motivaram a produção do texto e os interlocutores desempenham papéis sociais diferentes dos interlocutores originais.



Atividade 10

Vamos ler um trecho de outro gênero textual, que, fora dos objetivos escolares, pode ser classificado como monográfico, científico, de divulgação científica ou mesmo didático – dependendo do suporte em que aparece: livro, revista científica, manual escolar, ou semelhantes. Foi escrito por Sírío Possenti, e faz parte de seu livro **Discurso, Estilo e Subjetividade**, p. 57:

Optando pelo conceito de constituição, quer-se ressaltar que as línguas são resultados do trabalho dos falantes. Se foi o trabalho de todos os que falaram uma língua que a levou a um determinado estágio, seria incongruente imaginar que, neste estágio, os falantes não trabalham mais, mas se apropriam do produto. Por outro lado, como nem todos os que trabalham por uma língua são iguais, é de se esperar que o produto apresente irregularidades, desigualdades, traços, enfim, da trajetória de cada um dos elementos constituidores de uma língua. Produzir um discurso é continuar agindo com essa língua não só em relação a um interlocutor, mas também sobre a própria língua.

Sírío Possenti é professor da Unicamp, onde leciona nos cursos de Letras e de Linguística. Tem várias obras publicadas a respeito de língua e linguagem.

169

O texto acima, aqui recortado de sua totalidade, constitui-se num texto didático, objeto de uma análise com finalidade didático-pedagógica. Mas as inter-relações entre gênero e tipos textuais se mantêm.

Vamos, então, trabalhar com a inter-relação entre gênero e as seqüências tipológicas que o constituem.

a) Como se classificam as seqüências tipológicas predominantes? Que marcas formais (sintático-semânticas) conduzem a essa classificação?

b) Considerando o objetivo original (de texto científico), por que você acha que o autor escolheu essas seqüências tipológicas? Que relação tem tal escolha com os papéis sociais dos leitores?

c) Destaque alguma seqüência tipológica que não seja a predominante. Que função exerce essa seqüência no complexo de fatores que caracterizam esse gênero?

d) Se fosse inserido um exemplo, digamos o relato de algum uso específico de linguagem no meio do texto, antes do período iniciado pela expressão “Por outro lado”, o texto continuaria a pertencer ao mesmo gênero textual? Por quê?

170

Esse texto constitui exemplo de como tanto os tipos quanto os gêneros não são rígidos. As mesmas seqüências tipológicas, o mesmo vocabulário, as mesmas estruturas lingüísticas que compuseram o gênero científico original estão aqui presentes nesse exercício didático que, por alterar as propriedades funcionais do texto, o transforma em outro gênero, o gênero didático ou escolar.



Recordando

As propriedades funcionais com as quais estamos lidando são, basicamente, aquelas ligadas aos interlocutores, aos objetivos da comunicação, aos canais – ou suportes – da comunicação, etc. Em suma, representam os aspectos mais sociais, menos formais, da situação sociocomunicativa.

É por meio das práticas sociais – das situações concretas de comunicação – que os gêneros textuais organizam a nossa fala. Por isso, quando temos o intuito de identificar, ou classificar, gêneros precisamos olhar para essas práticas sociais e buscar nelas alguns dos critérios de classificação.

Por outro lado, as escolhas das estruturas gramaticais definem os tipos textuais que irão se “encaixar” nas molduras dos gêneros. Por isso, as análises de gêneros e de tipos textuais devem ficar sempre “de olho” nos dois aspectos, o formal e o funcional.



Importante

Como são produzidos de acordo com normas definidas por uma determinada cultura – ou por certos segmentos de uma determinada cultura – os gêneros representam o resultado, ou produto, do trabalho humano. O uso da linguagem como uma certa forma de *fazer social*, de *ação* entre indivíduos, tem uma dupla finalidade: ao mesmo tempo em que é utilizada como instrumento de ação, também nela deixamos marcas de nossa presença, de nosso uso. E assim, cada vez que mudamos nosso objetivo sociocomunicativo – ou nossos interlocutores –, redimensionamos o gênero textual.

Com as atividades desenvolvidas nesta seção, ressaltamos que não existe uma predeterminação dos gêneros, não existe uma relação fixa entre uma situação sociocomunicativa e um determinado gênero. Não. Os objetivos comunicativos podem sempre ser atingidos por caminhos diversos, embora alguns desses objetivos tenham uma certa “preferência” por alguns gêneros.



Indo à sala de aula

A presença de textos variados nas atividades de sala de aula torna as práticas sociais na escola mais próximas das situações sociocomunicativas que acontecem fora da sala de aula. Apesar de ser inevitável mudar a finalidade – ser utilizado como material didático – de cada texto, o reconhecimento, a análise e a sistematização de critérios que permitem ao aluno desenvolver sua competência textual é parte integrante do conjunto de estratégias coerentes com a abordagem de língua como trabalho.

171

Ao considerar que um gênero textual incorpora tanto aspectos formais quanto funcionais, somos levados a reconhecer que as habilidades lingüísticas de todo falante se estendem tanto para os aspectos formais – estruturais, gramaticais – da língua quanto para seus aspectos funcionais – sociais, culturais.

Conseqüentemente, à escola cabe mais do que focalizar as formas lingüísticas – as unidades gramaticais – como objeto de trabalho. Cabe também ajudar os alunos a se adaptar às características do contexto e a mobilizar os recursos do gênero adequado a cada situação sociocomunicativa. Ou seja, não se esgota no estudo das regras gramaticais um ensino centrado na linguagem como interação: é fundamental ir mais além e despertar nos alunos a consciência de que nos comunicamos por textos, por gêneros, não por palavras isoladas...



Importante

Por causa da natureza de nosso trabalho e do suporte que estamos utilizando, temos privilegiado os gêneros textuais na modalidade escrita, mas, com certeza, você

já pode ter notado que há grande circulação de textos orais no nosso dia-a-dia. A cada diferente atividade que realizamos na oralidade também corresponde um gênero de texto – que guarda semelhanças e diferenças com o anterior –, que pode ter, ou não, correspondente na modalidade escrita...

Em suma: reconhecendo a linguagem como trabalho, estaremos reconhecendo que, por intermédio dela, agimos sobre o mundo, sobre nossos interlocutores e sobre nós mesmos: sobre nossas vontades, pensamentos e emoções. Exercemos nosso trabalho na linguagem quando construímos nossos textos a partir de escolhas lingüísticas que correspondem à nossa história de vida, às nossas experiências e aos nossos propósitos.



Avançando na prática

1. Proponha aos seus alunos um exercício de transposição de gêneros textuais (intertextualidade entre gêneros). Essa atividade pode ser feita em grupos de três ou quatro alunos.

2. Algumas sugestões para essa atividade de produção textual podem ser:

- (a) Receita para um mundo melhor.
- (b) O/A namorado/a dos meus sonhos.
- (c) A escola ideal.
- (d) Um verdadeiro amigo.

3. Para alunos mais avançados em escolaridade, a transposição pode ser entre gêneros não estudados nesta unidade, como bula de remédio, manual de uso ou rol de compras, por exemplo.

4. Faça uma análise conjunta dos textos produzidos

- (a) Que elementos você identifica na estrutura do texto que o assemelham a uma receita culinária?

- (b) Por que, apesar dessas semelhanças, não podemos classificá-lo como gênero receita (ou *bula*, ou *manual*)?

- (c) Que efeitos de sentido o autor consegue levar ao leitor com esse formato de gênero “transportado” de outro gênero?

Obs: O importante a ressaltar aqui é, além do reconhecimento de formatos de gêneros, a plasticidade, a maleabilidade dessa formatação.



Resumindo

Como produtos sociocomunicativos, os gêneros textuais não comportam uma classificação pré-determinada, ou exaustiva. E essa flexibilidade se estende também à própria capacidade de usar um gênero típico de uma situação em outra situação sociocomunicativa. Ou seja: em cada situação os gêneros podem “migrar” de uma formatação específica para outra, buscando objetivos sociocomunicativos diferentes.

Esse caminho – de transferência de um gênero para outro – também vale para a produção de textos na escola. Os textos são escolares na medida em que são construídos na escola, mas buscam sempre “reproduzir” gêneros que têm vida também fora dos limites escolares. Não deixam, no entanto, de ser objetos válidos e pertinentes no processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é importante reconhecer que a circulação de gêneros na escola deve ser muito variada para que seja possível articulá-la com a circulação de gêneros fora da escola e as práticas escolares sejam as menos artificiais possíveis.

Leituras sugeridas

BRAIT, B. PCN, “Gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade”. In: Roxane Rojo (org.), *A prática de Linguagem em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, p. 15-26, 2002.

Trata-se de um artigo que faz parte de um conjunto de reflexões sobre as consequências teóricas e práticas dos PCN. Este ensaio, assinado por Beth Brait, mostra como a questão dos gêneros reaparece nas tendências atuais dos estudos da linguagem. A base teórica inicial são os conceitos desenvolvidos por M. Bakhtin, que não se prestam a uma aplicação mecânica em sala de aula, mas que colocam o gênero como uma unidade lingüística e sociocomunicativa.

BONINI, A . *Gêneros textuais e cognição*. Florianópolis: Insular, 2002.

É a formatação em livro de uma tese de doutorado em psicolingüística, que explora os aspectos cognitivos da organização dos gêneros textuais. Mostra como os gêneros se organizam mental e socialmente para atender às finalidades comunicativas. Trata-se de uma abordagem um tanto abstrata, mas que apresenta aplicações a gêneros como notícias de jornal, editorial, narrativa de experiência pessoal, entre outros.

KOCH, I. G, V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

É um livro dedicado a tratar o texto como um “construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado”. O livro se declara “um pequeno farol a orientar essa constante caça ao sentido que caracteriza a espécie humana”. Aborda tanto as características textuais – como coesão, coerência e progressão temática – quanto os gêneros em que os textos se realizam. Como outras obras da autora, parte da consideração da linguagem como ação, como atividade constitutiva.

Bibliografia

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes [1953], 1992.

BONINI, A. *Gêneros textuais e cognição*. Florianópolis: Editora Insular. BRAIT, B. PCN, Gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade. In: Roxane Rojo (org.), *A prática de Linguagem em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, p. 15-26, 2002.

BRANDÃO, H. N. (coord.) *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRONCKART, J.P. *Atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC – Editora da PUC [trad. Anna Rachel Machado], 1999.

DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (org.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna Ltda, 2002.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais; constituição e práticas sociais*. São Paulo: Cortez, (no prelo).

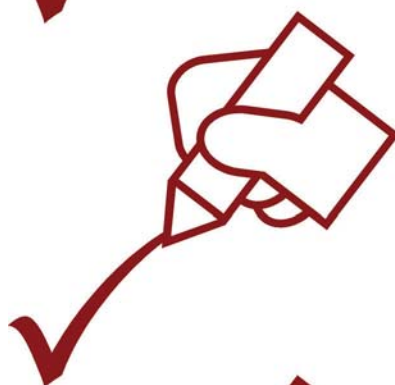
_____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita. In: (1º SEMINÁRIO DE FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA). *Anais*. São Paulo, p.139-155, 1999.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. *Os gêneros escolares – das práticas escolares aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação 11: 5-6, 1999.

VIVELA, M. & KOCH, I. G. V. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Correção das atividades



Correção das atividades

Atividade 1

1. João amava Teresa. Teresa amava Raimundo. Raimundo amava Maria. Maria amava Joaquim. João foi para os Estados Unidos. Teresa foi para o convento. Raimundo morreu de desastre. Joaquim suicidou-se. Lili casou-se com J. Pinto Fernandes.
2. Os três primeiros versos repetem o mesmo verbo para sujeitos diferentes. Os outros indicam ações diferentes para cada sujeito.
3. Sim, porque passa de um estado para outro. Há mudanças nos acontecimentos que implicam mudança no tempo.
4. Porque reforça a idéia de repetição do desencontro dos sentimentos e das ações das personagens.
5. Quadrilha é uma dança em que os parceiros trocam de lugares. De maneira figurada, também os parceiros nesse poema trocam “de lugar” nos sentimentos uns dos outros.
6. O tipo é narrativo porque o texto faz uso, predominantemente, de verbos de ação e desenvolve-se no tempo, além de apresentar articuladores de consequência, como “que” e “e”.

Atividade 2

179

1. Foram seqüências descritivas e narrativas, com predominância das primeiras.
2. Foram seqüências narrativas e descritivas, com predominância das primeiras.
3. O texto representante do romantismo tem preferência pelas seqüências descritivas. Ex: “ainda azulava no horizonte”, “a virgem dos lábios de mel”, “os cabelos mais negros que a asa da graúna”, “mais rápida que a ema selvagem”, “o pé grácil e nu”.
4. É o realismo, porque mesmo quando apresenta seqüências descritivas, elas são mais sucintas e com menos adjetivos.

Atividade 3

1. (a) Resposta livre, mas algo como os exemplos, as atitudes, são mais importantes que as palavras.
(b) Descritivo, porque predominam os verbos de estado e qualificativos.
2. (a) Resposta livre, correspondendo à idéia de que, se você for muito curioso, poderá ser punido.
(b) Tipo narrativo.
3. (a) Resposta livre, com a idéia de que silenciar pode ser melhor do que falar.
(b) Tipo descritivo.

4. (a) Resposta livre, com a idéia de que não basta apenas esperar a ajuda de Deus; de que é necessário também cada um procurar fazer o que é necessário.

(b) Tipo expositivo.

5. (a) Resposta livre; algo como cada um deve tratar os outros como gostaria que os outros o tratassem.

(b) Tipo prescritivo ou injuntivo.

Atividade 4

(a) seqüência descritiva; (b) narrativa; (c) descritiva; (d) expositiva; (e) descritiva; (f) narrativa; (g) expositiva.

Atividade 5

(a) Resposta livre. A linguagem utilizada deve ser formal, objetiva, clara, sem mais informações que as do tema motivador da carta. O tratamento deve ser distante, sem indicar intimidade.

(b) Resposta livre. A linguagem deve ser mais informal; os assuntos tratados podem variar e o tratamento deve ser próximo – ou íntimo –, até mesmo carinhoso.

(c) Resposta livre. As características observadas devem ser as indicadas acima. A tendência é que seqüências descritivas, no primeiro texto, sejam restritas aos objetos pedidos, enquanto no segundo texto são livres. As seqüências narrativas, no primeiro texto, atêm-se ao acontecimento gerador do pedido; no segundo são livres, podendo até ser incluídas seqüências narrativas de outros assuntos.

Atividade 6

(a) Os dois textos respeitam o registro culto da linguagem, apesar de apresentarem trechos de informalidade. No texto 1, em meio a estruturas sintáticas da norma culta e ao respeito às regras de concordância, por exemplo, a informalidade está no emprego impessoal do verbo *ter* e na expressão “é de meter a cabeça na parede”. O texto 2 é mais formal que o primeiro. Há os mesmos traços de norma culta e apenas a marca de informalidade no emprego do pronome átono iniciando sentença.

(b) L. Vilela procura convencer o leitor, mas utiliza mais seqüências expositivas e descritivas; as seqüências narrativas estão a serviço do tipo expositivo.

(c) Lygia Fagundes Telles utiliza, predominantemente, seqüências narrativas a serviço do tipo expositivo. Os verbos de opinião produzem seqüências argumentativas explícitas.

(d) O gênero é “entrevista”. A característica textual decisiva para tal classificação é a ocorrência de perguntas e respostas sobre temas determinados.

Atividade 7

1. As respostas são livres, mas a proximidade dos interlocutores conduz a textos informais e a tratamentos de intimidade.

(a) O telefone permite o diálogo imediato, mas exige que cada um fale em tempos seqüentes para que se ouçam.

(b) O e-mail admite interlocução praticamente simultânea, como o telefone, mas será por escrito, com as características próprias – de abreviaturas – típicas da escrita por esse veículo.

(c) O telegrama não estabelece interlocução simultânea, como o bilhete, mas é econômico nas palavras; pode até suprimir artigos e preposições. Geralmente é utilizado para comunicação distante, em outras cidades ou países.

2. Resposta livre. Os comentários devem abordar as características resumidas acima.

Atividade 8

1. Resposta livre. Sugestão: no contexto religioso, o homem veio, figurativamente, do barro, e, ao morrer, volta, literalmente, ao barro.

2. Resposta livre. Sugestão: no texto publicitário, as estradas percorridas pela camionete são literalmente de barro.

3. Resposta livre. Sugestão: a situação sociocomunicativa e os objetivos dos textos direcionam para uma compreensão ou outra.

4. Resposta livre. Sugestão: a imagem esclarece a que barro (literal) o texto se refere.

5. Resposta livre. Sugestão: apenas a S10 permite escapar do pó; com as concorrentes, o pó, o barro, a lama podem ser obstáculo.

6. Resposta livre. Sugestão: o contexto direciona para o gênero publicitário. A imagem contribuindo para a compreensão do que pretende o texto e o veículo – revista – induzem à interpretação do texto como de gênero publicitário.

181

Atividade 9

1. Apresentação; composição; informações ao paciente; indicações; efeitos colaterais; reações adversas; validade.

2. São as bulas de remédios. Servem para informar e instruir os pacientes a respeito da ingestão de medicamentos.

3. Resposta possível. São bulas de remédio...

4. Resposta possível. Os temas...

5. Resposta possível. Não se trata do mesmo gênero...

Atividade 10

(a) O texto é predominantemente argumentativo porque usa conectivos de consequência e faz apelos a raciocínios lógico-semânticos. Objetiva fazer o leitor crer em uma determinada visão de mundo: a língua é trabalho e traz marcas disso.

(b) Porque o gênero científico apóia-se, predominantemente, no tipo argumentativo. A relação entre os interlocutores é aquela de alguém que mostra, que prova aos

leitores algumas idéias.

(c) Por exemplo, a seqüência descritiva “o produto apresente irregularidades, desigualdades, traços, enfim, da trajetória de cada um” está a serviço do tipo argumentativo, porque integra argumentos que subsidiam o autor na comprovação de suas idéias.

(d) O exemplo poderia ser narrativo, mas o gênero continuaria a ser o mesmo – artigo científico ou ensaio – , pois o objetivo maior e o tipo predominante continuariam os mesmos.

PARTE II

TEORIA E PRÁTICA 3

LIÇÃO DE CASA

Lição de casa 1



Lição de casa

Nas unidades 1 e 2, foram propostas seis atividades, nas seções **Avançando na prática**, para que você pudesse desenvolver com seus alunos. Escolha uma delas e registre, por escrito, toda sua experiência, desde os aspectos facilitadores até os aspectos em que você e seus alunos encontraram mais dificuldade. Registre também suas observações e sugestões a respeito.

Na próxima oficina, você entregará esse registro ao Formador e compartilhará com seus colegas seus comentários e observações.



Lição de casa 2



Lição de casa

Nestas duas unidades, em que trabalhamos os tipos textuais e sua inter-relação com os gêneros textuais, propusemos algumas atividades para desenvolver com seus alunos nas seções **Avançando na Prática**. Escolha uma dessas atividades para fazer um relato por escrito e entregá-lo ao Formador na próxima oficina. Seja franco a respeito das dificuldades e das facilidades encontradas. Suas observações vão ser valiosas tanto para o Formador quanto para seus colegas.



PARTE III

TEORIA E PRÁTICA 3

OFICINAS

Oficina 5

Unidade 10

Prezado Professor,

1. Nestas duas unidades, vimos como todos nós já temos, intuitivamente, a idéia de gênero textual. Nosso objetivo, agora, é sistematizar, em forma de classificação aberta, tal conhecimento. Essa classificação é aberta porque não há uma listagem já construída que possa nos servir de guia. Nós vamos fazer a nossa “lista”.

2. Vamos agora pensar juntos sobre a transposição didática do que vimos nessas unidades sobre gêneros textuais.

Parte I (30 minutos)

A primeira parte da reunião está reservada para comentários e sugestões a respeito dos assuntos e atividades focalizados nessas duas unidades.

Para que as discussões sejam mais objetivas e proveitosas, você poderá levar anotados os tópicos sobre os quais gostaria de tecer comentários ou esclarecer dúvidas.

Parte II - Relato de experiência (50 minutos)

1. Aqui o objetivo é partilhar acertos e dificuldades; por isso, você deve trazer o resultado de sua prática por escrito para entregar ao Formador e apresentar aos colegas.

2. Escolha uma das atividades propostas nessas duas unidades sob o título de **Avançando na prática pedagógica**, oriente sua aplicação para a realidade de sua sala de aula e relate como se deu essa experiência:

(1) Como você planejou a atividade?

(2) Que dificuldades teóricas encontrou?

(3) Que dificuldades de aplicação encontrou?

(4) Que soluções encontrou para essas dificuldades?

(5) A que resultados positivos você e seus alunos chegaram?

(6) Como você avalia o alcance de seus objetivos?

(7) Você teve oportunidade de discutir essa prática com seus colegas ou com seu coordenador? Como vocês avaliaram os resultados?

Parte III - Proposta de atividades (120 minutos)

1. Vamos ler um texto que será o centralizador dessa nossa sistematização. Já vimos que nenhum tema é específico do gênero literário, ou da poesia. Também nenhum tema deve ser excluído dos objetivos da poesia. As finalidades do gênero e as maneiras de explorar os jogos de linguagem podem compensar um tema “pouco poético”.

2. Temos aqui a proposta de duas atividades. Você deve escolher uma para se juntar a dois ou três outros colegas e desenvolvê-las.

3. Planeje atividades de leitura, interpretação e produção de textos visando à análise, caracterização e classificação dos gêneros textuais que esses exemplos realizam.

Texto 1

O primeiro texto aqui proposto é um exemplo de como um tema do cotidiano pode ter tratamento poético e compor um gênero literário. Trata-se de um texto de Manuel Bandeira sobre uma tragédia de um brasileiro, noticiada nos jornais da época, que ele transformou em poema. Morro da Babilônia é uma favela no Rio de Janeiro e Lagoa Rodrigo de Freitas é uma lagoa na cidade do Rio de Janeiro que dá nome também a um bairro de classe média.

Manuel Bandeira, poeta e escritor brasileiro, nasceu no Recife — PE, em 1886, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1968. Foi criança ainda para o Rio, onde interrompeu os estudos antes dos vinte anos por causa da tuberculose. Fez tratamento, inclusive na Suíça, sobreviveu à doença mas seus versos ficaram marcados pela preocupação com o sofrimento e com a morte. Foi um dos maiores nomes do modernismo brasileiro.

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira-livre e morava no morro da Babilônia

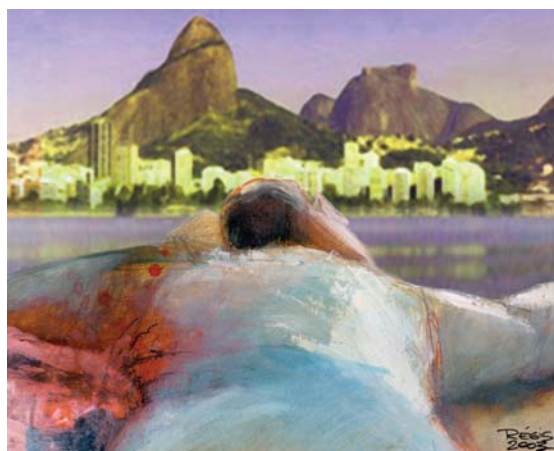
[num barraco sem-número]

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou



Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Texto 2

Já vimos que a situação sociocomunicativa é que define um gênero textual: os objetivos comunicativos são o critério maior adotados para organizar as idéias em um texto. Vimos também que a oralidade e a escrita se entrelaçam na produção de alguns gêneros. As músicas que ouvimos ou cantamos são bom exemplo disso: na escrita podem ser consideradas poemas, mas a melodia com que as cantamos acrescentam a esse poema características que as tornam diferentes de um poema.

Os versos desta canção, de autoria de Gilberto Gil e Nana Caymmi, retratam um momento na vida de um trabalhador. Vamos refletir sobre isso.

Bom dia

Madrugou, madrugou
A mancha branca do sol
Acordou o dia
E o dia já levantou

Acorda meu amor
A usina já tocou
Acorda, é hora
De trabalhar meu amor

Acorda é hora
O dia veio roubar
Teu sono cansado
É hora de trabalhar

O dia te exige
O suor e o braço
Pra usina do dono
Do teu cansaço

Acorda meu amor
É hora de trabalhar
O dia já raiou
É hora de trabalhar

Madrugou, madrugou
A mancha branca do sol
Acordou o dia
E o dia já levantou

Ele sai, ele vai
A usina já tocou
Bom dia, bom dia
Até logo, meu amor.

(do disco Gil&Milton, Warner Music Brasil)



Parte IV - Avaliação da oficina (20 minutos)

Considerando os objetivos a serem atingidos e a validade das atividades propostas, faça, em conjunto com seus colegas, uma avaliação da oficina. Sugira as alterações e os ajustes que considerar necessários para que as próximas oficinas sejam produtivas.

Parte V - As próximas unidades (20 minutos)

Refleta sobre a inter-relação entre a leitura e a produção de um texto.

O que você consideraria uma “leitura ativa”?

Oficina 6

Unidade 12

Prezado Professor, prezada Professora,

Ao final destas duas unidades, como sempre fazemos, apresentamos a sugestão de uma oficina para ser realizada com seus colegas e com o Formador por um período de quatro horas. Nosso objetivo é propiciar-lhe atividades que possam auxiliá-lo em sua prática pedagógica.

Parte I (30 minutos)

Esta primeira parte da reunião será dedicada a observações, discussões e críticas sobre o desenvolvimento dos assuntos e das atividades propostas, incluindo o texto de referência. Como todos deverão participar, a objetividade é importante: anote os pontos relevantes para levar à discussão.

Parte II – Relato de experiências (50 minutos)

Escolha uma das atividades propostas nas seções **Avançando na Prática** e a desenvolva com seus alunos. Anote os resultados, os pontos positivos e negativos para comentar com os colegas e com o Formador, a quem você entregará um relato por escrito.

194

O objetivo desta parte é partilhar acertos e dificuldades e trocar experiências que sirvam de apoio à sua futura prática pedagógica .

Parte III – Proposta de atividades (120 minutos)

A. As atividades 5, na Unidade 11, e 4, na Unidade 12 – já feitas por você – serão utilizadas como fio condutor de uma reflexão sobre os conceitos fundamentais trabalhados nessas unidades. Essa atividade será feita em conjunto, com a colaboração de todos.

B. Vamos, agora, aplicar o que já aprendemos a respeito do tema destas duas unidades a um texto novo, que será centralizador da nossa sistematização sobre gêneros e tipos textuais. Trata-se do texto de um conhecido humorista, publicado em uma revista de circulação nacional algum tempo atrás.

Texto

(a) Forme, com seus colegas, grupos de três ou quatro pessoas para ler e analisar o texto da página ao lado.

(b) Metade dos grupos deve enumerar argumentos para que o texto seja considerado um exercício de redação escolar.

(c) A outra metade deve enumerar argumentos que mostrem não se tratar de um exercício escolar.

Composição: O salário mínimo

O salário mínimo é tão pequeninho que cabe até no meu bolso. É por isso que ele é chamado de mínimo, que quer dizer que menor não tem.

Meu pai diz que o salário mínimo é um dinheiro que não serve pra nada, mas na televisão o moço disse que só pode isso mesmo, e está acabado. Meu pai quase quebrou a televisão depois que o moço falou.

Meu pai anda chamando o salário mínimo de um outro nome, mas eu não vou dizer aqui, porque outro dia eu disse esse nome no recreio e a professora me deu um castigo.

O salário mínimo deve ser muito engraçado porque, quando falaram que ele tinha aumentado, lá em casa todo mundo deu risada.

Meu pai disse que uma vez um homem que era presidente falou que se ganhasse salário mínimo dava um tiro na cabeça, mas eu acho que ele estava brincando, porque quem ganha salário mínimo não tem dinheiro pra comprar revólver.

O meu pai não ganha salário mínimo mas com que ele ganha também não dá pra comprar muitos revólveres a não ser de brinquedo e só de vez em quando.

O meu avô é aposentado. Ele não faz nada mas parece que já fez. Ouvi dizer que o salário mínimo não aumentou mais por causa dele. Eu não sabia que o meu avô era tão importante. Minha avó não é aposentada também, ela é muito velhinha, não dá pra ser mais nada.

Lá em casa falaram que com esse salário mínimo não vai dar mais pra comprar a cesta básica. Eu não sei muito bem o que é a cesta básica, mas parece que tem comida dentro. Se for, é só diminuir bastante o tamanho da cesta que aí cabe tudo.

Ouví meu tio desempregado dizendo que tem um livro chamado Constituição, onde está escrito que com o salário mínimo a pessoa tem que comer, morar numa casa, andar de condução, se vestir e uma porção de coisas. Catado do meu tio. A falta de emprego está durando ele de dindin.

Quando eu crescer não vou querer salário mínimo, mesmo que seja o dobro. Parece que ele é tão pequeno que mesmo que seja o dobro do dobro ele continua mínimo.

A minha mesada é muito pequena, mas ainda bem que ninguém inventou a mesada mínima, porque com o que a minha mãe me dá quase não dá pra comprar figurinha.

Pronto. Isso é o que eu penso do tal salário mínimo. Espero que a professora me dê uma boa nota porque ela é muito boazinha e merece ganhar muito mais do que todos os salários mínimos juntos.

Sei mais uma coisa: se eu fosse presidente da República mudava o salário mínimo para um salário bem grande e chamava ele de salário máximo.

(d) Utilize as seguintes questões como roteiro para a discussão nos grupos:

i. Pense em outros textos que você conhece bem e compare-os com esse. O que você pode observar de semelhante? O que você pode observar de diferente?

ii. Que gênero textual serviu de base para o autor? Por que você acha que ele escolheu esse gênero? Que efeitos ele procurou com essa escolha?

iii. Que seqüências tipológicas aparecem nesse texto? Destaque duas de cada tipo que você encontrar. Qual é a predominante? Por quê?

(e) Voltando ao grande grupo, vamos sintetizar as impressões que a leitura do texto nos causou.

(f) As apresentações de cada grupo menor, a respeito da análise do texto, vão originar um debate oral sobre essas duas posições, o que vai ressaltar como os gêneros são utilizados em diferentes situações comunicativas e como sua composição tipológica não é nem homogênea nem previsível.

Parte IV – Avaliação da oficina (20 minutos)

Considere os objetivos desta oficina, e os objetivos das unidades que lhe servem de tema, e faça suas observações a respeito. É muito importante que você seja franco a respeito das atividades propostas para que as próximas oficinas possam sempre melhorar.

Parte V – As próximas unidades (20 minutos)

Tratamos, nestas unidades, da classificação de gêneros e tipos textuais. Esse tema nos leva a refletir sobre o aspecto cultural da linguagem e as práticas sociais que se constroem pelo uso da linguagem. Chamamos a isso letramento. O que essa palavra traz à sua mente? O que sua intuição diz a respeito desse termo? Como você acha que leitura, escrita e letramento se relacionam? Se quiser, procure alguns textos a respeito de letramento, pois esse será o tema de nossas próximas unidades.